

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

KAMILA SILVA DE ALMEIDA LUDWIG

**FILHOS DA VIOLÊNCIA CONJUGAL:  
PESQUISA BIOGRÁFICA COM ÓRFÃOS**

Porto Alegre

2015

KAMILA SILVA DE ALMEIDA LUDWIG

**FILHOS DA VIOLÊNCIA CONJUGAL:  
PESQUISA BIOGRÁFICA COM ÓRFÃOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Hermílio Pereira dos Santos Filho

Porto Alegre

2015

KAMILA SILVA DE ALMEIDA LUDWIG

**FILHOS DA VIOLÊNCIA CONJUGAL:  
PESQUISA BIOGRÁFICA COM ÓRFÃOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientador: Dr. Hermílio Pereira dos Santos Filho

---

Examinadora: Dra. Lúcia Helena Alves Müller

---

Examinadora: Mariana Barcinski

Porto Alegre  
2015

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a família e aos amigos pela torcida, paciência e auxílio. Ao meu marido Paulo Ludwig pelo companheirismo e empenho em tornar mais leve o período do mestrado. Ao meu pai Rubem por sempre estimular o melhor de mim. À minha mãe Tânia, que desembarcou desta jornada há 14 anos, mas que segue me inspirando diariamente. A minha irmã Grazielle e a minha avó Maria pelo apoio incondicional. Ao mestre Hermílio Santos pelo zelo, dedicação e cuidado com o trabalho. A Fabíola Bach, editora de Zero Hora, que me colocou em contato com o tema violência doméstica em meu ofício como repórter. Ao Joaquim por dividir comigo a sua história. Aos colegas, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS. As professoras Lúcia Müller e Mariana Barcinski pelo debate edificante acerca do tema.

## RESUMO

A presente pesquisa propõe uma discussão acerca da violência doméstica e da orfandade. Por meio da abordagem metodológica desenvolvida pela pesquisadora alemã Gabriele Rosenthal, sociologicamente fundamentada nos estudos de Alfred Schutz, foi possível permear o *mundo da vida* de Joaquim e compreender de que maneira ele experienciou a morte da mãe em um contexto de violência doméstica. O ponto central deste estudo refere-se à construção subjetiva e biográfica da orfandade nestas circunstâncias.

Após percorrermos os passos da análise biográfica foi possível comparar conteúdos manifestos e latentes da narrativa do entrevistado e concluir que, apesar de marcante na vida de Joaquim, a morte da mãe não é o tema central da sua biografia. O fio condutor da sua trajetória é o fato de ter crescido em abrigo "sem pai nem mãe". É com relação a esta situação que busca recursos para sobreviver e para se livrar do estigma. Um dos diferenciais desta dissertação está, portanto, em conectar o individual com o social, a partir da análise de um caso único — Joaquim que teve a mãe morta quando ele tinha cinco anos — e, com esta abordagem metodológica, produzir teoria.

Para que se chegasse a este entendimento foram discutidos, ao longo do trabalho, conceitos centrados em família, violência doméstica, morte e orfandade. O objetivo é cooperar com um debate ainda pouco explorado no Brasil e também demonstrar de que maneira a abordagem de narrativa biográfica pode contribuir com a sociologia brasileira.

**Palavras-chave:** Violência doméstica. Orfandade. Narrativas Biográficas. Fenomenologia.

## ABSTRACT

This research presents a discussion about domestic violence and orphanage. Through the methodological approach developed by the German researcher Gabriele Rosenthal, sociologically established by the studies of Alfred Schutz, it was possible to permeate Joaquim's *life-world* and understand how he experienced his mother's death in a context of domestic violence. The focus of this research refers to the subjective and biographical construction of orphanage in a domestic violence context.

After the biographical analysis steps, it was possible to compare manifest and latent contents of Joaquim's narrative and come to the conclusion that, despite the importance in the interviewee's life, the death of his mother is not the main episode of his biography. The connecting thread of his trajectory is the fact that he grew up in an orphan asylum, without his father and his mother. This situation is what makes Joaquim try to find resources to survive and get rid of the stigma. One of the distinguishing aspects of this work is that it connects the individual to the social spheres with the analysis of a single case - Joaquim's mother was murdered when he was five years old - and, with this methodological approach, produces theory.

Concepts of family, marital violence, death and orphanage are presented. The goal is to contribute with a discussion that still is not very explored in Brazil and to demonstrate how the biographical narrative approach can contribute with sociology in Brazil

**Keywords:** Domestic violence. Orphanage. Biographical narrative. Fenomenology.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sinais de transcrição .....	69
Quadro 2 - Memorando da entrevista .....	75
Quadro 3 - Tipos textuais com base nos quais são divididas as sequências da vida narrada pelo biografado .....	82

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>FAMÍLIA E VIOLÊNCIA</b> .....	<b>20</b>
2.1	VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: EXPOSIÇÃO DOS FILHOS ÀS AGRESSÕES DO CASAL .....	22
2.2	A MORTE ENVOLTA EM INCERTEZA .....	28
2.3	ESTRATÉGIAS PARA LIDAR COM A ORFANDADE .....	31
<b>3</b>	<b>SOCIOLOGIA COMPREENSIVA: EXPLORANDO A INTERPRETAÇÃO DO SUJEITO</b> .....	<b>34</b>
3.1	SOCIOLOGIA FENOMENOLOGICAMENTE FUNDAMENTADA .....	36
3.2	SOCIÓLOGOS E A BIOGRAFIA .....	42
3.3	NARRATIVAS BIOGRÁFICAS .....	48
<b>4</b>	<b>ORFANDADE POR VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM NARRATIVAS BIOGRÁFICAS</b> .....	<b>53</b>
4.1	A ENTREVISTA BIOGRÁFICA .....	62
4.2	PREPARAÇÃO PARA A ANÁLISE .....	73
4.3	ANÁLISE DOS DADOS .....	76
4.3.1	Análise sequencial dos dados biográficos .....	77
4.3.2	Análise de texto e do campo temático .....	79
4.3.3	Reconstrução da história do caso .....	84
4.3.4	Análise detalhada de passagens textuais selecionadas .....	85
4.3.5	Contraste da história de vida vivenciada com a história de vida narrada .....	85
<b>5</b>	<b>RECONSTRUÇÃO DO CASO BIOGRÁFICO: UMA FORMA DE VIVER A ORFANDADE POR VIOLÊNCIA DOMÉSTICA</b> .....	<b>88</b>
5.1	RECONSTRUÇÃO DA VIDA VIVENCIADA DE JOAQUIM.....	91
5.1.1	Infância dividida em duas fases .....	91
5.1.2	Morte da mãe e incertezas.....	93
5.1.3	Acolhimento e abandono .....	100
5.1.4	Ausência da figura paterna .....	106

<b>5.1.5</b>	<b>Período nos abrigos e o estigma: o centro da orfandade .....</b>	<b>108</b>
<b>5.1.6</b>	<b>Adolescência e reaproximação com o mundo familiar .....</b>	<b>114</b>
<b>5.1.7</b>	<b>Honra e masculinidade .....</b>	<b>119</b>
<b>5.1.8</b>	<b>Rompimento identitário .....</b>	<b>122</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>132</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>136</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Mergulhar na vida do outro é algo que faço por ofício, quase que diariamente. Há 10 anos trabalhando como repórter, o que me move são as histórias, os relatos e a forma como os outros enxergam o mundo e processam suas dores. Buscava nas Ciências Sociais um recurso para sair da superfície da sociedade e enxergar de perto, de uma forma mais ampla, o que tantos conflitos e tanta violência poderiam significar. Desta forma, estava eu em terreno seguro quando me encantei pelo método de narrativas biográficas. Pensei ter encontrado no estudo biográfico uma forma de tornar mais palpável e menos complicada a minha iniciação na sociologia.

O primeiro choque, que desmontou esta ideia, ocorreu frente ao entrevistado. Eu havia passado por um workshop sobre o método de narrativas biográficas e lido a respeito da forma aberta da pergunta inicial em que se deixa claro ao biografado que tudo nele interessa à pesquisa, e que é ele quem vai escolher o que contar e não o pesquisador que fará perguntas para guiá-lo.

Mas foi somente diante de Joaquim<sup>1</sup> — um menino de 1m74cm, pardo, cabelos negros encaracolados aparados rente à cabeça — que entendi a complexidade do que estava prestes a iniciar. Compreendi que naquelas duas horas e meia trancados frente a frente em uma sala da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), na expectativa de um quase-monólogo biográfico, estaria eu tão exposta quanto ele.

Assim como não interessa apenas o que o entrevistado fala, mas como ele se expressa, o que está por debaixo do discurso — o latente — e como ele interpreta o passado, o mesmo vale para o pesquisador. As perguntas também são analisadas, pois elas podem interferir no curso da narrativa. Desta forma, a primeira grande dificuldade que encontrei ao aplicar o método foi em evidenciar as minhas fragilidades. Peguei-me relutante em analisar as perguntas, as minhas atitudes, as minhas intervenções quando percebi que, mesmo sem questionar nada, era o meu comportamento que fazia a fronteira entre extrair a essência de uma narrativa ou apenas um discurso pronto.

O silêncio, geralmente um aliado nas entrevistas jornalísticas de maior profundidade que procuro fazer, aqui se tornou um tormento. No jornalismo, você pode explorar a ausência de palavras pelo tempo necessário, mas caso desejar quebrá-la, a pergunta é um trunfo. Na

---

<sup>1</sup> Joaquim é o nome fictício do entrevistado. A fim de preservar a identidade do biografado, os nomes de todos os familiares e também de bairros, estabelecimentos comerciais ou instituições que possam identificá-lo foram alterados ou suprimidos.

entrevista narrativa as interrogações diretas e objetivas do entrevistador são substituídas por uma escuta ativa na primeira fase. Ou seja, apesar de ser você quem marcou o encontro, quem está anotando tudo o que o biografado fala, é ele quem está no comando da entrevista.

Nos momentos de desconforto, via-me calando a pergunta, que certamente nos tiraria do mal estar causado pelo silêncio, ou acalentaria o entrevistado, que manifestava a vontade de que eu o interrogasse no início da entrevista até que se habituasse ao mecanismo da conversa.

Como jornalista, este interesse por histórias de vida, geralmente dramáticas, fez com que eu desenvolvesse uma técnica de aproximação e de apuração, incluindo início, meio e fim de conversa, baseada na confiança, na criação de uma atmosfera em que os entrevistados contem suas histórias sem a pressão de um gravador ou da pressa do repórter. Sempre fiz questão de que sentissem estar diante de alguém com pleno interesse naquela história. São duas as formas de mergulhar no outro, tão parecidas quanto diferentes. Nos dois anos de mestrado, creio que uma das maiores lutas tenha sido desconstruir tudo o que havia construído até então.

Mas um conforto veio com a leitura do livro *Pesquisa Social Interpretativa*, de Gabriele Rosenthal (2014b), autora que desenvolveu a pesquisa biográfica proposta por Fritz Schütze e que será aplicada como abordagem metodológica deste trabalho. A autora conta que passou pelo mesmo processo de vício nas técnicas que havia adquirido ao longo da formação acadêmica e da prática em consultoria pedagógica. Ela explica que não há problema em enriquecer o momento da entrevista com recursos próprios desde que eles não desviem o foco do entrevistado, nem influenciem tanto nas respostas dele.

Para explicar o interesse pelo tema *violência doméstica* é também inevitável recorrer à minha vivência no jornal. Foi este um dos primeiros assuntos que cobri com profundidade em meu trabalho como repórter em Zero Hora. Minha porta de entrada foi um serviço do governo estadual, o Escuta Lilás. Trata-se de um aconselhamento por telefone, tanto jurídico quanto psicológico, para mulheres que sofrem violência dentro de casa. Para construir a matéria, passei a ouvir histórias de mulheres de todas as classes sociais que sofriam com a dominação do homem, seja com agressões, ameaças ou ataques à autoestima.

Comecei a prestar atenção em tudo o que envolvia o tema e vi que semanalmente eram divulgados assassinatos de mulheres por motivo passional, conforme eram justificadas pela polícia e reproduzidas pela imprensa. Em maio de 2012, conheci a história de uma família de Sapucaia do Sul. Cansada das agressões, uma professora de 42 anos denunciou o marido na

delegacia, conseguindo uma medida protetiva de urgência, que obrigava uma distância de, no mínimo, 200 metros entre os dois. Meses mais tarde, ele a esfaqueou até a morte. Compreendi que a tragédia não chega de surpresa. Dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul naquela época davam conta de que, em 91% dos casos de assassinatos com violência doméstica, de 2010 a 2012, a polícia havia sido informada do risco pela própria vítima.

Na maior parte dos registros, o casal possuía filhos e eles estavam em meio às brigas. No caso da família de Sapucaia do Sul, os dois filhos adolescentes eram os guarda-costas da mãe para impedir que o pai se aproximasse dela, descumprindo a ordem judicial de aproximação.

Outras tantas reportagens versaram sobre a temática. Instigada pelos meus editores, no início de 2013, iniciei uma reportagem que durou quatro meses de investigação, ouvindo famílias, crianças, especialistas, consultando boletins de ocorrência na Polícia Civil e na Brigada Militar. Conteí o drama da violência doméstica pela ótica dos órfãos, expostos a uma tragédia onde ficam no meio de um fogo cruzado. Nenhum dos pesquisadores na área de Ciências Sociais, psicólogos ou psiquiatras com os quais tive contato sabia de qualquer pesquisa que envolvesse este tipo de órfão. Também não havia política pública para dar conta destas crianças e adolescentes. Discutia-se naquela época que a violência doméstica é amplamente trabalhada do ponto de vista da mulher que sofre violência. Com a morte dela, cessa-se um possível trabalho dos órgãos públicos. E as crianças ficam desamparadas.

As pesquisas todas se voltaram para a violência de gênero e assassinatos de mulheres por maridos, companheiros e ex-companheiros e observaram que os relatos mostram que este é o estopim de uma violência que vai se agravando paulatinamente dentro do lar (MENEGHEL, 2013). Hoje o assunto já é amplamente discutido no Brasil, principalmente depois de 2006, com a criação da Lei Maria da Penha. No contexto internacional, estudos como o de Lenore Walker, sobre a mulher que apanha, já começavam a surgir na década de 1970, nos Estados Unidos, e a tratar o tema como problema social. Ao longo do tempo, inúmeras iniciativas estão sendo criadas para tratar da mulher que apanha, porém, o problema é aparentemente estancado com seu assassinato. De fato, quando a vítima é mãe, se inicia outra fase do problema.

Sobre as consequências para as crianças e adolescentes de presenciar cenas de violência doméstica, Fabiane Rosas e Maria Inês Cionek afirmam que elas "podem ser muito sérias, pois crianças e adolescentes aprendem com cada situação que vivenciam, seu

psicológico é condicionado pelo social e o primeiro grupo social que a criança e adolescente tem contato é a família" (2006, p. 10). Pouco se fala, entretanto, sobre o impacto da morte da mãe em um contexto de violência doméstica na vida dos filhos.

Dados de Zero Hora (28/04/2013), em um caderno encartado no jornal, mostraram que 19 das 99 mulheres mortas em 2012 foram assassinadas na frente dos filhos somente no Rio Grande do Sul. Naquela ocasião, pelo menos 157 pessoas ficaram órfãs. Por se tratar de um tema onde muito do que se tem a dizer está nas entrelinhas, acredito que o método de narrativa biográfica seja o mais plausível para ser trabalhado, colocando em perspectiva a diferenciação entre narrativas e argumentações. Por isto que optei por este método. Outra explicação para a motivação em trabalhar com tal abordagem é, amparada na *Grounded Theory*, a possibilidade de gerar teorias a partir do caso empírico, tendo em vista a escassez de obras que discutam a orfandade por violência doméstica.

Uma das questões que movem esta pesquisadora é tentar entender de que maneira é vivenciada a orfandade pela morte da mãe assassinada pelo parceiro e que efeitos a tragédia desencadeou na trajetória deste órfão.

Alguns estudos sociológicos, por onde iniciei minha caminhada na disciplina, como o de Pierre Bourdieu (2012), salientam que a estrutura social na qual o indivíduo está inserido influi em seu modo de sentir, pensar e agir, tão fortemente que os sujeitos são inclinados a confirmá-la e a reproduzi-la, mesmo que de forma inconsciente. Ouvi falar tanto nesta lógica da reprodução da violência ao longo destes anos de dedicação ao tema, que tal noção começou a me parecer clichê. Afinal, não existe apenas uma forma de experimentar a violência. E todas as outras que estamos deixando de abordar não poderiam ser uma chance de clarear o pouco que se sabe sobre o assunto? Não seriam elas peças auxiliares no desenvolvimento de políticas públicas mais efetivas para conter estes números alarmantes de violência contra a mulher?

Em meio a este processo, no final de 2012, então, com o tema de interesse definido para iniciar o Mestrado, procurei pelo professor Dr. Hermílio Santos. Na primeira conversa que tivemos, ele contou sobre a abordagem de narrativa biográfica, consolidada na Alemanha, desde a década de 1970.

No Brasil, hoje, pelo menos dois projetos de pesquisa adotam a abordagem de narrativa biográfica tal como proposto por Rosenthal. Um deles chama-se "Violência e narrativas biográficas: experiências de jovens brasileiros" e o outro, "Infância e violência:

cotidiano de crianças pequenas em favelas do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo". Ambos são coordenados pelo professor Hermílio Santos.

Antes mesmo de iniciar as aulas do Mestrado, em 2013, participei de um workshop com Rosa-Maria Brandhorst, doutora pela Universidade de Göttingen, orientada pela professora Gabriele Rosenthal. A imersão na condução e análise de narrativas, tema do encontro, foi fundamental para esta dissertação. Somado a isto, no primeiro semestre daquele mesmo ano, o Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPG) da PUCRS recebeu a professora Michaela Köttig, da Fachhochschule Frankfurt am Main, que trabalha há anos com o método e cujas aulas e a oportunidade de esclarecer dúvidas foram de suma importância. Amparada pelo professor Hermílio e com a ajuda dela, construímos alguns dos parâmetros para esta pesquisa. Definimos que precisaríamos de entrevistados adolescentes, que tivessem experienciado a morte da mãe por violência doméstica na infância. O recorte por adolescentes foi mais pelo fato de buscarmos alguém com maior capacidade de narração. Mas o principal dilema foi o seguinte: se este é um método que busca dar conta de toda a vida do biografado, onde não se deve dizer em detalhes qual é o problema de pesquisa sob pena de influenciar na narrativa do entrevistado, como faria eu para localizar um voluntário para a pesquisa?

Como jornalista, a forma mais rápida e fácil de aproximação de um entrevistado em potencial seria pesquisando em matérias de jornal de anos passados, que tivessem noticiado os crimes, sempre deixando indícios, como a rua em que ocorreu e o bairro. Sobrenomes incomuns também levam rapidamente ao foco, muitas vezes com a simples ajuda de um guia telefônico. Mas se assim o fizesse, teria de explicar à pessoa como a achei e denunciar o tema da pesquisa. Ou mentir.

Um terceiro caminho, mais demorado, foi escolhido. Decidimos que recorreria a locais, como abrigos, instituições prisionais para menores em conflito com a lei, escolas e projetos sociais. Para os profissionais candidatos a fazer a "ponte" com um possível entrevistado, contava que estava em busca de adolescentes cuja mãe tivesse sido morta pelo pai ou pelo padrasto. Pedia a eles que, embora indicasse alguém neste perfil, não explicitasse ao voluntário à entrevista o real interesse. Diziam a eles apenas que a pesquisa estava focada em crianças e adolescentes órfãos de mãe. Foi assim que cheguei a Joaquim, indicado por uma das mais de 50 instituições com as quais tive contato em Porto Alegre.

Já escurecia naquela terça-feira quando telefonei para ele pela primeira vez. Disse que a assistente social do abrigo onde ele crescera havia fornecido o contato e que eu estava

buscando entrevistados com mãe falecida, sem especificar detalhes. Ele não fez perguntas, apenas consentiu em colaborar com a pesquisa.

A personalidade desafiadora de Joaquim, a forma como ele questionava a minha opinião a respeito dos temas que permeava, e como conduziu sua vida para fora do abrigo, buscando a independência, fazem dele um entrevistado muito interessante e rico para a análise. Acostumado a ter a vida registrada em uma pasta, com erros, acertos e incontáveis avaliações sobre seu perfil e comportamento, perguntou: “por que eu preciso falar de mim se você pode ter acesso a todo o meu prontuário, com tudinho o que eu fiz até agora?”. Respondi que se eu pegasse o prontuário leria tudo, inclusive o que ele não gostaria que eu soubesse. A resposta surtiu um efeito positivo e foi ali que percebi, na prática, a eficácia do método, de ingressar na vida do outro pela ótica dele mesmo e não da nossa, sem as nossas perguntas carregadas de preconceito, que pouco acrescentam.

Sobre ler documentos oficiais a respeito do entrevistado, Rosenthal recomenda como uma prática louvável, como "material de arquivo, entrevistas com outros integrantes da família, relatórios médicos ou registros em órgãos públicos, como documentos judiciais" (ROSENTHAL, 2014b, p. 227). No caso de Joaquim, entretanto, apesar de o argumento de que eu não queria ler o prontuário dele para não acessar coisas que ele não quisesse contar ser um artifício para estimulá-lo a narrar a própria, no abrigo me foi negado o acesso aos documentos oficiais sobre ele, sob o argumento de que não tinham autorização da Fundação de Proteção Especial para passar.

Quando chegamos à PUCRS, local combinado para a conversa, dois dias depois do contato inicial, expliquei de que forma aquela entrevista se desenrolaria, ratifiquei o interesse em jovens cuja mãe fosse falecida e passei logo para a pergunta inicial, bastante aberta, dizendo que estava interessada em toda a vida dele desde o dia em que nasceu até agora e que ele poderia escolher a ordem que me contaria sobre a sua história.

Então deixei que escolhesse os temas da sua vida para falar. É o próprio entrevistado que elenca temas marcantes da vida dele e é com o resultado disto que o pesquisador irá trabalhar, sob a fundamentação teórica da *teoria da relevância* de Alfred Schutz. Enquanto as respostas são dadas, além de serem gravadas, o entrevistador anota tudo o que o interlocutor está dizendo para que, assim que finalizada a primeira etapa da entrevista, possa entrar na fase das perguntas de acordo com a ordem em que os temas foram apresentados. Isto requer treino, atenção e paciência. O áudio será utilizado depois, na análise, e as anotações servirão para dar prosseguimento na segunda fase da entrevista.

Para entender o outro, é necessário reproduzir, inclusive, as mesmas palavras usadas pelo entrevistado na fase em que o pesquisador fará perguntas seguindo a sequência em que os assuntos foram apresentados na narrativa principal, o que estará detalhado no capítulo 4, dedicado à metodologia.

Para o pesquisador, uma das primeiras premissas é suspender qualquer ideia preconcebida sobre o assunto. De toda a complexidade que demanda a abordagem de narrativas biográficas, talvez esteja nesta suspensão dos preconceitos a tarefa mais difícil. Por maior que seja o esforço, é impossível esvaziar a cabeça sobre todas as ideias introjetadas até então. É justamente por isto que, neste trabalho, entrevistado e entrevistador estão igualmente expostos, guardadas as devidas proporções, já que se trata de um mergulho na trajetória do outro. Mas no segundo passo da análise, todas as intervenções do entrevistador são analisadas da mesma forma que a do biografado. Isto serve para minimizar uma possível "contaminação", mas não é garantia de neutralidade total.

Todo este cuidado se justifica, pois a entrevista narrativa depende exclusivamente do entrevistado. As intervenções do pesquisador são mínimas, apenas no sentido de estimular o entrevistado a seguir com a narrativa, em busca dos aspectos manifestos e latentes que norteiam as ações daquela pessoa.

O fato de ter lidado com o tema em alguma das minhas reportagens, estudando o assunto e conversando com pesquisadores da área, havia me dado uma noção sobre a violência doméstica e os seus efeitos e, claro, mesmo sem nem perceber, buscava encaixar a história de Joaquim nos conceitos que já conhecia. Um dos mais fortes existentes hoje é a retroalimentação do círculo da violência e de que o meio molda o indivíduo, conforme trabalham Lenore Walker (2009) e Bourdieu (2012), respectivamente.

Ou seja, o mais provável, para mim, era que encontrasse um menino machista, revoltado, e que, possivelmente, reproduzisse a violência. Passei todo o período de análise dos dados tentando suspender o meu imaginário social, é importante esclarecer.

Ao mesmo tempo, a experiência mais recente que tive foi de conversas com dezenas de crianças e adolescentes naquela situação de orfandade, onde a morte da mãe, naquele momento, ainda era uma ferida aberta, pois o foco da reportagem foram aqueles que ficaram órfãos em 2012. Assim, não fazia ideia do que aquela situação havia representado para Joaquim, só não imaginei que ele pudesse simplesmente negar a morte. Foi no decorrer da análise, no entanto, que compreendi o quão rico e útil seria este estudo, de começar a desvendar, mesmo que de forma breve — o pouco tempo do mestrado torna inviável a

reconstrução de mais de um caso — uma biografia, que é única e que se comunica com a realidade, podendo dar conta não de toda, mas de uma parte da coletividade. Entretanto, a análise de uma única biografia pode levar a uma "construção tipológica relacionada ao problema que deu origem à pesquisa" (ROSENTHAL, 2014b, p. 114).

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é interpretar o presente, buscando o que aconteceu no passado do biografado e compreender como a perda da mãe é narrada hoje pelo órfão e como foi vivenciada ao longo da vida. Esta diferenciação entre o narrado e o vivenciado será discutida no capítulo 4. Espero ainda que a reconstrução da biografia de Joaquim, uma forma possível de viver a orfandade, com seus detalhes, especificidades e necessidades, sirva para inspirar também maiores pesquisas nesta área tão carente de informações, pois há muito se investigando sobre as mulheres agredidas e pouco sobre o que ocorre com seu órfão quando a mãe é assassinada.

A abordagem de narrativa biográfica, que será empregada para se chegar aos resultados propostos acima, foi desenvolvido por Gabriele Rosenthal e tem influência de diversos autores, como o sociólogo alemão Ulrich Oevermann, com a sua hermenêutica objetiva, cuja finalidade é desvendar a realidade contida e escondida em cada tipo textual empregado, neste caso, na narrativa, tentando compreender os sentidos que foram atribuídos a uma situação registrada nos relatos do entrevistado. Este será o assunto do capítulo 3, onde também estará aprofundado o passo a passo da metodologia: I) Análise de dados biográficos; II) Análise textual e de campo temático (estrutura da apresentação da pessoa; reconstrução da história de vida; vida narrada); III) Reconstrução da história de vida (vida vivenciada como experiência); IV) Microanálise de trechos textuais individuais; V) Comparação entre história de vida vivenciada e história de vida narrada.

No capítulo 3, será explorada a fundamentação teórica que permite explorar a perspectiva do sujeito, baseada em uma sociologia compreensiva, onde o legado do sociólogo austríaco Alfred Schutz é que baliza o método de narrativa biográfica, principalmente com a sua *teoria da relevância*.

Os fenômenos são examinados tanto a partir da perspectiva subjetiva do indivíduo quanto no contexto geral da sua vida e da estruturação dos seus processos, o que possibilita descobrir regras de estruturação latentes e implícitas. Isto porque a subjetividade se torna objetiva na ação (SHUTZ, 2012). Deve-se enfatizar que a história de vida, a visão interpretativa do passado e a forma como a história de vida é apresentada são todos

constituídos pela dialética entre indivíduo e sociedade, e com ela a ideia de que o geral está implicado no particular.

O produto final da análise, neste trabalho, é a reconstrução de caso a ser detalhada no capítulo 5, que segue os seguintes pressupostos teóricos: I ) é com a reconstrução da gênese de fenômenos psíquicos que se torna possível compreendê-los ou explicá-los. II) O interesse da pesquisa está em conhecer o que foi vivenciado concretamente pelo indivíduo, que sentido foi e ainda é atribuído à ação e em que contexto de significados inserem as suas vivências. III) É só considerando que as declarações do biografado estão inseridas em um contexto mais amplo de vivência, encaixada em uma vida atual e não estagnada no passado, que será possível compreender a narrativa e explicá-la (ROSENTHAL, 2014b, p. 215).

Estes itens são importantes para o problema que norteia esta pesquisa uma vez que, para entender e explicar um fenômeno, voltamo-nos para o passado do biografado. É lá que estão as respostas. E elas serão interpretadas tendo como auxílio o presente e o futuro. É por isto que nesta pesquisa nada é desprezado. É por isto que a história de vida do biografado é analisada por inteiro e a análise dos relatos biográficos não se limita apenas ao interesse de pesquisa, ou a fases específicas da vida do biografado.

Como veremos, na reconstrução do caso de Joaquim, a orfandade do biografado é rodeada de incertezas, tanto quanto à causa da morte da mãe como também quanto aos motivos que fizeram com que ele e o irmão fossem parar em um abrigo. Nossa ambição, no entanto, não é a mesma de um detetive na busca por montar um quebra-cabeças que resulte o mais próximo da verdade. Mais importante do que os fatos tal qual aconteceram, o que nos interessa enquanto cientistas sociais é a maneira como estes assuntos foram vivenciados pelo entrevistados e quais foram os recursos utilizados por ele para dar prosseguimento a sua trajetória, de que jeito tais temas interferiram e ainda interferem em sua ação.

O passado, apesar de já ter acontecido, está sempre em movimento. Ele é sempre interpretado de acordo com as vivências do presente. Rosenthal explica que “narrativas sobre o passado estão diretamente vinculadas ao presente da fala. A situação de vida atual determina o olhar sobre o passado, isto é, produz um passado específico, recordado de acordo com o contexto” (ROSENTHAL, 2014b, p. 217).

Desta forma, o problema de pesquisa parte de perguntas que, na medida em que o trabalho avança, são passíveis de modificações constantes. Dentre os questionamentos estão: I) Como o entrevistado interpreta e apresenta o tema orfandade e violência doméstica a partir da sua narrativa biográfica?; II) Como foram vivenciados e como são apresentados durante a

entrevista? e III) Quais são as outras ligações temáticas que ele faz a partir da sua biografia e que papel desempenham na reconstrução do caso específico?

Este voltar ao passado com o olhar de hoje provoca reações interessantes, inclusive em meio à entrevista. Joaquim, que pouco desabafa sobre suas experiências, deixou escapar: “Acho até que vou dar uma flor para a minha tia”, referindo-se a um sentimento de gratidão que tomou conta dele enquanto relatava seu passado, lembrando da forma como foi acolhido pela irmã da mãe depois da morte dela. Disse que nunca tinha pensado na história daquele jeito.

Para introduzir os temas que norteiam este trabalho, no capítulo 2 serão discutidos conceitos de família, de violência intrafamiliar — com o foco voltado para a violência doméstica e as crianças como vítimas indiretas —, além da teorização sobre a morte em si, envolta em mistério, e as estratégias para se lidar com a orfandade.

Conectados com a biografia reconstruída de Joaquim, ao final da análise, estarão outros temas divididos em subcapítulos do capítulo 5. Dentre eles, a quebra identitária sofrida com o decorrer do tempo de Joaquim no abrigo em que cresceu, a forma como a morte da mãe virou um tabu cercado de mistério para ele e a família e de que maneira o trabalho representou uma espécie de redenção e honra para o órfão em análise. É interessante perceber, neste último capítulo, o quanto a ênfase dada à morte da mãe na vida de Joaquim parte da pesquisadora e não do biografado durante a narrativa e, depois, na análise. Se fosse considerado apenas o relato inicial do entrevistado, talvez este tema passasse despercebido, pois seus esforços para sobreviver e ser aceito estão todos concentrados em minimizar o estigma de ser um ex-abrigado e "não ter pai nem mãe".

Falar da trajetória de Joaquim é falar um pouco da minha. Crescer sem a presença da mãe é uma das tantas formas de ter a vida marcada e nortear as escolhas na busca por um papel a desempenhar perante a sociedade.

## 2 FAMÍLIA E VIOLÊNCIA

Quando se fala em família pode logo vir à mente uma casa, conforto e aconchego. Imagina-se que, se uma pessoa não encontra tais elementos na sua família, dificilmente, os localizará fora dela. Por isto se faz muito importante aqui desenvolver o conceito de família.

Segundo Souza (2013), é da família o dever de manter um clima afetivo, promover a socialização e a transmissão de ideias e valores essenciais aos descendentes no lar. Este lar deve ser um ambiente de amor e felicidade, que aproxima e une as pessoas. Porém, a família moderna tem se mostrado um pouco diferente deste ideal. Com laços mais frágeis, desagrega-se com facilidade. Ainda assim, é a família que deve transmitir regras e valores às crianças e jovens (SOUSA, 2013). Sobre esta questão, Fonseca afirma:

Quem não conhece o mito da família unida, a ideia de que, antigamente, predominava a família extensa, em que todo mundo morava, harmoniosamente, debaixo do mesmo teto? É o combustível que alimenta as denúncias alarmistas sobre a "nova" "desagregação da família" — fruto do capitalismo selvagem, da alienação ou da sociedade consumista ... O que perpassa essas denúncias é a premissa implícita que existe uma família ideal — feliz e "natural" — que corresponde à família conjugal, ideal comum nas camadas médias hoje. Se o padrão familiar de determinada época não se conforma a esse modelo, supõe-se que é por causa de influências negativas (miséria, ignorância) e se, conformando-se ao modelo ideal, a família não é feliz, é por causa de patologias e carências dos indivíduos que a compõem (FONSECA, 2002, p.72).

Almeida e Carvalho (2003) complementam a discussão dizendo que a família é o elemento-chave para a sobrevivência dos indivíduos, além de ser a instituição responsável por prover a proteção e socialização de seus membros e a transmissão do capital cultural econômico, além dos exemplos de relações de gênero (p.109).

Philippe Ariès (2014) mostra que a família moderna começa a se desenvolver a partir do século XIV no mesmo passo em que se inicia uma lenta e progressiva degradação da mulher no lar. E é dois séculos adiante que a mulher casada torna-se uma incapaz. Todos os atos que faz sem autorização do marido ou da Justiça tornam-se nulos.

O autor pontua que as crianças só foram ganhar importância a partir do século XVIII. Desde então, as figuras, os retratos, os desenhos, passam a mostrar a criança como o centro da composição. Porém, a mulher e os filhos tornam-se subordinados ao pai e marido (ARIÈS, 2014).

Mesmo sem haver uma intencionalidade inicial, já que vamos a campo baseados no princípio da abertura proposto por Rosenthal (2014b), inclusive quanto ao objeto de pesquisa, o caso biográfico analisado neste trabalho é oriundo de uma família de baixa renda e, por isto, todas as peculiaridades neste sentido devem ser observadas. Uma das primeiras relativizações

que Cláudia Fonseca (2009) chama a atenção é a de que a constituição de família das classes populares não deve ser enxergada pela ótica da classe média, sob pena de inverdades serem produzidas a partir daí. Ela prega a *desnaturalização* da família, já que ela não é uma categoria analítica universalmente válida (FONSECA, 2009, p. 280). Pelo contrário, é dotada de diversas nuances a serem relativizadas.

Sobre o ato de pesquisar, Cláudia se soma ao que preconiza Gabriele Rosenthal (2014b), para o fato de que a obrigação do pesquisador é praticar uma "auto-vigilância epistemológica, questionando os nossos próprios valores (de classe, gênero, geração e etnia)" para que a nossa realidade não contamine a complexidade que é a análise da vida social (FONSECA, 2009, p. 280).

Para Sarti (2007), a família pobre se constitui como uma rede e não como um núcleo contendo apenas os pais e os filhos. Ela se configura em uma "trama de obrigações morais que enreda seus membros, num duplo sentido, ao dificultar sua individualização e, ao mesmo tempo, viabilizar sua existência como apoio e sustentação básicos" (SARTI, 2007, p. 70).

Nos casos de instabilidade familiar, por separações e mortes, aliada à instabilidade econômica estrutural e ao fato de que não existem instituições públicas que substituam de forma eficaz as funções familiares, as crianças passam a não ser uma responsabilidade exclusiva da mãe ou do pai, mas de toda a rede de sociabilidade em que a família está envolvida (SARTI, 2007, p. 77).

Esta coletivização de responsabilidades é chamada por Fonseca (2002) de *circulação de crianças*. Pensar neste conceito é perceber que há nele um divisor de águas entre aqueles indivíduos que adotam valores de classe média e aqueles que são ligados à cultura popular (FONSECA, 2002).

A figura da família do pobre, segundo Sarti (2007), está associada àquelas pessoas em quem se pode confiar, não necessariamente havendo laços de sangue entre elas. Como não há status ou poder a ser transmitido, o que define o "parentesco" é a rede com que se pode contar, ou seja, que tem obrigações entre si (SARTI, 2007, p. 85).

Porém, a ideia colorida que se tem de família não é pintada em grande parte dos lares. Em muitos deles, há uma incidência grande de violência intrafamiliar. Não entraremos no âmbito da violência física contra a criança, focaremos naquela que é praticada contra a mulher e, por consequência, insere os filhos em um ambiente agressivo, gerando um tipo igualmente perverso: a violência psicológica.

Barros, Bastos, Pone e Deslandes (2013) evidenciam um estudo que aponta que cerca de 40% das crianças que testemunham violência intrafamiliar também são agredidas fisicamente. Eles listam como fatores de vulnerabilidade à violência familiar as condições de

pobreza, falta ou precariedade de moradia, pais desempregados, separação do casal, doença crônica ou morte, família com autoridades desiguais ou cujas relações são centradas em papéis rigidamente definidos, pais ou cuidadores que consideram a punição física como método de disciplina, histórico de violência intrafamiliar, prole numerosa e uma ausência de rede de apoio em situações de crise, dependência química, baixa autoestima e isolamento social.

## 2.1 VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: EXPOSIÇÃO DOS FILHOS ÀS AGRESSÕES DO CASAL

A violência doméstica remete a uma relação de poder onde há a intimidação e subordinação do outro, usualmente silenciada e que assume um caráter de abuso, seja ele físico ou psicológico (SOUSA, 2013, p. 29). As agressões ocorridas no âmbito doméstico não afetam apenas o casal. A bibliografia sobre o assunto aponta que, muitas vezes, a violência entre a mulher e o seu parceiro tem implicações sobre os filhos, seja fisicamente ou emocionalmente. Milani (2006) indica uma lacuna na literatura brasileira ao abordar apenas os efeitos da violência direta contra a criança e não as consequências para os filhos da violência entre os pais. Os estudos sobre a violência doméstica costumam apenas explicar e descrever o fenômeno, buscando caracterizar os casos registrados em órgãos de proteção, além de uma análise histórica, psicológica e moral envolvendo o problema (MILANI, 2006). Neste trabalho, o interesse está em discutir justamente como o órfão — que teve a mãe morta em um contexto de violência doméstica, seja o agressor o pai ou padrasto do biografado — lida com a perda e quais são as estratégias que ele usa para sobreviver.

A violência doméstica é um assunto debatido em vários países. No Brasil, segundo o Mapa da Violência (2012), a cada cinco minutos uma mulher é espancada. Dados elaborados pela Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e divulgados no Relatório Lilás (2013) mostram que em metade dos assassinatos de mulheres o companheiro ou marido era o autor e em 25,5%, o ex-companheiro. O estudo que mapeou os assassinatos em cinco anos de vigor da Lei 11.340/2006, batizada de Lei Maria da Penha, no Estado, revelou ainda que 83,48% tiveram a própria casa como cenário da morte. Levando em consideração que a cada 10 destas vidas ceifadas, seis possuíam filhos — 87% até 15 anos de idade —, é bem possível que as crianças tenham presenciado os crimes.

Desde a criação da Lei Maria da Penha, pode-se perceber um avanço significativo no desenvolvimento de políticas públicas no país. O progresso, no entanto, não tem sido suficiente para frear as mortes de mulheres. Como reflexo desta guerra familiar, os mais atingidos são os filhos.

No Brasil, os estudos sobre violência contra as mulheres se originam na década de 1980 e recaem sobre o tema o foco dos estudos feministas. Naquela época, o principal objetivo era dar visibilidade à problemática e combatê-la por meio de intervenções psicológicas, jurídicas e sociais (SANTOS; IZUMINO, 2005).

Três correntes teóricas foram identificadas por Santos e Izumino (2005) com abordagens distintas sobre a violência contra a mulher, constituindo-se como referência neste campo. A primeira, de *dominação masculina*, define a violência contra as mulheres como expressão de dominação da mulher pelo homem, onde a mulher é concebida tanto como "vítima" quanto como "cúmplice" desta dominação.

A outra corrente, a *relacional*, relativiza as noções de dominação masculina e vitimização feminina, concebendo violência como uma forma de comunicação apostando na cumplicidade da mulher. Conivência esta potencializada pelo medo (SANTOS; IZUMINO, 2005).

Por último, a *dominação patriarcal*, influenciada pela perspectiva feminista marxista, compreende a violência como extensão do patriarcado, segundo a qual a mulher, apesar de ser um sujeito social autônomo, está em constante contato com um histórico de controle social masculino. Esta terceira abordagem foi introduzida por Heleith Saffioti sob o argumento de que o patriarcado é um sistema de exploração, que diz respeito diretamente ao terreno econômico (SAFFIOTI, 1987). Em nossa cultura, portanto, o homem é socializado para dominar a mulher e ela a se submeter a este poder (SAFFIOTI, 1987). Saffioti alega que as mulheres se sujeitam à violência não por cumplicidade, mas porque são forçadas a ceder, uma vez que não têm poder suficiente para consentir (SANTOS; IZUMINO, 2005).

Em seu depoimento, Joaquim menciona em tom de culpa que, ao ver a mãe sendo agredida constantemente, nada podia fazer. O argumento do biografado é de que, apesar de homem e filho mais velho, tinha apenas cinco anos — idade insuficiente para qualquer atitude contra o padrasto. Saffioti (2001) explica que a violência doméstica e intrafamiliar geralmente ocorre na frente de parentes, principalmente dos filhos — os elementos mais fracos desta cadeia.

Sobre esta relação conjugal violenta, Hannah Arendt (1985) lembra que "a violência nada mais é do que a mais flagrante manifestação de poder" (p. 22). Para ela, a noção de poder está relacionada ao ato de fazer o outro agir da maneira desejada pelo detentor desta posse. A autora faz uma releitura de Sartre e pontua que não há prazer comparável para um homem do que quando ele impõe-se e transforma aqueles que estão à sua volta em instrumentos, fazendo-os agir conforme a sua vontade (ARENDR, 1985, p. 22).

Tal concepção de poder utilizada por Arendt se aproxima do conceito weberiano em um ponto: cataloga o poder como toda a forma de impor a própria vontade em uma relação social mesmo que enfrente resistências (WEBER, p.33, 2012). Ainda assim, é preciso lembrar que em Weber, diferente de Arendt, o foco está na assimetria das relações e a manifestação do poder, ligada mais à autoridade do que à violência. A eficácia do poder ocorre quando o outro obedece, quando há dominação, não necessariamente pela força física, ou seja, "a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis" (WEBER, 2012, p. 33). A teoria weberiana propõe que há poder em qualquer tipo de relação social em que um indivíduo domina o outro, desde que haja consentimento da parte a quem a vontade é imposta (WEBER, p.33, 2012).

Nesta linha de pensamento que une o poder ao sexo masculino, é possível justificar a culpa velada de Joaquim por não ter contribuído para que as agressões do padrasto sobre a mãe dele se estancassem. Conforme Welzer-Lang (2001) faz parte da socialização masculina a ideia de se manter afastado do estereótipo feminino, sob pena de ser assimilado ou tratado como tal. O cuidado com o outro, portanto, entraria neste ideal a ser combatido na socialização masculina. Porém, Fonseca (2004) mostra que dentre os elementos que compõem a honra masculina estariam o ato de proteger, este sim, sendo sinônimo de virilidade e possível de ser perseguido por alguns homens.

Partindo do princípio de que a relação conjugal é também uma relação social, Silva (2007) explica que ela tende a ser marcada por uma diferença de poder, onde "o marido exerce domínio sobre sua esposa, pois ele pode impor sua vontade na relação do casal e a mulher acaba cedendo. Logo, o poder está contido nesta relação de dominação" (p. 14). Assim, a violência de gênero praticada pelo homem contra a mulher não é necessariamente física, ela pode ser intrínseca à desigualdade de poder presente na relação a dois, agindo mais como um componente psicológico.

Crianças e jovens são objetos indiretos desta guerra velada, que só de presenciá-la é possível que tenha sequelas com sintomas persistentes e patológicos. Segundo Sousa (2013),

ao conviver com estas agressões, o mundo destas crianças torna-se confuso, assustador e pouco seguro. Sentimentos de angústia e medo se tornam bem comuns, pois as pessoas que deveriam ser suas figuras de referência são as que geram insegurança, infelicidade e instabilidade. A autora indica a possibilidade de que iniciem um processo de aprendizado da violência a partir daí, podendo reproduzir este modelo na vida adulta, além de manifestar um intenso sofrimento emocional. Com o tempo, estes sentimentos deletérios são capazes de fazer com que os filhos se julguem responsáveis pelas brigas e também pela resolução dos conflitos dos pais. Nesta atitude de defesa da mãe, muitas vezes os filhos acabam também sendo agredidos (SOUSA, 2013).

Sousa (2013) lembra que, na primeira infância e idade escolar, as crianças demonstram menor capacidade para organizar os sentimentos e avaliar o mundo ao seu redor. Nesta etapa do desenvolvimento, os estímulos dos pais são fundamentais para que entendam os acontecimentos e é justamente esta necessidade é o que os torna vulneráveis quando expostos a cenas de violência entre seus pais ou cuidadores.

As crianças que presenciam agressões dentro de casa têm a sua segurança, saúde, educação e desenvolvimento sob risco (SOUSA, 2013). Apesar da mulher ser o alvo "prioritário" na violência doméstica, os filhos, de maneira geral, também são atingidos. Por serem inferiores na hierarquia, é comum que a mãe os maltrate "ou por síndrome do pequeno poder ou por delegação do macho, acaba exercendo, não raro, a tirania contra crianças, último elo da cadeia de assimetrias" (SAFFIOTI, 1999, p. 84).

Voltando ao conteúdo histórico da violência doméstica, foi nas décadas de 1970 e 1980 que o movimento feminista trouxe o assunto à tona no Brasil. Algumas iniciativas, como a implantação de Delegacias de Mulheres, se proliferaram à época (GROSSI, 2012). No âmbito mundial, um dos principais estudos a este respeito foi realizado por Lenore Walker (2009). Para ela, todo o espectro que envolve a violência intrafamiliar é estarrecedor, pois a família é supostamente um refúgio de tranquilidade. A autora também aponta uma forte relação entre a mulher que apanha do companheiro e abuso infantil, já que muitas das mulheres violentadas relatam que eram agredidas quando crianças. Walker define a mulher que apanha como alguém submetida repetidas vezes "a qualquer agressão física ou psicológica praticada por um homem a fim de coagi-la a fazer alguma coisa que ele queira que ela faça sem qualquer preocupação com os seus direitos" (WALKER, 2009, p. 7).

Foi a autora quem começou a trabalhar com a teoria do "ciclo da violência", segundo o qual a mulher não é constantemente agredida pelo parceiro, e que são esses períodos de

trégua que tornam mais difícil fazer com que ela rompa com a violência. Walker divide este ciclo em três fases: a construção da tensão, o incidente agudo de agressão e, por último, a calma e a trégua amorosa (WALKER, 2009).

No primeiro estágio, a mulher tende a minimizar a situação assumindo a culpa. A situação fica tão tensa que ela pensa em deixá-lo e, em contrapartida, ele fica ainda mais ciumento, opressivo e possessivo na esperança de que a brutalidade capture a mulher de volta. No segundo estágio, ambos aceitam que a situação está fora do controle e o argumento que o agressor cria para si para bater na mulher é de que ele precisa "ensinar uma lição" sem, necessariamente, estar se referindo a uma ação específica realizada por ela. Pode ocorrer também, segundo Walker, de a mulher provocar a fase dois, geralmente quando o casal já está envolvido em uma relação violenta há mais tempo. "A mulher sente que o período inevitável está próximo e ela não consegue tolerar o seu terror, raiva e ansiedade por muito tempo" (WALKER, 2009, p. 60) e acaba provocando a explosão violenta do companheiro para ter o controle de quando a agressão ocorrerá, evitando viver em pânico de ser pega de surpresa.

Walker complementa que a mulher sabe que a terceira fase será de calma, o que pode impulsioná-la a apressar a fase dois em busca do sossego subsequente. Esta é a fase do amor e da tranquilidade e tende a durar por bastante tempo. Ela vem, geralmente, junto de pedidos de desculpas do agressor e promessas de que aquela situação nunca mais se repetirá. A mulher se convence e aceita manter a relação (WALKER, 2009, p.66). As chances de que a vítima seja ajudada é mínima se ela não estiver separada do agressor e a fase três é a mais difícil para a mulher tomar a decisão de romper com as agressões e se afastar do agressor. Para Walker, esta é a fase em que a mulher argumenta que seu companheiro está desesperado e que precisa da ajuda dela para que seu estado emocional se reintegre. "Compreender este ciclo é fundamental se queremos aprender a parar ou a prevenir os incidentes de agressão", defende a autora (WALKER, 2009, p. 55).

O elemento-chave da teoria do "ciclo da violência" de Walker está na relação entre poder e dominação, conceitos compartilhados por Arendt (1985) e Weber (2012). Em *A Dominação Masculina* (2012), Bourdieu explicita que a divisão entre os sexos é algo normal a ponto de tornar-se inevitável, funcionando como "sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação" (p. 17). Para ele, a dominação masculina encontra todos os ingredientes para que possa ser aplicada livremente e é construída durante a socialização. Ela é chancelada "pela divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere ao homem a melhor parte" (BOURDIEU, 2012, p. 45). O autor defende ainda que

"o privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo o homem o dever de afirmar em toda e qualquer circunstância, sua virilidade" (BOURDIEU, 2012, p. 64).

Mariana Barcinski et al (2013) debatem o "marianismo", termo que vincula a mulher a imagem da Virgem Maria, idealizando o gênero feminino que reuniria todas as características esperadas: "devoção à família, subordinação aos homens, subserviência, passividade sexual, renúncia e sacrifício" (p. 92). Ao ter instituído este papel de gênero, mulheres são situadas como esposas e mães e acabam garantindo dentro da sua cultura, o respeito por desempenhar tais funções. Nesta discussão, saem vitimizadas, mas também empoderadas. Tal dicotomia contribui para o entendimento dos papéis dentro de uma relação. Por ser tida como imaculada e cuidadora, a mulher não pode deixar a desejar na criação dos filhos.

Essa seria uma das principais causas de sofrer penalizações do marido, na condição de provedor, uma vez que "a maternagem define um território exclusivo das mulheres, tendo a sua constituição justificada pelas habilidades naturais de cuidado com a prole" (BARCINSKI et al, 2013, p. 92). Neste sentido também, conseguimos mostrar o quanto a figura da mãe é culturalmente necessária para os seus descendentes e o quanto esta suposta harmonia pode ser desfeita com o desaparecimento desta figura, como nos casos de feminicídio, nome dado pelas feministas ao homicídio de mulheres.

Lia Machado (2001) pesquisou homens agressores e de boa parte deles ouviu que foram agressivos com suas mulheres com um caráter disciplinar. Muitas vezes porque elas não cumpriram com seus deveres morais de mães (MACHADO, 2001, p. 11). A autora explora o fato de que há muitos "conflitos domésticos e amorosos onde as agressões verbais são recíprocas e igualmente graves entre homens e mulheres" (MACHADO, 2001, p. 11), mas a violência física tende a partir do homem, sendo o homicídio o ponto final deste embate.

Este breve apanhado sobre a violência doméstica e seus mecanismos servirá como base para discutirmos também as possíveis implicações sobre os filhos desta mulher que apanha no interior deste sistema de dominação violenta. Sabe-se que uma vasta literatura tem sido produzida acerca da violência doméstica contra a mulher e também a praticada contra a criança nas mais variadas disciplinas e com as mais distintas ênfases. Entretanto, ao cruzar os termos violência doméstica contra a mulher ou feminicídio e orfandade, não foram encontrados trabalhos que dêem conta deste assunto na sociologia brasileira. Daí, o ineditismo do presente estudo. Alguns trabalhos tangenciam a orfandade por violência doméstica, mas

não chegam a aprofundá-la. O que se espera aqui, desta forma, é que os resultados da análise da biografia de Joaquim possam contribuir para detalhar o assunto.

Fica evidente, então, que nestes casos de assassinato da mãe por violência doméstica, a trama é dividida em três fases: o antes — com a presença dos filhos diante das surras e humilhações destinadas à mãe — , o durante — que é o assassinato em si — e o depois — que é o legado desta violência, ou seja, como este filho lidará com a sua condição de orfandade e quais serão as estratégias de sobrevivência escolhidas por ele. Este último é o foco do nosso estudo.

## 2.2 A MORTE ENVOLTA EM INCERTEZA

Por melhor estruturada que esteja a família dentro do que foi apresentado no subcapítulo anterior, no momento do luto ela tende a sofrer um forte impacto. Em muitos casos, como explica Koury (2003), ela deixa de ser a fortaleza para se tornar alvo de mágoas e rancores. As relações podem ser guiadas por um silêncio e distanciamento tomado por culpa (KOURY, 2003, p. 122).

Koury (2003) analisa o que ele chama de "era de individualismo", onde a família que até pouco tempo funcionava como uma rede de amparo para momentos de crise, entre o final do século XX e início do século XXI, aparece como "quebradiça ou em redefinição, onde apenas o núcleo familiar básico funciona. E mesmo assim fragilmente, seja pela facilidade da dissolução de casamentos e de remontagem de casais por novas uniões, seja pela dificuldade cotidiana de manutenção de laços" (KOURY, 2003, p. 123). A família é uma importante instância de reestruturação, mas não mais aquela extensa, tão presente no Brasil até a década de 1960 (KOURY, 2003, p.140).

E se é, como diz Koury, este núcleo familiar mais básico, composto por pais e filhos os que têm mais chances de cumprir com este papel de segurança, como ficam estes casos em que a própria segurança do lar é ameaçada e é dentro de casa que a barbárie ocorre?

A partir da morte da mãe, esta estrutura de família é prejudicada por sua ausência, pelo desconhecimento de quem é o pai de Joaquim e também pelo rompimento com o padrasto assassino. Franco e Tinoco (2011) lembram que estudos já apontavam, nas décadas de 1940 e 1950, a importância vital de um forte vínculo com a figura materna durante a infância, além de citar pesquisadores que encontraram uma forte relação da existência de distúrbios psicológicos e problemas psiquiátricos na infância e na fase adulta com a experiência de

separação, abandono, perda dos pais e/ou outros tipos de perda na infância. Os achados não estão centrados na perda em si, mas também nos acontecimentos que cercaram o antes e o depois do ato.

A literatura disponível, no entanto, mostra que ainda há um longo caminho a se percorrer sobre este tema, deixado de lado em uma sociologia mais preocupada em investigar a mulher que apanha ou o homem que bate do que a herança desta violência, que são os órfãos.

Camacho e Espinoza (2005) trabalharam o tema morte "materna por violência doméstica" no âmbito da Saúde Pública, mas não entraram em detalhes quanto aos órfãos. Uma das hipóteses para a morte de Maria, mãe de Joaquim, a partir da narrativa do biografado, é a de que tenha sido morta durante a gravidez.

Com o intuito de contribuir para que esta lacuna comece a ser preenchida, alguns temas interessantes serão aprofundados na biografia de Joaquim. Um deles é a forma como lida com a causa da morte da mãe. Joaquim não reconhece objetivamente que ela foi morta pelo padrasto em nenhuma das passagens da entrevista, embora funcionários do abrigo e vizinhos afirmem que isto ocorreu. Todas as narrativas que envolvem a morte da mãe são rodeadas de mistério. Isto fica claro toda vez que o entrevistado menciona, para cancelar uma informação dada à pesquisadora sobre a morte da mãe, a seguinte frase: "eu não sei se é verdade. Isto foi o que os meus parentes me contaram". Mais adiante, no capítulo 5, estas questões serão aprofundadas.

Observa-se na biografia de Joaquim que, em diversos momentos, menciona frases do tipo "quem sabe ela não se cuidou direito", levantando a hipótese de que uma suposta auto-negligência de Maria possa ter acarretado em sua morte. Na análise da narrativa do entrevistado há uma forte hipótese de que ele culpe a mãe por morrer e até por ter ingressado naquela situação violenta. Esta culpabilização à mulher não é isolada. Há linhas no feminismo que colocam a mulher como cúmplice das agressões que sofrem. Esta ideia é criticada por Saffioti (2001). Ela cita Chauí (1985) e Gregori (1989) que desenvolveram teorias culpabilizando a mulher e que foram alvo de muitas críticas por tomarem como "socialmente iguais categorias de sexo, cujas relações são atravessadas pelo poder" (SAFFIOTI, 2001, p. 4). Só o fato de não haver equilíbrio de poder já seria suficiente para derrubar a tese da cumplicidade (SAFFIOTI, 2001).

Esta argumentação surge em uma época de efervescência de teorias que vitimizavam a mulher, como Azevedo (1985), uma das primeiras pesquisadoras a publicar textos sobre violência de gênero e assumir a postura de que à vítima não havia a possibilidade de reação,

interpretando-a como incapaz de se defender. A principal contribuição desta linha, portanto, que coloca a mulher como cúmplice do seu algoz, foi chamar a atenção para a necessidade de se pesquisar o equilíbrio entre ambas as posições, sem considerar a mulher como vítima ou culpada.

Para se pensar esta relação, é preciso manter no horizonte as contribuições de Saffioti (2001), de que em uma sociedade patriarcal como a nossa a construção social da realidade, conforme Berger e Luckmann (1985), é permeada por papéis subjetivos que são esperados do homem e da mulher. Portanto, ao exercer o poder patriarcal, o homem "detém o poder de determinar a conduta das categorias sociais nominadas" (SAFFIOTI, 2001, p. 1). A sociedade é conivente com o exercício deste papel por parte dos homens. Sobre isto, utilizando o conceito de violência simbólica proposta por Bourdieu (1983), Saffioti detalha os seguintes aspectos:

A violência simbólica impregna corpo e alma das categorias sociais dominadas, fornecendo-lhes esquemas cognitivos conformes a esta hierarquia, como já havia, há muito, revelado. É exclusivamente neste contexto que se pode falar em contribuição de mulheres para a produção da violência de gênero. Trata-se de fenômeno situado aquém da consciência, o que exclui a possibilidade de se pensar em cumplicidade feminina com homens no que tange ao recurso à violência para a realização do projeto masculino de dominação-exploração das mulheres. Como o poder masculino atravessa todas as relações sociais, transforma-se em algo objetivo, traduzindo-se em estruturas hierarquizadas, em objetos, em senso comum (SAFFIOTI, 2001, p. 2).

Assim, a própria Saffioti (1999) lembra que, especificamente na violência masculina contra a mulher, há uma corrente feminista de pensamento que tende a enxergar a mulher como vítima passiva, mas adverte que as evidências caminham no sentido oposto. Ela pontua que no momento da queixa a mulher se coloca em um papel de passividade, percebendo-se exclusivamente como objeto da ação do homem contra ela.

Saffioti (1999) põe a mulher em um patamar de sujeito, que estuda a relação custo-benefício e decide pela representação do papel de vítima, em uma negociação permanente (p. 70). A autora observa que os homens podem dispensar às mulheres "um tratamento de não-sujeitos e, muitas vezes, as representações que as mulheres têm de si mesmas caminham nesta direção" (SAFFIOTI, 1999, p. 70). Isto não significa dizer que haja cumplicidade da mulher com o homem na violência doméstica, tendo em vista a forma desigual como os poderes são distribuídos entre os dois, onde o homem tem poder quase que de vida ou morte sobre a mulher, fato comprovado pela impunidade de espancadores e homicidas (SAFFIOTI, 1999).

### 2.3 ESTRATÉGIAS PARA LIDAR COM A ORFANDADE

A orfandade foi debatida, mesmo que de forma escassa, em diversos âmbitos, principalmente na área de Saúde Pública. Andrea Paula Ferrara realizou seu trabalho de mestrado em 2009 pela Universidade de São Paulo (USP), focando na orfandade em decorrência da Aids, buscando compreender o significado de ser órfão para jovens que perderam um ou ambos os pais e compreender os processos de estigmatização decorrentes dessa morte. Ela encontrou cinco significados associados a orfandade: "dificuldade de falar sobre a orfandade ligada à Aids; sentir falta do cuidado materno; o desafio de ser independente; não se sentir órfão e sentir tristeza em decorrência da morte" (FERRARA, 2009, p. 81).

A orfandade também foi abordada na Psicologia Social, como no artigo de Moratilla-Olvera e Taracena-Ruiz (2012), onde afirmam que entre os problemas inerentes às crianças e adolescentes órfãs está a carência de modelos adultos, com uma íntima relação afetiva, em que se espelhar. Eles deixam de ter esta influência para a construção de uma identidade que favoreça uma transição mais saudável para a vida adulta (p.843).

Esta abrupta transição se apresenta nas baixas condições de qualidade de vida que possuem, o que tende a fazer com que percam sua dignidade frente aos outros (MORATILLA-OLVERA; TARACENA-RUIZ, 2012, p.851). Dentre as dificuldades enfrentadas está manter-se na escola, ter acesso à diversão, serviços médicos e estarem inseridos em um contexto onde é constante o consumo de álcool, drogas e gravidez precoce (MORATILLA-OLVERA; TARACENA-RUIZ, 2012, p.851). Segundo as autoras, tudo isto faz com que seja mais difícil para estas pessoas tomarem decisões saudáveis para suas vidas. Elas trazem dados da Unicef sobre a quantidade de órfãos na América Latina, chegando a uma estimativa de que haja 10,7 milhões de meninos e meninas nestas condições. O Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking, com 3,7 milhões.

Ser economicamente pobre e órfão faz desta criança ou adolescente duplamente vulnerável. Em geral têm menos acesso à educação e aos serviços de saúde e enfrentam mais elevados níveis de desatenção, abandono e abuso (MORATILLA-OLVERA e TARACENA-RUIZ, 2012).

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) estima que das 47 mil crianças que vivem em abrigos no Brasil, apenas 12% são adotadas. Vários são os motivos para um índice tão baixo, como vínculo com a família de origem, idade fora dos padrões desejáveis pelos futuros pais que integram o Cadastro Nacional de Adoção e até casos de doenças, os tornam preteridos.

Meninos e meninas são empurrados para esta realidade por razões que vão desde a negligência dos pais, maus tratos, abuso sexual e etc. Outros, porque ficaram órfãos. Apesar de possuírem trajetórias distintas, essas crianças percorrem caminhos muito parecidos, perambulam por lares que também sofreram com respingos da tragédia familiar, como a casa de parentes e vizinhos, e não é raro que a falta de estrutura em recebê-los os coloque em acolhimento institucional.

Joaquim, assim como o irmão dois anos mais novo, tentou viver na casa de uma tia, que não teria tido condições financeiras e psicológicas para cuidar dos dois e os encaminhou para um abrigo. Cresceram em uma instituição que possuía um padrão de classe média, em contraste com o nível socioeconômico experimentado junto aos familiares.

Na entrevista biográfica, as passagens da narrativa de Joaquim que envolviam a aproximação com o final do acolhimento, aos 17 anos, transpareciam um dos momentos mais angustiantes de sua trajetória. São contornados por uma aflição frente ao fim do aconchego institucional e também pelo pesar de deixar para trás um conforto de alto padrão, conforme ele mesmo admite, o que exploraremos no capítulo 5.

É com base nestes relatos que traço uma conexão simbólica entre os 17 anos de idade de um abrigado e a velhice. Pierre Bourdieu (1983) coloca em questão os itens que são levados em conta para determinar a passagem do tempo na vida da pessoa. Dependendo do ponto de vista, do meio e da circunstância onde o indivíduo está inserido, a perspectiva se altera deixando-o mais novo ou mais velho do que a sua idade biológica permite qualificá-lo no mundo. Segundo Bourdieu, “a juventude e a velhice não são dadas mas construídas socialmente, na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre idade social e a idade biológica são muito complexas” (1983, p. 152).

Aplico estes conceitos ao acolhimento institucional de crianças e adolescentes para apresentar o grau de crueldade que significa ter 17 anos e morar em um abrigo, instituições que recebem os sujeitos até completarem 18 anos. Se analisarmos a idade em si, fora do contexto da abrigagem, colocando-o em uma perspectiva burguesa, a leitura pode ser de um jovem iniciando a vida, buscando seus sonhos, escolhendo uma carreira. Mas se o olhar se inverte e ele é visto sob o ponto de vista das crianças que vivem no mesmo ambiente, trata-se de um velho, alguém que não poderá mais ocupar aquele espaço e que vai ter de deixar a proteção do abrigo para buscar os seus objetivos. Ou seja, há um prazo de validade prestes a se encerrar.

Cada campo tem as suas leis específicas de envelhecimento e, para sabermos como se recortam as gerações, precisamos conhecer as leis específicas de cada uma. Bourdieu defende que a idade é um dado biológico manipulável socialmente e que falar dos jovens como uma unidade social já constitui uma evidente manipulação.

Mas não são apenas os limites da idade que cercam estes jovens. Há outras linhas tênues que precisam ser enfrentadas. Como Joaquim descreve ao longo da entrevista: “quem não tem pai, nem mãe vai parar numa vila e, na vila, o que mais tem é uma funçãozinha. É difícil recusar”.

É claro que os abrigos não despejam os jovens que atingiram 18 anos nas ruas, como se fossem inquilinos com aluguel atrasado, mas há uma contagem regressiva velada ou nem tão velada assim dentro dos abrigos, que incute na mente desses meninos e meninas que a hora de sair está chegando.

Estes e outros aspectos ligados à orfandade por violência doméstica serão discutidos em profundidade no capítulo 5, dedicado à reconstrução do caso biográfico. Antes disso, nos próximos dois capítulos, detalharemos a abordagem de narrativas biográficas escolhida para a análise deste trabalho e também a sua fundamentação teórica.

### **3 SOCIOLOGIA COMPREENSIVA: EXPLORANDO A INTERPRETAÇÃO DO SUJEITO**

Depois de fazermos um apanhado da literatura que percorre os temas a serem explorados nesta dissertação, partimos agora para uma apresentação da fundamentação teórica para a abordagem metodológica que servirá de base para a nossa análise. É na sociologia compreensiva, que tem por pressuposto a interpretação do sujeito, ou seja, a subjetividade, que está fundamentada a abordagem metodológica de Gabriele Rosenthal, a narrativa biográfica, que guiará nosso instrumento de análise dos dados empíricos.

Para ter acesso a uma realidade social não é necessário conhecer o todo. Uma parte do real já é capaz de traduzir o agir dos indivíduos. Esta é uma das premissas da sociologia compreensiva, na qual o foco está direcionado para a forma como o sujeito interpreta a ação realizada por si. Para que seja possível acessar esta maneira de interpretação dos sujeitos, será empregada como metodologia a pesquisa qualitativa de narrativa biográfica. Sendo assim, é por meio da análise de uma biografia que será discutido o problema das crianças e adolescentes que tiveram a mãe morta em um contexto de violência doméstica. Por meio da narrativa, buscamos saber como o fato foi vivenciado pelo biografado.

É a sociologia fenomenologicamente fundamentada de Alfred Schutz que alicerça a base teórica da pesquisa biográfica proposta inicialmente por Fritz Schütze e desenvolvida mais tarde por Gabriele Rosenthal. É o método proposto por Rosenthal, pesquisadora alemã dedicada há mais de três décadas às narrativas biográficas, que nos guiará para uma análise minuciosa e rica dos dados e relatos do entrevistado, obtidos por meio da entrevista narrativa. Para esclarecer qual o embasamento do campo escolhido para este trabalho, o presente capítulo será dedicado à fundamentação teórica. Assim, recorreremos a uma breve descrição das tradições sociológicas até que se chegue aos autores que servirão de base para este trabalho.

São duas as principais vertentes na sociologia. De um lado, os teóricos que estudam a sociedade de forma macro, que estão interessados em grupos, classes e categorias, como os durkheimianos, marxistas ou estruturalistas, calcados no cientificismo, campo no qual a orientação é de que, para o desenvolvimento de conhecimentos verdadeiramente científicos, deve-se seguir rigorosamente o exemplo das Ciências Naturais (BERTAUX, 2014, p. 250). Para esta linhagem, explicando a sociedade, se explicaria a ação dos indivíduos uma vez que a sociedade possui autonomia e os indivíduos que integram esta sociedade estão subordinados a ela (SRUBAR, 1984, p. 164). Nesta sociologia clássica e cartesiana, baseada em estatísticas,

com berço na França, foram delineados os moldes que serviriam por muito tempo para boa parte das escolas de Ciências Sociais do mundo todo. Não foi diferente no Brasil.

De outro lado, principalmente na Alemanha, teóricos começaram a questionar esta ciência positivista da universalidade, que vinha de Comte. Ganham ênfase os componentes subjetivos da ação humana, que possuem uma longa história na sociologia (MERTON, 1979, p. 233). É nesta corrente — baseada na compreensão das ações do indivíduo, suas motivações e o curso da ação para que se possa entender a sociedade — que estamos interessados para a base desta pesquisa.

É uma ideia que foi formulada em várias tradições de pensamento sociológico: na noção de *Verstehen* (que significa, aproximadamente, compreensão intuitiva) apresentada por Max Weber (e muitos outros influenciados por ele), na "avaliação dinâmica" de Robert MacIver, no "coeficiente humanístico" de Florian Znaniecki, na "teoria voluntarista da ação" de Talcott Parsons e na "perspectiva fenomenológica" de Schutz (MERTON, 1979, p. 233).

Max Weber é o primeiro sociólogo a colocar em questão o valor objetivo da ciência e admitir que é impossível dar conta de toda a realidade, devido a sua alta complexidade e falta de coerência. Para ele, só é possível abarcar uma parte muito limitada do real (WEBER, 2006, p. 10-11). Foi a partir de Weber que uma virada nas Ciências Sociais se anunciou, para entender uma realidade social sendo produzida por indivíduos, que experienciam, interpretam, entendem e agem de maneira significativa. Weber explora o significado da ação social, onde o agir do indivíduo passa a estar vinculado a um sentido subjetivo (WEBER, 2002, p. 9-10).

Na teoria weberiana existem duas preocupações centrais: compreender e explicar. Ao detalhar os conceitos sociológicos criados por ele, entende-se que a sociologia é abordada como uma ciência que pretende "compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos" (WEBER, 2012, p. 3). Para ele, a ação pressupõe um comportamento humano sempre que o agente dá a esta ação um sentido subjetivo. Já a ação social engloba um agir que, "quanto ao seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso" (WEBER, 2012, p. 3). Ou seja, uma pessoa age na expectativa de como a outra pessoa vai reagir, pressupondo uma interação social dotada de um sentido a partir do entendimento de que as pessoas agem para chegar em algum lugar, seja de forma consciente ou inconsciente (WEBER, 2012, p.14).

É justamente o motivo da ação que Weber propõe que seja analisado. Assim, Weber defende que em alguns campos, como o jurídico, é quase inevitável tratar de formações sociais como se fossem indivíduos. Fala-se em Estado, cooperação, fundação, de forma coletiva, mas não existe uma personalidade coletiva em ação, mas sim sujeitos que formam

aquela coletividade (WEBER, 2012). Ele explica que para a sociologia, "essas formações nada mais são do que desenvolvimentos e concatenações de ações específicas de pessoas *individuais*, pois só estas são portadoras compreensíveis para nós de ações orientadas por um sentido" (WEBER, 2012, p. 9).

### 3.1 SOCIOLOGIA FENOMENOLOGICAMENTE FUNDAMENTADA

Depois do novo olhar proposto por Weber, ampliaram-se as opções para se trabalhar biografia. O autor deixou como legado as lógicas da ação, porém ficaram incompletas e a cargo dos seus sucessores desenvolvê-las (BERTAUX, 2014, p. 255). Dentre os herdeiros da sociologia de Weber está Alfred Schutz, teórico que nasceu em Viena no ano de 1899 e morreu em Nova York em 1959. Ele critica Weber por não ter se empenhado em desenvolver melhor as fundamentações metodológicas e conceituais da sua sociologia compreensiva. É a partir desta lacuna vislumbrada por Schutz que o autor austríaco começa a sua obra. Schutz se debruça sobre o significado de "o agente liga um sentido ao seu agir" e sugere que desta máxima proposta por Weber devem-se seguir outras duas, referentes à constituição do mundo social. Uma é "sobre o modo com que o outro ou o alter ego é pré-dado ao eu como um alter ego significativo, isto é, sobre o modo com que a existência do alter ego, enquanto significativa, é, pelos agentes do mundo social, pressuposta" (BATISTA, 2009, p. 13-14). A segunda é "sobre como o eu compreende o comportamento alheio" (BATISTA, 2009, p. 13-14).

A teoria fenomenológica de Schutz propõe que cada indivíduo constrói seu mundo particular. A fabricação deste universo único é feita com auxílio dos materiais e métodos oferecidos por terceiros, que já experimentaram a edificação deste mundo, também com o auxílio de terceiros. O mundo da vida, portanto, já vem pré-estruturado para o indivíduo. É ao redor dele que cada novo sujeito chega para contribuir nesta construção, mas, principalmente, para preencher sua própria biografia (WAGNER, 2012, p. 26-27).

Muito do que interessa para o pesquisador que se propõe trabalhar com a teoria de Schutz é compreender a energia gasta pelo indivíduo para que alcance uma definição do seu papel dentro da comunidade na qual habita. Para embasar seus estudos, o pensador austríaco confrontou a sociologia de Max Weber com a filosofia de Edmund Husserl (WAGNER, 2012, p. 11).

De Weber, trabalhou com a concepção do significado subjetivo como critério de importância fundamental para a compreensão da ação humana. Isto fez com que Schutz enxergasse na *teoria da ação* de Weber uma ponte para unir a Fenomenologia, bastante estudada na filosofia, com a Sociologia.

Somente entendendo a ação individual é que as Ciências Sociais podem ter acesso ao significado de cada relação social, sua estrutura. O significado de um fenômeno social em particular deve ser interpretado, camada por camada, como o significado pretendido pela subjetividade da ação humana (SCHUTZ, 1972, p. 6-7).

O foco da sociologia de Schutz, portanto, partiu de Weber, mas não sem antes questionar a concepção de Weber sobre o significado da subjetividade da ação humana, desenvolvendo assim a teoria do mundo da vida. O autor, portanto, prolonga a fundamentação que Weber sugeria da atribuição de sentido (WAGNER, 2012, p. 19). É a compreensão da realidade eminente da vida comum, ou seja, o mundo da vida, a chave para entender a obra de Schutz. É um mundo intersubjetivo interpretado pelo homem dentro do que Husserl denomina de "atitude natural" (NATANSON, 2008, p. 15-16).

Este mundo existia antes de nascermos e já possuía uma história que nos é passada de maneira organizada para que possamos habitá-lo. Cada indivíduo, portanto, se situa na vida de uma forma particular, o que é denominado por Schutz de situação biográfica, mas interage com seus semelhantes na possibilidade de um mundo de sentido comum.

Nascer no mundo significa, antes de tudo, nascer de progenitores que nos são exclusivos, ser criados por adultos que constituem os mesmos elementos condutores de nossos fragmentos de experiência [...]. Cada pessoa segue durante toda a sua vida interpretando o que encontra no mundo segundo a perspectiva de seus interesses particulares, motivações, desejos, compromissos religiosos e ideológicos (NATANSON, 2008. p. 17, tradução nossa).

Para Schutz, Weber errou ao parar os seus estudos justamente na parte mais importante para a sociologia, que é o significado da ação, já que "Weber não faz distinção entre a minha própria ação e o significado da ação de outros, entre a minha experiência e a experiência do outro" (SCHUTZ, 1972, p. 8).

Da linha fenomenológica de Husserl, herdou o ensinamento de que uma coisa é o fato vivenciado, outra é a marca que este fato vivenciado deixa na pessoa. Na consciência, só o que pode ser significado é o que passou, não o agora. O ponto de partida de seus estudos era a experiência dos seres humanos que vivem e agem em um mundo que ele percebe, interpreta e que faz sentido para ele (WAGNER, 2012, p. 15).

É do legado da psicologia fenomenológica de Husserl, discutido por Schutz, que se explica, em parte, o método desenvolvido por Gabriele Rosenthal para análise das entrevistas

narrativas propostas neste trabalho. Husserl propõe a suspensão, ou seja, deixar de lado as crenças para extrair o cerne da vivência, onde a realidade do mundo exterior “não é nem confirmada nem negada; ela é apenas “colocada entre parênteses' em um ato de 'redução fenomenológica” (WAGNER, 2012, p. 16).

Husserl também trabalha com o conceito de *sedimentação*, usado por Schutz pela primeira vez em um conceito sociológico, apontando para o fato de que "somente uma pequena parte das experiências humanas é retida na consciência. As experiências que ficam assim retidas consolidam-se na lembrança como entidades reconhecíveis e capazes de serem lembradas" (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 95). E é justamente esta sedimentação que dá sentido à biografia. Somente as experiências novas ou fora do comum, as quais não estão localizadas no nosso estoque de conhecimento, é que solicitarão uma atitude de questionamento, mas só até o momento em que conseguimos realizá-las e elas também começarem a fazer parte desta sedimentação (FANTON, 2011, p. 538).

Jochen Dreher (2011), no artigo que escreve sobre Schutz, lembra que para o autor austríaco a interpretação do mundo da vida é baseada no estoque de experiências com que se teve contato durante a socialização do ser humano, e que uma das primeiras delas foi transmitida pelos pais logo na infância: a base de todo o estoque de conhecimento. A crença de que a situação biográfica determina o caráter espontâneo da situação da estrutura ontológica imposta explica a *teoria da relevância* de Schutz que oferece a possibilidade de conectar a motivação subjetiva do sujeito com a objetividade imposta pela estrutura do conhecimento ao qual o indivíduo é constantemente confrontado (DREHER, 2011, p. 498).

Assim, Schutz descreveu dois sistemas de relevância. São eles, relevância intrínseca, que vai além dos nossos interesses e que são espontâneas para resolver determinada situação, e o sistema de relevância imposto, que não é ligado aos nossos interesses, mas que nos é oferecido pelo senso comum sem que tenhamos interesse em questioná-los, como o ato de comer, de dirigir, de comprar e etc. Schutz desenvolveu também três tipos ideais de relevância. A primeira é a motivacional, que tem a ver com o nosso interesse e traz como base as nossas experiências subjetivas. O segundo é o temático, que é o conhecimento que vem de fora para definir o que é importante naquela situação, ou seja, o problema mais importante tem de ser resolvido primeiro. E por último, o tipo interpretativo que se refere àquelas relevâncias que são usadas para solucionar as relevâncias temáticas com referências do *estoque de conhecimento à mão* (DREHER, 2011, p. 499).

Para Schutz e Luckmann (1973), o conceito de *estoque de conhecimento à mão* seria o acúmulo de conhecimento ao longo da vida que quase nunca pertence à seara racional. Trata-se do resultado da sedimentação da experiência subjetiva do mundo da vida do biografado.

O fator mais importante na estruturação do estoque de conhecimento é a diferença entre as experiências que entram como inquestionáveis, como unidades já constituídas da atitude natural, e as experiências que exigem explicação em situações problemáticas antes de serem sedimentados como elementos de conhecimento (SCHUTZ; LUCKMANN, 1973, p. 3).

Apenas os conhecimentos novos geram mudanças cognitivas, aqueles conhecimentos apreendidos e que o sujeito já teve contato acabam sendo “empacotados” na caixa de conhecimentos já registrados anteriormente. Toda a situação a qual o indivíduo é submetido limita-se em função do conhecimento, que é localizado por ele conforme a situação. As experiências geradoras dos conhecimentos são acessadas pela mente do sujeito conforme a circunstância e é isto que o guia na tomada de decisão.

Mesmo que os indivíduos tenham vivido exatamente as mesmas situações, é impossível que o estoque de conhecimento seja o mesmo. Este é um processo automático, que só é tornado consciente, em boa parte das vezes, quando solicitado ao ator que pense sobre isto, ou que ocorra algum fato em sua trajetória que o faça refletir sobre este *estoque de conhecimento* (BERGER; LUCKMANN, 1985).

A sociedade nada mais é do que a generalização do outro. Nesta lógica, nem a subjetividade do pesquisador é descartada e entende-se que não existe outro jeito de entender este "outro" senão colocando-se na mesma perspectiva que o sujeito, levando em conta as expectativas dele para se colocar na sociedade. Para isto, não é necessário concordar, basta abrir mão de conceitos definidos previamente e de estereótipos. Isto fica mais fácil quando o pesquisador consegue absorver de forma natural que cada pessoa é única e age de uma maneira singular. Muitas são as limitações, no entanto, para que este ideal seja atingido, "deletando" valores, crenças e hábitos. A alternativa desenvolvida por Gabriele Rosenthal (2014b), como veremos no próximo capítulo, é fazer a análise não só do sujeito mas também do entrevistador. Nesta fase, é importante que haja honestidade de colocar todos os preconceitos em xeque.

Apesar de ser bastante estudado em países como a Alemanha, Argentina e Estados Unidos, Schutz ainda é pouco reconhecido no Brasil. Da mesma forma, as narrativas biográficas não são empregadas em larga escala pelos pesquisadores brasileiros. Boa parte desta falta de interesse se deve ao fato de que a disciplina foi estabelecida no Brasil com uma

forte presença de cientistas sociais franceses, o que repercutiu na maneira de fazer sociologia nos anos que se seguiram até hoje.

Além disto, "algumas desconfianças na sociologia francesa podem ter contribuído para desencorajar estudos biográficos entre sociólogos brasileiros. A principal delas é uma crítica bastante breve que Bourdieu dedicou aos estudos biográficos" (SANTOS; OLIVEIRA, SUSIN; 2014, p. 371). A crítica foi traduzida para o português em 1990, 10 anos depois de ter sido publicada originalmente em francês, com o título *A ilusão biográfica* sendo Bourdieu o principal autor a dirigir uma crítica tão explícita à incorporação dos relatos biográficos na análise sociológica. No texto, Bourdieu defende que abrir espaços para as histórias de vida na sociologia seria o equivalente a dar brechas ao senso comum como ferramenta de estudo.

Santos, Oliveira e Susin (2014) refutam a crítica feita por Bourdieu, argumentando que ela não esclarecia a quais autores ou estudos estava direcionada, concluindo que demonstrava mais um desconhecimento da diversidade de abordagens das pesquisas biográficas. Para eles, "a 'ilusão' de Bourdieu foi tentar refutar uma abordagem sociológica sem refutar simultaneamente sua fundamentação epistemológica e metodológica" (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014, p. 371).

Para muitos autores, Schutz é referência em pesquisa empírica, tendo influenciado a abordagem de narrativa biográfica, entre outras. Para entender o sujeito, Schutz acredita que o seu passado deva ser analisado, pois seriam as significações do que ocorreu no passado que dariam sentido ao presente (SCHUTZ, 2008, p. 86).

O autor também fala da viabilidade da ação projetada, traçando dois conjuntos de experiências às quais os indivíduos são submetidos no *mundo da vida*. O primeiro é o mundo com possibilidades em aberto, com base em um conhecimento amplamente socializado, que dá a este tipo de conhecimento um caráter objetivo e anônimo, concebido de forma independente das minhas circunstâncias biográficas pessoais. A tipicidade e este caráter objetivo das nossas experiências e crenças inquestionáveis são também inerentes às que se referem às relações de causalidade e finalidade e, portanto, à viabilidade da ação humana dentro do domínio das coisas que são pressupostas. É justamente por isto que há uma possibilidade de que as nossas ações tipicamente similares às que já foram demonstradas se repitam no futuro, de acordo com Schutz (2008). O segundo conjunto diz respeito a uma situação biográfica determinada que engloba a minha posição no espaço, no tempo e na sociedade como também a minha experiência de que alguns de que alguns dos elementos deste mundo pressuposto me são impostos constantemente modificáveis sob o meu controle.

Este fator é fundamental porque toda a elaboração dos meus projetos se baseia na suposição de que toda a ação ocorre no meu mundo sob o meu controle real (SCHUTZ, 2008, p. 92-93).

É a situação biográfica de cada um que permite as interpretações que serão realizadas e a forma como os desafios impostos serão enfrentados. Ou seja, o conhecimento do qual disponho é o meu limite de interpretação da realidade, mas nada impede que eu amplie o meu estoque de conhecimento e passe a considerar coisas que estão fora do meu controle. A realidade, que é igual para todos, é modificada para cada um a partir de um filtro individual que tem a ver com a experiência à mão, acumulada ao longo dos anos.

Por estas afirmações, Schutz deixa claro que a maneira como o ator social interpreta a sua subjetividade é o que compõe a sua situação biográfica. Sendo assim, mesmo que a narração do entrevistado não tenha acontecido exatamente como ele falou, mas ele crê que é verídico, aquele fato "fantasiado" terá influência em sua vida. No artigo *O Estrangeiro: um ensaio de psicologia social*, publicado por Schutz originalmente em inglês, em 1944, no *American Journal of Sociology*, o autor evidencia que o conhecimento do indivíduo que age e pensa no mundo da vida cotidiana é incoerente, parcialmente claro e não totalmente livre de contradições. É incoerente porque os interesses dos indivíduos que determinam a relevância da ação estão parcialmente organizados em algum tipo de plano (de vida, de trabalho, etc) mas a hierarquia desses planos muda conforme a situação e o desenvolver da sua personalidade. A clareza de seus atos é parcial uma vez que não se questiona sobre todas as coisas do universo, sobretudo as que já foram incorporadas à sua vida de forma automática, como fazer compras, dirigir. A incongruência deve-se ao fato de que as suas opiniões podem não ser compatíveis umas com as outras, além disto, os indivíduos distribuem suas opiniões a respeito dos variados assuntos em níveis diferentes e com relevância distinta (SCHUTZ, 2003, p. 97-98).

Aprofundando estas características do sujeito, Schutz analisa no artigo *Don Quijote y el problema de la realidad*, publicado em 1955 na revista de filosofia *Dianóia*, da Universidad Nacional Autónoma de México, os aspectos subjetivos da narrativa do romance de Miguel de Cervantes e se atém ao artifício de intratextualidade usado pelo autor de Dom Quixote para tentar entender em que circunstâncias pensamos as coisas como reais.

Schutz (1955) busca na terminologia do filósofo William James, que em seu livro *Princípios de Psicologia* explica que a distinção entre o real e o irreal se baseia em dois fatos mentais: a possibilidade de pensar de formas diferentes um mesmo objeto e, depois, a possibilidade de escolher/aceitar uma dessas formas de pensar.

Portanto, a fonte de toda a realidade pertence à forma como cada um lida com ela. Assim, existem inúmeras formas de realidade, chamadas por James de “sub-universos”. Estes “sub-universos” seriam as formas como experimentamos as realidades: “Qualquer objeto sem contradição seria aceito como realidade absoluta” (SCHUTZ, 1955, p. 312).

É em Dom Quixote que Schutz vai aplicar o conceito de “sub-universo”: no mundo da loucura de Dom Quixote, no da cavalaria andante, e no mundo da vida diária. O mundo da cavalaria, por exemplo, seria a representação de um “sub-universo” ao qual o protagonista concede dimensão de realidade construída com base em tudo o que leu, imaginou e escutou sobre tal universo.

Os livros que tratam da vida e da história dos cavaleiros descrevem com todos os detalhes a família, o tempo, o lugar e a ação deste ou daquele cavaleiro dia a dia. Baseado nestes dados, Dom Quixote pode descrever Amadís de Gaula com todas suas peculiaridades, características e ações, de tal maneira que poderia se dizer que ele o havia visto com seus próprios olhos (SCHUTZ, 1955, p. 314).

Isto é importante de se levar em conta no âmbito das narrativas, uma vez que, mesmo que o que o biografado conte não seja compatível com o fato que ele realmente viveu, o que importa aqui é a forma e a intensidade com que ele acredita na história criada por ele para determinado fato. Este aspecto exerce imensa influência em sua biografia e em sua ação cotidiana.

### 3.2 SOCIÓLOGOS E A BIOGRAFIA

Dando continuidade ao trabalho de Schutz, um dos trabalhos mais expressivos foi a publicação de *A construção social da realidade* (1966) pelos sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann. A partir dali é que os sociólogos começaram a compreender que o que os membros da sociedade fazem individualmente, e não apenas coletivamente, contribui para orientar o destino da sociedade, levando em consideração não só o seu comportamento instantâneo, mas também o "curso da ação", o seu agir a longo prazo (BERTAUX, 2014, p. 251).

Um dos maiores legados de Berger e Luckmann, à época, foi unir a sociologia compreensiva desenvolvida por Weber com a teoria funcionalista de Durkheim, combinando as linhas que trabalhavam com uma sociologia que dá valor à subjetividade com outra, aparentemente oposta, que dá valor ao externo e objetivo, passível de generalizações. E foi da fenomenologia de Alfred Schutz, que em toda a sua obra como filósofo e sociólogo concentrou-se sobre a estrutura do mundo do sentido comum da vida cotidiana, que a dupla de

pesquisadores se utilizou para amarrar estas duas pontas — a sociologia compreensiva e o funcionalismo — aparentemente opostas e distantes (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 15-30).

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem às suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 36).

Os autores consideram impossível analisar a sociedade sem levar em consideração a objetividade e a subjetividade, sendo o processo dialético da sociedade composto por três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 163). Nesta linha de pensamento, o mundo social é constantemente filtrado. As pessoas "escolhem aspectos do mundo de acordo com a sua localização na estrutura social e também em virtude de suas idiossincrasias individuais, cujo fundamento se encontra na biografia de cada um" (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 176).

Com relação à "exatidão" da identidade subjetiva do indivíduo, pela própria essência da socialização, é precária. Berger e Luckmann avisam que uma realista "apreensão de si mesmo como possuidor de uma identidade definida, estável e socialmente reconhecida está continuamente ameaçada pelas metamorfoses 'supra-realistas' dos sonhos e das fantasias, mesmo se permanece relativamente coerente na interação cotidiana" (1985, p. 137).

E mesmo que os sujeitos não acessem a essência desta identidade a todo o momento, relatando objetivamente e de forma consciente tudo o que ele pensa e também o que ele representa na sociedade, este conhecimento está disponível para ser acessado a qualquer momento (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 136-137).

Dando sequência a este campo que se abria para estudar o indivíduo, mais tarde, no final dos anos 1970, foi Raymond Boudon quem procurou reconstruir toda a sociologia a partir da ação individual, criando o "individualismo metodológico" para se opor ao estruturalismo da época e dizendo que nenhum dos macro-temas, como classes sociais, estado e instituições, existem sem os indivíduos que os compõem e suas interações (BERTAUX, 2014, p. 253).

Nesta frente aberta por Max Weber e com a subjetividade sistematizada por Berger e Luckmann, diversos pesquisadores dedicaram-se a colocar o sujeito, o ator, em primeiro plano. Os sociólogos alemães Fritz Schütze e Gabriele Rosenthal e franceses, como Daniel Bertaux e Bernard Lahire são alguns dos que têm contribuído com as pesquisas sociais que exploram as trajetórias de vida ou cursos de ação, mais fortemente a partir da década de 1970.

Com a crença de que os entrevistados precisam validar as informações sobre si, Lahire propõe em *Retratos Sociológicos* o que chama de sociologia experimental, onde a não-consciência é o foco, buscando dados do passado, sem desprezar o discurso dos entrevistados. Para dar conta das suas realidades, os informantes são submetidos a relatos biográficos em busca da gênese de suas ações.

No método desenvolvido por Lahire, determinados pontos na vida dos entrevistados são reforçados durante a entrevista, geralmente aqueles de ruptura, como provocadores de crises em potencial, negociação, dúvida, hesitação entre diversas possibilidades, resistência ou pressão. Estas rupturas biográficas podem ser configuradas como escolhas profissionais, a chegada de filhos, casamento, divórcio, graves problemas de saúde (LAHIRE, 2004, p. 35). Nos casos em que estes momentos tenham sido bloqueados da memória do entrevistado, os riscos de prejudicar a entrevista são minimizados por um trabalho sistemático de questionamento e posicionamento. "As perguntas (precisas e contextualizadas, em vez de gerais e abstratas dão origem a memórias úteis, que permitem a *anamnese* de cenas e experiências muito antigas" (LAHIRE, 2004, p. 35). O termo empregado pelo autor para as análises realizadas por ele foi sempre trajetória e não biografia.

Bernard Lahire provoca o sociólogo a romper com contextos e hábitos teórico-metodológicos rotineiros. Assim, a crítica do autor francês era de que partir das teorias para realizar testes empíricos serviria apenas para reforçar e comprovar o que já se sabia com as teorias, não descobrir o novo com novas pesquisas. Numa sociologia tradicional não é raro encontrar pesquisadores que se interessam mais pela ação coletiva do que pelo ator que pratica aquela ação, distanciando da memória, do hábito e do passado incorporado à ação (LAHIRE, 2004, p. 21). Exemplo disto é Erving Goffman, cuja sociologia não trabalha com o passado dos atores ao descrever a ordem de interação (LAHIRE, 2004, p. 21). Com uma lógica parecida, Norbert Elias insiste em suas reflexões sociológicas mais nas redes na qual os indivíduos formam interdependência entre si e as decisões de cada um do que na articulação entre as suas conexões e o passado incorporado pelo indivíduo socializado (LAHIRE, 2004, p. 21). Para Lahire, a verdadeira metodologia e teoria sociológica é aquela em que se interpreta o menos possível e não há tentativa de explicar (LAHIRE, 2004, p. 23).

Toda interpretação que ousa colocar em perspectiva as "representações" dos atores com relação a outros aspectos da realidade não ditos por eles (e que não são necessariamente conscientes ou não-conscientes), captados pela objetivação etnográfica, estatística ou histórica, atualmente é percebida de imediato, por numerosos pesquisadores na área das ciências sociais, como uma violência contra os atores (LAHIRE, 2004, p. 23).

Em uma linha próxima a de Lahire, Daniel Bertaux complementa sua metodologia apostando na *durée*. Para ele, a ação humana se desenrola na *durée*, uma espécie de continuidade. Trata-se do curso da ação. Esta ação nasce de um projeto e, antes mesmo de se traduzir em atos, ela foi pensada, refletida, antecipada e traduzida em estratégias (BERTAUX, 2014, p. 255). Abaixo, um trecho em que o autor francês esmiúça o que entende por propriedade de ação da *durée*:

Ele se refere à sequência ordenada de ações que uma mesma pessoa executa na *durée* para, por exemplo, tentar realizar um de seus *projets* (ação racional orientada a fins, *zweckrationale Handlung*, segundo Weber); ou para defender energicamente uma convicção profunda (*wertrationale Handlung*). (BERTAUX, 2014, p. 255).

Começa a tomar consistência a ideia de que a maior parte das sociedades é heterogênea e que as médias estatísticas nacionais não podem servir de base para compreender este organismo tão complexo, ainda mais se for pensar em casos extremos de diversidade, como o Brasil (BERTAUX, 2014, p. 269).

Evidente que os métodos extensivos, estatísticas sociais e *surveys* são os únicos que permitem *descrever* com alguma precisão essas diferenças. Mas eles não estão de maneira alguma em condição de descrever os *processos* que engendraram essas diferenças. Por isso, deve-se recorrer a outros métodos de observação, a métodos ditos "intensivos", centrando o estudo sobre um território particular; o que põe em seguida a questão da generalização dos resultados do estudo a outros territórios (BERTAUX, 2014, p. 270).

Bertaux propõe que não há outro meio para se conhecer o curso da ação de um sujeito sem ser pela narração do próprio, e sugere que uma entrevista bem conduzida é aquela que dá grande liberdade para o biografado, mas trazendo-o na medida do possível ao tema da entrevista (BERTAUX, 2014, p. 261). Este recurso é um dos pontos em que Rosenthal diverge de Bertaux, uma vez que prefere, inclusive, que o entrevistado desconheça o foco da entrevista sob pena de se deixar "contaminar" pela tentação de facilitar a narrativa, entregando uma fala condizente com o que entende ser o desejo do entrevistador. Com isso, poderia concentrar o seu discurso em um único tema, deixando de abordar outros que aparentemente poderiam não ter relação com o objeto de interesse do pesquisador, mas que no processo de análise podem ser valiosos.

Por exemplo, se Joaquim soubesse que o interesse da pesquisa estava voltado para a sua vivência de orfandade, possivelmente buscasse na sua memória apenas, ou em sua maioria, as passagens relacionadas a esta temática. Com isto, perderíamos em qualidade, pois outros assuntos aparentemente pouco relacionáveis com o fato em si podem trazer muito mais aspectos, latentes e manifestos, com potencial para enriquecer o processo de análise. Isto não quer dizer que o tema que motiva a pesquisa seja totalmente esquecido. Pelo contrário, o que

não se deseja, é que uma riqueza maior de temas da vida do entrevistado seja abordada. Caso as questões relacionadas à experiência em si que estamos buscando não sejam narradas em profundidade, ainda assim, na terceira fase da entrevista, poderão ser abordadas, desta vez, com perguntas específicas e diretas sobre o assunto de interesse. Sobre isto, falaremos mais adiante, no capítulo 4.

Foram Bertaux e Martin Kohli que estabeleceram a pesquisa biográfica como método qualitativo no final da década de 1970. Com uma abordagem paralela e, ao contrário de Bertaux, focada na interpretação subjetiva, foi Schütze quem desenvolveu as narrativas biográficas de forma sistemática como método de entrevista e de análise dos dados empíricos (FANTON, 2011, p. 531). E é justamente neste aprimoramento realizado por Schütze que se baseia o método proposto por Rosenthal, compactuando com a ideia do autor alemão de que uma biografia depende muito da forma como o sujeito vivencia o encadeamento de eventos da própria vida e como ele processou estes acontecimentos teoricamente (SCHÜTZE, 2010, p. 210).

Bertaux também apresentava outra divergência: trabalhava para obter do entrevistado elementos que contribuíssem com um padrão estrutural que se encaixasse em um grupo, para assim poder analisar o conjunto da estrutura social (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014, p. 370). Diferente de Schütze, para Bertaux a interpretação subjetiva do entrevistado não exercia um papel relevante. Schütze (2010) defende a tese de que é importante buscar as estruturas processuais dos cursos de vida individuais, partindo do pressuposto de que existem formas elementares comuns a muitas biografias e que há combinações sistemáticas dessas estruturas que, enquanto tipos de destinos pessoais, possuem relevância social.

A base da narrativa biográfica de Schütze vem da sociologia fenomenologicamente fundamentada de Alfred Schutz, capaz de gerar potentes instrumentos para se entender profundamente a sociedade.

Sendo assim, o interesse de Schütze está em interpretar as biografias e faz isto de forma bastante metódica, tendo como resultado a reconstrução da história de vida do entrevistado. A chave deste tipo de pesquisa qualitativa está em responder à questão: "Como o portador da biografia interpreta a sua história de vida?" A resposta deve surgir quando o pesquisador conseguir cruzar os esforços teóricos interpretativos do biografado com o contexto de vida no qual ocorrem os fatos. O resultado são afirmações do tipo: "O portador da biografia segue orientações de vida ilusórias" ou "ele elaborou para si uma impressionante justificativa para a sua história" (SCHÜTZE, 2010, p. 211). Schütze trabalha com o

argumento de que a história de vida é uma sedimentação de estruturas processuais ordenadas sequencialmente entre si.

Nesse momento, uma postura analítica sequenciada pode auxiliar. É necessário colocar-se questões como: "O que vem primeiro? E o que se segue?"; "Como começa? E como termina?"; "Como é a sucessão interna de eventos externos e internos e o estado de coisas entre o início e o final?"; "Como é realizada a transição entre um ponto final e um novo ponto de partida?" Estas são inicialmente questões triviais. Contudo, nelas se encontra uma impressionante força heurística (SCHÜTZE, 2010, p. 211).

A proposta aqui é explorar a habilidade de explicação e abstração do informante, como especialista do seu "eu" (SCHÜTZE, 2010, p. 212). O autor explica que, ao induzir o processo narrativo do biografado, a intenção é elencar os contextos maiores do curso de vida conforme a ordem de relevância. Além disso, busca o resgate dos acontecimentos que não estavam totalmente manifestos para o biografado (SCHÜTZE, 2010, p. 213).

Assim como Schütze, Rosenthal está interessada nas trajetórias sociais. Elas "representam uma estrutura global densa de encadeamentos de eventos condicionados cristalizados" (SCHÜTZE, 2010, p. 216). Estes eventos não são experimentados de forma intencional e acessível, mas como condicionantes que aparecem aquém das suas intenções (SCHÜTZE, 2010, p. 216).

Tal pretensão impulsiona que passos rigorosos de análise sejam empregados para tentar extrair a gênese da ação do indivíduo. Como lembra Schütze, armadilhas podem ser montadas pelo falante, uma vez que ele viveu a história narrada como agente e seus próprios interesses de ação passaram a integrar a história como elemento estruturante (SCHÜTZE, 2014, e14). Ou seja, além do fato em si, o entrevistado carrega um interesse de apresentação e um método refinado de análise pode ser capaz de capturar tais interesses, o que será exercitado na presente pesquisa.

É claro que, inseridos no mesmo ambiente biógrafo e biografado, o pesquisador ajuda a moldar a realidade social que configura objeto do levantamento (ROSENTHAL, 2014b, p. 55). Um exemplo disto é a situação em que a entrevista a ser analisada ocorre, como, por exemplo, o primeiro contato com Joaquim ter sido feito na PUCRS. Ao ser entrevistado dentro de um ambiente acadêmico, é bastante provável que, além de ter se sentido constrangido dentro de um mundo que em nada se parece com o seu ambiente natural, também tenha buscado uma forma de apresentação mais formal, censurando-se em alguns assuntos, prevendo uma "recepção" moralista por parte do entrevistador. No segundo encontro, ocorrido em uma lanchonete do centro de Porto Alegre, escolhida por Joaquim, foi possível

notar um maior desprendimento do biografado e uma disponibilidade maior para aprofundar uma gama maior de assuntos.

Para esta interação entre os dois "universos", muitas vezes tão distintos, enquanto o pesquisador encara o diálogo como uma conversa científica, é possível que o entrevistado a enxergue como um bate-papo em um cafezinho, um tipo de consulta com terapeuta ou mesmo um programa de entrevistas. E este catalogar influencia, sim, no rumo da entrevista (ROSENTHAL, 2014b, p. 55).

### 3.3 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

A pesquisa biográfica na sociologia teve início na década de 1920 pelos sociólogos da Escola de Chicago, como William Isaac Thomas e Florian Znaniecki, como uma alternativa à sociologia positivista. Depois disto, entra em colapso e só volta a ser utilizado novamente como campo de pesquisa da sociologia na década de 1980 (ROSENTHAL, 2014b).

São os conceitos da fenomenologia de Schutz, especialmente a teoria da relevância, apresentados anteriormente, que fundamentam o método criado por Schütze, já apresentado neste capítulo. Veremos agora de que forma a análise das narrativas biográficas do sociólogo alemão foi aprimorada por Gabriele Rosenthal, indicando o modo como trataremos o tema da orfandade por violência doméstica nesta pesquisa.

Ao buscar confrontar os sujeitos com hipóteses pré-estabelecidas, Schutz sugere que o sociólogo estaria se igualando ao senso comum. Este é um dos motivos pelos quais nas narrativas biográficas não são propostas hipóteses de pesquisa antes da conclusão da análise do caso. É a relevância do próprio entrevistado que norteará o trabalho, dando ao biografado o maior espaço possível para construir a situação (ROSENTHAL, 2014b, p. 20). A busca está na investigação do agir social na complexidade que é o cotidiano a partir do ponto de vista do ator, não do cientista social.

Os métodos de levantamento e também da análise devem permitir descobrir o modo como o indivíduo interpreta e produz seu mundo em processos interativos. Nesse contexto, não se trata apenas de chegar às perspectivas e aos estoques de conhecimento dos atores que lhe são conscientemente acessíveis, mas também de analisar o conhecimento implícito, a produção interativa de significados para além das intenções dos agentes (ROSENTHAL, 2014b, p. 22).

É este o exercício proposto no método aprimorado por Gabriele Rosenthal. As elucidações contidas na citação acima são também as razões pelas quais a análise dos dados trazidos pelo indivíduo pesquisado deve ser feita de uma maneira tão criteriosa e

sistematizada em cinco passos de investigação. Sobre isto, falaremos em detalhes no capítulo 4. Por ora, é necessário entender que toda análise é feita sobre um produto, fruto de uma entrevista biográfica. Tudo o que o entrevistado narra importa para o cientista social: seus interesses, suas vivências e o que aprendeu e também o que não aprendeu com elas, a gênese das suas perspectivas e a soma de suas experiências.

A abordagem de Rosenthal recupera muito do que havia sido formulado por Schütze, mas avança ao incorporar no processo de análise contribuições de outros autores. Um deles é Aaron Gurwitsch, com a análise do campo temático, e Ulrich Oevermann, com a sua hermenêutica objetiva sobreposta à proposta de sequencialidade no processo de análise dos dados e narrativas produzidas durante a entrevista (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014, p. 374).

Husserl, uma das principais influências de Alfred Schutz, é quem dá a principal deixa para validar a pesquisa empírica baseada em uma sociologia compreensiva. Conforme apontou Srubar, Husserl sugeriu que "se a sociologia é capaz de descrever a realidade social como algo que sempre tem estruturas de sentido, então estas estruturas devem ser investigadas" (SRUBAR, 1984, p. 178) e chama a atenção para o fato de que a base da constituição do sentido pode ser encontrada nas práticas diárias da realidade do mundo da vida (SRUBAR, 1984, p. 178). Este é um dos pontos que justifica o método de narrativa biográfica.

Marcos Fanton, no artigo *Sujeito, sociedade e linguagem* (2011), resume o teor da narração em cinco características. A primeira é temporal, pois trata-se da rerepresentação de eventos passados com base na perspectiva atual. A segunda tem caráter social, levando em conta que a situação em que a entrevista ocorre é social e pode influenciar no que é dito pelo biografado, pois é direcionado a uma pessoa/entrevistadora específica. Ela também expressa, em terceiro lugar, os significados dados pelos indivíduos às suas experiências e a sua vida como um todo. A quarta característica é a subjetividade, pois é a expressão do indivíduo que tem uma biografia singular. Há que se considerar, por último, a influência da linguagem empregada no discurso, que é mais familiar e rotineira ao biografado (FANTON, 2011, p. 531).

Ciente disto, o método de entrevistas narrativas aqui utilizado está baseado em uma atividade rotineira, que pode ser praticada por qualquer um em maior ou menor intensidade, que é falar da própria vida e dos planos para o futuro. De forma a sistematizar esta narração, criou-se um método com etapas ordenadas cujo objetivo é buscar que o entrevistado sinta-se o

mais à vontade possível e estimulado a contar sua vida em detalhes, sem precisar de perguntas que interfiram, além da simples presença que pode ser intimidadora do entrevistador, com a subjetividade do entrevistado. É o próprio entrevistado quem constrói a sua trajetória por meio da produção de um trabalho biográfico espontâneo (FANTON, 2011, p. 532). Para que se obtenha amplas narrativas, a pergunta inicial do pesquisador para o informante deve ser o mais aberta possível, sem que o entrevistador se baseie em roteiros ou utilize outra linguagem que não aquela empregada pelo próprio entrevistado na hora em que for formular suas questões, com base somente naquilo expressado pelo biografado.

Com a pesquisa social interpretativa torna-se possível compreender não apenas o conteúdo manifesto, mas também o latente, ou seja, as entrelinhas oriundas do ator social somado ao saber implícito que acompanha os dois (ROSENTHAL, 2014b). Sobre esta subjetividade, faz-se necessário esclarecer que não se trata da compreensão dos aspectos psíquicos internos, próprios da psicanálise, mas dos significados que os próprios agentes dão às suas ações e à realidade social “a partir da apropriação de estoques de conhecimento social ao longo da socialização. Além da reconstrução desses estoques de saber — formados e constantemente modificados na socialização — e do significado conscientemente intencionado de uma ação” (ROSENTHAL, 2014b, p. 26).

A forma com que a pesquisa biográfica chega a questões e novos conceitos se distingue completamente da psicanálise, assim como a interpretação dos casos.

Ao contrário do diagnóstico do psicanalista, a pesquisa biográfica busca objetivamente investigar, a princípio, o processo permanente de desenvolvimento de determinados fenômenos — como o de uma doença — e, ainda, situá-los na biografia individual tomada integralmente, e em uma inter-relação constitutiva entre indivíduo e sociedade. O pesquisador busca evitar o quanto possível o uso de categorias patológicas e, ao invés disso, reconstruir a racionalidade inerente aos fenômenos. Outra diferença essencial consiste em que, nas análises biográficas, o objetivo é a reconstrução do *significado* de fenômenos individuais *em seu contexto de surgimento*. O diagnóstico psicanalítico, ao contrário, tende mais à apreensão seletiva de fenômenos de acordo com seus critérios teóricos, nos quais subsume, também, conceitos já construídos (ROSENTHAL, 2014, p. 221).

Na análise proposta por Rosenthal, é levada em consideração também a forma como entrevistador e entrevistado interagem, pois a diferença entre o conscientemente intencionado e o significado objetivo vale também para o agir e o conhecimento disponível ao pesquisador. Isto é importante porque o conhecimento implícito influencia na atividade do pesquisador e precisa ser objeto de reflexão e se tornar consciente por completo.

Durante a entrevista que será analisada nesta pesquisa, diversos exemplos ilustram o parágrafo acima. Questionador, Joaquim, o menino que teve a mãe morta em um contexto de violência doméstica, possivelmente pelo padrasto, quando tinha cinco anos, instigou a

pesquisadora a dar opinião sobre diversos assuntos em paralelo à narração da própria vida. Um dos momentos cruciais ocorre quando pede para a entrevistadora manifestar a sua visão sobre o uso de maconha, sendo ele um usuário da substância psicoativa. Cria-se aí uma situação embaraçosa. Algumas das vezes nem esperava a resposta. A entrevistadora tentava sorrir cordialmente para não desestimular o discurso de Joaquim. Nos mais incisivos, a pesquisadora tentava buscar as respostas mais neutras possíveis (como se isto fosse eficaz em uma conversa em que se é pego de surpresa a todo o momento).

J: Quando tu era adolescente tu fez muita bagunça né

E: Ah, isso todo mundo né? ((Rindo))

J: Viu ((Rindo)) agora ficou sem jeito, né ((Rindo))

Qualquer que seja a ação ou reação da pesquisadora pode gerar uma mudança no curso do que será dito dali para a frente. Joaquim pode omitir certos fatos para não desagradar ou pode lhe contar detalhes escabrosos da sua vivência como forma de provocação. O certo é que terá, este embate, influência no decorrer do discurso. Esta questão será retomada mais adiante, no capítulo seguinte, mas já é possível adiantar que depois deste diálogo é que a narrativa de Joaquim engrenou. É provável que tenha buscado um ponto para desestabilizar a entrevistadora e conversar em uma condição de "igualdade".

Voltando à importância do estudo do caso particular, que determina o método de narrativa biográfica, é ele que fornecerá uma descrição detalhada de como as relações concretas entre determinados fenômenos se formam. A abordagem narrativa biográfica de Rosenthal, segundo Hermílio Santos "permite a construção de tipologias de interpretações do mundo da vida" (2011, p. 14). Neste processo, a forma como os indivíduos manuseiam seu *estoque de conhecimento*, bem como lidam com o *sistema de relevância* e tipificação, são considerados.

Já vimos que mesmo que as atitudes sejam as mesmas, o que motiva as ações de cada um dos atores sociais diz respeito àquele ser humano específico. É por isto, então, que é preciso estudar os indivíduos para entender os seus motivos: são eles que dão forma à coletividade.

Toda a ação teria um objetivo futuro criado com base nas experiências do passado, tendo o presente como filtro: o que eu vivo, o que eu sou hoje. Este passado é movediço, se modifica conforme vão sendo dados significados a ele. Não importa, portanto, que o que se acredita hoje seja mentira ou uma fantasia, pode ter sido a forma utilizada para lidar com aquele pretérito (SCHUTZ, 1972). O que você toma como verdade é a maneira que te leva a agir. Esta questão fica clara na análise feita por Schutz (1955) da obra de Cervantes. Dom

Quixote age muito mais calcado na fantasia que ele crê ser verídica do que amparado na realidade de fato, criando seus “sub-universos”.

Para detalhar a forma como a teoria de Alfred Schutz sustenta a metodologia aprimorada por Gabriele Rosenthal, o presente capítulo trouxe um apanhado da literatura do autor. Ao listar as vertentes que se utilizam de narrativas também possibilitou-se entender em que contexto o método de Fritz Schütze, desenvolvido por Rosenthal, surge como abordagem metodológica.

Feito isso, no capítulo seguinte o objetivo é detalhar os passos do método de narrativas biográficas utilizando exemplos da biografia estudada no presente trabalho, para que se consiga sinalizar de que maneira é vivenciada a orfandade pela morte da mãe em contexto de violência doméstica, possivelmente assassinada pelo parceiro.

#### 4 ORFANDADE POR VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

Depois de apresentar, no capítulo anterior, a fundamentação teórica da abordagem de pesquisa social das narrativas biográficas, vamos nos dedicar agora a conhecer os detalhes da metodologia empregada nesta dissertação — das técnicas de entrevista até a análise dos dados biográficos. O produto final, após examinar os cinco passos da análise dos dados coletados, será a reconstrução da história de vida de Joaquim, aprofundada e discutida no capítulo seguinte. Para que fiquem mais claros os pressupostos teóricos do método aqui empregado, usarei exemplos concretos do caso ao qual me dedico a estudar: de que maneira é vivenciada a orfandade pela morte da mãe, supostamente assassinada pelo parceiro, e quais foram os recursos utilizados pelo órfão para sobreviver.

Embora já adotado no mundo todo, é a produção acadêmica alemã que vem contribuindo de maneira sistemática para o uso dos relatos biográficos na pesquisa sociológica. O maior expoente hoje em narrativas biográficas é Gabriele Rosenthal, cuja abordagem recupera o que havia sido formulado por Fritz Schütze quanto à forma de entrevista aberta e o exame criterioso e aprofundado do relato biográfico, mas avança. Ela incorpora ao método de narrativa biográfica contribuições do filósofo Aron Gurwitsch, que relaciona a fenomenologia com a *teoria da Gestalt*, bastante utilizada na psicologia. A combinação feita por Gurwitsch é empregada na análise dos campos temáticos em torno dos quais se desenvolvem as narrativas biográficas. Além disso, Rosenthal inspira-se na hermenêutica objetiva, criada por Ulrich Oevermann, para produzir a proposta de sequencialidade no processo de análise dos dados (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014, p. 374).

Por hermenêutica entende-se uma compreensão do discurso de alguém e, segundo o filósofo e teólogo alemão Friedrich Schleiermacher (2006), a arte de compreender está conectada com a de falar e de pensar (p. 15) . Cada palavra colocada em uma frase está inserida em um contexto que não deve ser desprezado, pelo contrário, precisa ser minimamente explorado (SCHLEIERMACHER, 2006, p. 19).

Rosenthal (2014a) dedica-se aos processos de rememoração induzidos pela narração. Para ajudar a elucidar as diferenças entre a vivência no passado, a recordação do indivíduo e a narração, a autora se utiliza dos ensinamentos de Edmund Husserl sobre *noema* (se apresenta à consciência pela percepção direta ou pela imaginação) e *noesis* (o ato de voltar-se para o passado estando no presente). *Noema* seria a forma como o ato do passado é apreendido e

intencionado no momento da fala, já *noesis* definiria as vivências da memória que se apresenta, mas também podem ser apresentadas de maneira distinta dependendo da perspectiva do presente. Este último seria a recordação (ROSENTHAL, 2014a, p. 231).

Com a narrativa biográfica, conseguimos acessar, durante a fala do entrevistado, uma construção do passado que se realiza no presente e é completamente dependente deste passado vivenciado. A abordagem metodológica de Rosenthal (2014a; 2014b) ajuda a esclarecer, analiticamente, as diferenças entre as modificações das situações vivenciadas no passado nas diversas fases da vida, "os processos recordativos no presente da narração, a moldagem linguística e comunicacional bem como os enquadramentos interativamente produzidos da situação da narrativa" (ROSENTHAL, 2014a, p. 232). Ao longo dos cinco passos da análise, o pesquisador deixará explícito todos esses pontos na busca por distinguir o passado narrado e o vivenciado, "mesmo que esses níveis não possam ser separados um do outro ou todo passado apresentado no presente seja condicionado pela perspectiva do presente e, inversamente, o presente seja determinado pelo passado" (ROSENTHAL, 2014a, p. 232).

Dito isto, faz-se necessário esclarecer ainda que não temos a pretensão de reconstruir o passado tal qual ocorreu feito mágica ou regressão. Nosso papel é tentar relatar como este passado foi vivenciado pelo narrador no momento presente. Para auxiliar neste processo, faz-se uso da *Gestalt*, teoria usada em diversas disciplinas para designar a configuração do "todo". Este "todo" é muito mais do que a soma das partes, mas a interligação destas partes para que o discurso faça algum sentido. Trata-se do fio condutor da narrativa, que considera a dinâmica entre o que é vivenciado e contado. Conforme Gurwitsch (2009), quando alguém muda a forma com que percebe algum fato também ocorre uma mudança nos "dados" da sua memória, inclusive com relação aos detalhes do "todo". Esta alteração na percepção faz com que o pensamento original sobre determinado fato desapareça dando lugar a um pensamento novo e ressignificado. Partindo do princípio da *teoria da Gestalt* de que o estoque de nossas vivências funciona como uma engrenagem interligada, a mudança não ocorrerá só em um detalhe da memória, mas no "todo". No momento da fala do entrevistado, todas estas alterações realizadas no dia a dia emergem e dão um novo significado a este passado no qual estamos interessados. Ele não ficou estático, imóvel, no momento em que aconteceu, segundo Schutz (1979).

Um exemplo disto pode ser visto no histórico de Joaquim. Até os cinco anos de idade, o menino conviveu com a mãe Maria e a primeira lembrança que tem de um relacionamento entre casais é a de Maria com Altair, o padrasto, pai da irmã caçula e provável assassino de

Maria. Mesmo que esta tenha sido a lembrança mais forte de um relacionamento e que poderia ter forte influência nos relacionamentos futuros de Joaquim, a forma violenta que o casal convivia até o desfecho trágico não pode ser vista com determinismo ao ponto de julgar que Joaquim procederá da mesma forma com sua esposa, caso tenha uma no futuro, ou ainda que esta será a ideia que tem sobre relações conjugais. Ele também pode repudiar a violência. Outros relacionamentos com os quais conviveu posteriormente, como os casamentos dos tios, dos padrinhos, de amigos e até mesmo os namoros em que esteve envolvido ajudarão nesta construção do todo que diz respeito à forma como enxerga e se comporta nos enlances amorosos.

[...] por um lado, visa-se reconstruir a configuração (*Gestalt*) temporal da história de vida vivenciada, isto é, a sequência das vivências biográficas no tempo objetivo, cronológico (diferentemente do tempo vivenciado subjetivamente) e seus possíveis significados no passado. Por outro lado, num passo analítico separado desse, reconstrói-se a configuração (*Gestalt*) temporal da autoapresentação biográfica, isto é, a sequência de temas na apresentação presente, bem como o significado das vivências no presente do biografado e os enquadramentos interativos da apresentação delas (ROSENTHAL, 2014a, p. 232).

No mesmo artigo, a autora alemã resume qual é a relação dialética entre experiência, recordação e narração. E conclui que as experiências localizadas no passado não podem ser expressas da maneira exata como foram vivenciadas. Elas podem ser contadas somente na inter-relação entre o que se oferece no presente da narração e o que a pessoa quer dizer (ROSENTHAL, 2014a, p. 247).

O resultado da análise vai chegar a um cenário que apontará qual a estrutura biográfica e familiar que cria condições vantajosas para determinado tipo de comportamento ou orientação. Ela mostrará como é que se chegou ao tipo de comportamento que aquele entrevistado demonstra hoje (ROSENTHAL, 2014b, p. 31). Santos complementa a ideia de Rosenthal afirmando que "ao se obter narrativas das experiências biográficas, na perspectiva do agente, é possível obter acesso aos dados que poderão permitir a análise do sistema de relevância do narrador" (SANTOS, 2011, p. 15). Ele lembra ainda que, de acordo com a sociologia de Schutz, estes são os pressupostos indispensáveis para a compreensão da ação dos indivíduos. Ao final, o pesquisador chega à reconstrução biográfica de caso, o que nesta pesquisa mostrará uma das muitas formas de viver a orfandade por violência doméstica e uma das diversas maneiras de lidar com ela.

Esta premissa de trabalhar com casos únicos é uma das maiores críticas proferidas por quem desconhece a abordagem. Sobre isto, Rosenthal explica que o método está baseado no princípio da dialética entre o individual e o geral, sendo que "cada caso particular — que em

sua constituição sempre remonta à realidade social — esclarece algo sobre a relação entre geral e individual. Ele tem sua origem no geral e é, assim, também parte do geral, ao qual sempre faz referência” (ROSENTHAL, 2014b, p. 90).

Assim, a pesquisa social qualitativa possibilita investigar o desconhecido, apreender o sentido subjetivamente visado, reconstruir o sentido latente, reconstruir a complexidade de estruturas de ação a partir do caso particular, descrever o meio social e o agir, desenvolver teorias e hipóteses empiricamente fundadas e verificá-las a partir de um caso particular. Ela não pode tirar conclusões a respeito da representatividade dos seus resultados e fazer generalização baseada na frequência deste fenômeno.

As generalizações a partir dos casos particulares não são empreendidas desde um ponto de vista quantitativo, mas, antes, em sentido teórico, com base na comparação entre os casos [...] que podem ser uma família, uma biografia, uma organização (também um hospital ou um jardim de infância), instituição ou também uma sociedade (ROSENTHAL, 2014b, p. 90).

Conforme Rosenthal (2014b), um tipo abrange casos semelhantes, independente da frequência que ocorrem. Isto quer dizer que as conclusões que serão tiradas ao final do mestrado não serão sobre todos os casos, mas sobre todos os casos semelhantes a partir de um exemplo concreto, que é a biografia do Joaquim.

Não se trata de investigar objetivamente os acontecimentos da vida do entrevistado, o que explica o porquê de não serem feitas perguntas ao longo da entrevista narrativa. Durante a narrativa central de Joaquim, que durou 40 minutos, na primeira fase da entrevista, as normativas do método foram respeitadas e nenhuma pergunta interrompeu o fluxo de pensamento do entrevistado. A narração foi somente estimulada por meio de expressões não-verbais e paralinguísticas de interesse e atenção, como "mhm".

Na pesquisa biográfica interpretativa o que se busca é uma generalização teórica a partir do caso particular. Para chegar a esta teoria, calcada na *Grounded Theory*, é necessário reconstruir, "a partir do contexto geral da história de vida que é relatada, as vivências relevantes para o próprio entrevistado do ponto de vista biográfico, o modo com que ele interpretou e interpreta esta vivência e forma com que ele atribui à vida um nexo de sentido dando origem ao constructo que chamamos biografia ou história de vida" (ROSENTHAL, 2014b, p. 220).

A ideia aqui não é buscar os fatores em comum entre os casos, o que geraria a suposição de que elementos iguais originam totalidades também iguais. Pelo contrário, o objetivo é ter em mente que não há necessidade de correspondência entre componentes de duas totalidades para encaixá-los em um mesmo tipo. Assim, “a categorização de um caso

com base em determinado tipo só é possível após uma análise reconstrutiva, uma vez que a estrutura não se deixa derivar a partir dos elementos, dos dados externos idênticos” (ROSENTHAL, 2014b, p. 92). Este é o fundamento de um dos passos da análise, quando são comparados os tipos, conforme veremos mais adiante.

Quando o pesquisador trabalha com hipóteses antes de ir a campo, são muitos os riscos que se corre. O principal deles é a busca por encaixar falas e atitudes dos entrevistados em "caixinhas" preexistentes. Faz-se necessário pontuar aqui que, ao não levantar hipóteses prévias e de promover um constante esforço de deixarmos de lado o nosso *sistema de relevância*, não garante-se a neutralidade absoluta do pesquisador. Inevitavelmente, nossas crenças, valores e cultura estarão inseridas no processo, mas com a abordagem de narrativa biográfica almeja-se uma aproximação deste ideal (SUSIN, 2014).

A proposta é estranhar tudo, duvidar de qualquer coisa. Se for diferente, corre-se o risco de enxergar apenas na superfície — local onde fica exposto apenas o manifesto e não toda a riqueza que traz a subjetividade. É nesta linha que pretendemos testar o método de Rosenthal neste trabalho para tentar responder o que a experiência de ter a mãe morta em um contexto de violência doméstica representa na vida da criança ou adolescente.

Berger e Luckmann defendem que exagerar a importância das teorias sobre a sociedade é desnecessário, pois elas não esgotam tudo aquilo que faz parte da realidade de um indivíduo, membro de uma sociedade (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 29). Esta afirmação ajuda a explicar o porquê, na narrativa biográfica, não partimos de uma teoria para analisar um caso. Em vez disto, o pesquisador analisa a biografia e busca na literatura disponível as variadas formas como o tema já foi tratado e confronta com o que foi encontrado pela análise.

O rigor do método se apresenta logo no primeiro passo, onde são listados todos os dados biográficos do entrevistado e da sua família em sequência cronológica. Nesta etapa, não importa a maneira como ele se refere a tais fatos ou qual é a importância que dá a eles, nem todos os dados estarão vinculados às interpretações do biografado na sequência temporal dos acontecimentos na trajetória de vida dele. Eles são coletados da entrevista transcrita, de informações de terceiros e de documentos oficiais, quando estão disponíveis, além de dados históricos e sociopolíticos que poderiam ser relevantes para o caso. Esta separação dos dados biográficos do texto do entrevistado ajuda a evitar uma adoção precipitada das autointerpretações e autoapresentações atuais das pessoas entrevistadas. Aqui se busca a construção de hipóteses acerca dos possíveis significados das diversas etapas biográficas para o biografado no momento da vivência, com base em um conhecimento teórico do pesquisador

referente ao objeto e em um "conhecimento empiricamente fundamentado sobre os prováveis efeitos de determinados acontecimentos numa determinada idade sobre essa fase da vida e sobre a fase seguinte" (ROSENTHAL, 2014a, p. 236).

No segundo passo da avaliação, quando são analisados os *campos temáticos*, são reconstruídos os mecanismos que comandam a seleção dos temas, sua sequência e ligação temática entre diversos segmentos do texto apresentado pelo entrevistado no momento da narração, gravados e depois transcritos. Nesta etapa, o pesquisador se pergunta a todo o momento, durante a formulação das hipóteses para cada trecho, se a apresentação concreta em cada caso se deve à situação da entrevista ou da vida atual e até que ponto ela remete a relevâncias biográficas do passado (ROSENTHAL, 2014a). Esses e os outros passos serão detalhados no decorrer deste capítulo, mas antes é preciso ter claro que quando se volta à experiência durante o processo de recordação, ela se apresenta "possivelmente de forma mais 'próxima' do que se vivenciou no passado" (ROSENTHAL, 2014a, p.247).

No momento da análise dos dados são utilizados procedimentos da teoria fundamentada (*Grounded theory*) — empiricamente sedimentada, que estruturam o material textual em categorias gerais, conforme os critérios do pesquisador. Já no momento da reconstrução e sequencial toma-se a estrutura temporal ou forma sequencial do texto como base para a interpretação. Cada sequência é considerada em sua inserção na forma geral, tornando possível "apreender o conteúdo não apenas manifesto — como ocorre na análise do conteúdo —, mas também latente, as 'entrelinhas'" (ROSENTHAL, 2014b, p. 25).

A *Grounded Theory* implica em gerar hipóteses e teorias a partir do material empírico, segundo Barney Glaser e Anselm Strauss, cujo foco da pesquisa não está na verificação, mas na geração de teorias (ROSENTHAL, 2014b, p. 33). Não se trata, no entanto, de negar o valor da verificação das hipóteses e teorias, mas de gerá-las e verificá-las simultaneamente.

Neste mesmo sentido, a abordagem de Rosenthal também recebe a influência de Charles Sanders Peirce e o princípio de abdução desenvolvido por ele. Todo o processo de análise dos dados consiste na formulação de hipóteses cuja confecção surge a partir do caso empírico. As hipóteses são formuladas, verificadas, reexaminadas, refutadas ou ampliadas tendo a entrevista narrativa como base (ROSENTHAL, 2014a).

De acordo com Peirce, a abdução parte do caso estudado para todas as hipóteses possíveis no momento da interpretação e é constituída por três fases de um processo lógico, conforme esquematizou Rosenthal (2014b, p. 73-74). São elas: I) a abdução propriamente dita,

que é a busca por uma hipótese verificável e que esclareça fatos observáveis. O conhecimento cotidiano e teorias científicas se unem para buscar respostas plausíveis no desenvolvimento das hipóteses; II) No próximo momento, parte-se das hipóteses para as suas consequências também chamadas de hipóteses secundárias (*follow-ups*), quando são deduzidos momentos secundários. São conclusões que contribuem para fundamentar a plausibilidade da hipótese no texto subsequente; III) Chega-se ao inferir dedutivo, quando as hipóteses secundárias trazem previsões sobre o que ocorre no curso da ação ou nas partes subsequentes do texto e são contrastadas no caso concreto com outros fenômenos presentes, sendo confirmadas, modificadas ou rejeitadas. Trata-se do teste empírico na busca por fatos, de indícios que comprovem as hipóteses.

O método abduutivo é diferente do método indutivo — em que os dados coletados buscam verificar hipóteses de trabalho previamente delimitadas — e também do método dedutivo — em que se sustentam hipóteses baseadas em teorias (SANTOS, 2012, p. 496). O foco da abdução, por fim, é chegar à gênese do caso, a partir da interpretação das vivências no momento da entrevista e também da reflexão prévia feita desta vivência. Assim, os detalhes, o que se mostra importante e também o que se mostra desimportante desde o início serão analisados em busca de pistas que podem encaminhar o pesquisador ao encontro da gênese. Mas é determinante para o método sequencial, a ser empregado aqui, que seja respeitada a sequencialidade do texto sem pular trechos ao longo da interpretação ou que se ande em círculos em busca de algo que comprove hipóteses já levantadas (ROSENTHAL, 2014b, p. 81).

É com a análise sequencial, portanto, que se consegue chegar às conclusões possíveis e que contribuem para "fundamentar a plausibilidade da hipótese no texto subsequente" (ROSENTHAL, 2014b, p. 74). Estas hipóteses são formuladas de forma empírica. Ou seja, se as hipóteses formuladas se mostrarem plausíveis ao serem contrastadas com a sequência seguinte do texto, elas serão mantidas. Mas elas também podem ser refutadas conforme o que se apresenta no trecho subsequente. Numa narração, nenhum trecho deve ser considerado como fruto do acaso, mas sim como uma estrutura de sentido, onde é possível interpretar a menção a determinado assunto como estando em relação direta aos temas abordados naquela determinada sequência do texto, possibilitando a formulação das hipóteses. A sequencialidade também permite que sejam formuladas hipóteses a respeito dos acontecimentos manifestos pelo entrevistado, mas daqueles considerados prováveis ou que o falante busca evitar (ROSENTHAL, 2014b, p. 68).

Todo o esforço gira em torno de localizar o *sistema de relevância* do entrevistado, conceito calcado na teoria schutziana (SCHUTZ, 1979). Também como um desdobramento da fundamentação fenomenológica de Schutz torna-se foco da pesquisa com narrativas biográficas a intersubjetividade, uma vez que este mundo intersubjetivo é compartilhado, experienciado e interpretado por outros indivíduos tornando-se comum a todos. Rosenthal afirma que é dever do cientista social descobrir o modo como os agentes do cotidiano constroem sua realidade social — sempre constituída em processos de interação —, vivenciam e a interpretam e quais são os métodos de comunicação aplicados (ROSENTHAL, 2014b, p. 50). Segundo a autora, se o interesse está voltado para o *sistema de relevância* do entrevistado, então, a proposta é uma pesquisa orientada por um procedimento aberto de entrevista, dando a ele o maior espaço possível para construir a situação (2014b, p. 19).

Como bem salientado por Lúcia Maria Leite Pereira (1991), o método biográfico remete necessariamente à memória. Ela reforça o fato de que a memória pessoal é também uma memória social, familiar e grupal. Pereira (1991) aponta que críticas são dirigidas à questão de que a memória é falha, capaz de distorcer acontecimentos ainda mais quando existe uma longa distância entre o passado em que o fato ocorreu e o momento em que está sendo narrado. Os defensores do método de entrevista narrativa argumentam que o uso da memória pelo entrevistado denuncia certos aspectos que devem ser apresentados, como a seleção que é feita para relatar e também a supressão ou o esquecimento de elementos da história de vida (PEREIRA, 1991, p. 114). Ou seja, o esquecimento, as "falhas na memória", não podem ser desprezadas nas narrativas. Pelo contrário, o não dito e as contradições também são objeto de análise e podem trazer muitas respostas para a reconstrução biográfica do entrevistado.

Santos, Oliveira e Fontella (2013) fazem uma crítica à forma como o recurso da narrativa tem sido usado no Brasil: para se obter informações objetivas de vida para complementar outros tipos de coleta de dados. No presente trabalho, entretanto, é puramente a narrativa que será analisada, esmiuçando seu conteúdo sob todos os critérios, inclusive, textuais, o que não vem sendo feito pela pesquisa sociológica brasileira recentemente. A distinção oriunda da linguística feita por Schütze entre formas textuais, como argumentos, descrições e narrativas é indispensável ao procedimento de análise aqui proposto. Segundo Schütze, a narrativa é o recurso discursivo com maior vínculo ao desencadear de ações, o que apresenta maior afinidade com a interpretação que o falante tem do desenrolar destas ações (ROSENTHAL, 2004, p. 53).

A preferência pela narração na análise dos dados biográficos do entrevistado é fruto da certeza de que este é o tipo de discurso mais vantajoso comparado com as outras formas textuais, como a descrição e argumentação. São maiores as chances para uma interpretação pretérita do entrevistado sobre o evento e o tempo objeto da fala quando o biografado tece narrativas (SANTOS; OLIVEIRA; FONTELLA, 2013, p. 11).

Por reconstruir entende-se buscar o significado de cada passagem sempre tomando como ponto de partida o contexto mais amplo da entrevista. Isto será feito com a ajuda de uma análise sequencial, ou seja, um modo de interpretar um texto ou unidades textuais respeitando a ordem de seu surgimento durante a entrevista. É investigada também a forma como cada experiência biográfica é organizada temporalmente dentro daquilo vivenciado pelo entrevistado (ROSENTHAL, 2014b, p. 226).

O que foi vivenciado e o que foi relatado serão analisados separadamente com o intuito de evitar armadilhas, pois boa parte do discurso é construído de acordo com o desejo do narrador de ser caracterizado de uma forma específica. Este interesse de apresentação está ligado a um comportamento em relação ao entrevistador e também ao ambiente. Joaquim, por exemplo, passa toda a entrevista demonstrando ser trabalhador, honesto e dono de uma trajetória de superação. É claro que percorrendo a superfície do relato de Joaquim e contemplando apenas os trechos mais impactantes, ele de fato é um sobrevivente. O esforço do pesquisador está em dar um significado para o conteúdo latente da fala do entrevistado. A investigação consiste, assim, em "peneirar" o que realmente foi experienciado pelo biografado no passado com todos os reflexos possíveis no presente e nos seus projetos daqui por diante.

Conforme explica Rosenthal, a necessidade de refletir sobre as possíveis leituras de um dado uma vez que "teoricamente seu significado pode ser explicado pelo próprio entrevistado" (2014b, p. 229). Ela explica que a primeira objeção a este argumento é que a narrativa do entrevistado tem como perspectiva o momento presente e "também buscamos apreender os significados do vivenciado à época do ocorrido" (ROSENTHAL, 2014b, p. 229). O interesse, portanto, está voltado para reconstruir estruturas de sentido latente, ou seja, os significados inacessíveis ao falante.

E justamente para essa reconstrução será de grande vantagem não considerar (de início) a perspectiva dos entrevistados, tampouco aceitar a plausibilidade dos significados do próprio entrevistado, mas, antes, refletir sobre outros significados possíveis. Se, mais tarde, no terceiro passo da análise de dados — na reconstrução da história de vida vivenciada —, nos voltarmos ao texto já com esse horizonte de significados possíveis, sem dúvida teremos acesso mais amplo às possibilidades de sentido que em geral está disponível nas entrelinhas (ROSENTHAL, 2014b, p. 229).

#### 4.1 A ENTREVISTA BIOGRÁFICA

Neste subcapítulo será apresentado o formato de entrevista. Para começar, é preciso esclarecer o que se entende por biografia. Segundo Fischer-Rosenthal (1995), biografia é a forma como as pessoas estruturam as suas vidas temporalmente bem como a sua participação nas variadas instituições sociais ao longo do percurso (p. 220). A noção de biografia dá a ideia de uma descrição que emerge da observação de si mesmo e as estruturas da própria vida antes e depois de um fato ocorrido. A linguagem é o que dá significado a tudo o que compõe esta vida. É também através da fala que os membros de uma sociedade constroem seu próprio mundo. Eles interpretam os eventos e passam esta informação para seus pares, tornando-se produtores de experiência e conhecimento (FISCHER-ROSENTHAL, 1995, p. 220). É por isto que levar em consideração a forma como o sujeito narra a sua biografia também é uma forma de ter acesso à gênese desta biografia.

Ao estabelecer as diferenças entre identidade e biografia, Fischer-Rosenthal (1995) define que biografia representa uma rede de eventos e possibilidades interligadas e interpretadas ao longo da vida, considerando a temporalidade no sentido cronológico e fenomenológico e encarnando fatos do passado e antecipações do futuro. Refere-se a um processo aberto de pertencimento, propondo uma junção em vez de uma divisão entre o individual e o social. Identidade, segundo o autor, denota a relação lógica entre eventos, representa temporalidade quanto a um senso de pertencimento fixo, como identidade sexual, étnica, nacional, que permanecem inalteradas. A identidade também tende a ser ligada a decisões intencionais ou a atribuir características pessoais (FISCHER-ROSENTHAL, 1995, p. 223).

Para ter acesso a este material pessoal, no entanto, seguindo o método de Gabriele Rosenthal são dispensados roteiros de perguntas ou formas de nortear o discurso do entrevistado. De acordo com o princípio da descoberta, a abertura já começa no momento de delimitar o universo a ser estudado. No método de narrativa biográfica, depois de escolhido o tema com que se quer trabalhar, não é indicado restringir o público-alvo, seguindo elementos comuns em outros tipos de pesquisa qualitativa, como sexo, escolaridade, classe social e etc.

Assim, neste estudo sobre órfãos da violência doméstica, todos os casos possíveis interessam. Apenas algumas especificações foram discutidas previamente para que aumentasse a possibilidade de um relato melhor estruturado. A pesquisa tinha por objetivo

conhecer os efeitos da morte da mãe na infância e na adolescência dos órfãos. Portanto, era preciso que a pessoa tivesse experienciado o luto antes de ingressar na fase adulta.

Definidos os critérios mínimos, o contato com Joaquim foi feito por meio de uma instituição pública: o abrigo onde cresceu. Expliquei à assistente social o tema da pesquisa, as delimitações que haviam sido feitas para um melhor aproveitamento da entrevista e pedi que ajudasse a encontrar um interno ou ex-interno naqueles parâmetros. Combinamos também que, em um primeiro momento, quando entrasse em contato com o possível biografado, desse a ele o mínimo possível de detalhes da pesquisa sob pena de "contaminar" o relato. Recebi a indicação do nome de Joaquim com a promessa de que apenas dados superficiais haviam sido repassados a ele. Quando nos falamos pela primeira vez, comentei com Joaquim que estava pesquisando pessoas que haviam ficado órfãs de mãe, sem descrever qual era o tipo de morte que me interessava.

Rosenthal explica que deixar o universo de pesquisa amplo dentro do tema previamente delimitado faz parte da lógica da descoberta: "não podemos definir de antemão a escolha de nossos casos, uma vez que não podemos saber de início quais casos se mostrarão de relevância teórica ao longo da pesquisa" (ROSENTHAL, 2014b, p. 102).

A interação entre entrevistado e entrevistador tem importância-chave neste exercício. A preparação do entrevistador deve estar voltada para a obtenção de autocontrole a fim de manter a atenção, respeitar o discurso do interlocutor e não para o estudo de perguntas pré-determinadas.

A mesma premissa vale para o momento de iniciar a entrevista. Hermílio Santos, um dos primeiros pesquisadores brasileiros a testar o método de narrativas biográficas proposto por Gabriele Rosenthal, orienta ainda que o pesquisador tenha claramente definido seu problema de pesquisa. A primeira questão formulada é para que o entrevistado apresente a própria vida, da maneira que se sentir mais à vontade e disposto a narrar, ativando o próprio *sistema de relevância*. É deste *sistema de relevância* que vai sendo elencada a sequência biográfica do entrevistado, demarcando de que forma dá o início da sua fala e quais são os temas da sua vida que merecem maior destaque, maior detalhamento e aprofundamento (SANTOS, 2012, p. 498).

Assim, o método de Rosenthal tem como princípio a teoria da relevância de Alfred Schütz, cuja importância para as Ciências Sociais está na lógica de que o indivíduo seleciona o seu conhecimento na medida em que é relevante para a ação (NASU, 2008).

O argumento é de que cada um de nós consegue buscar dentro do próprio *sistema de relevância* os conhecimentos disponíveis individualmente, ou seja, o "estoque de conhecimento à mão" na medida em que são relevantes para a ação (NASU, 2008, p. 91). Portanto, durante a entrevista esta "seleção" ocorre de forma automática e oferece ao entrevistador boa parte do estoque de conhecimento do entrevistado em uma sequência que revela o grau de importância dado a cada tema pelo biografado.

Seja em uma conversa de bar, em um encontro entre dois desconhecidos, em uma roda de amigos ou durante uma entrevista todos estes contatos pressupõem uma interação face a face, conceito empregado por Berger e Luckmann (1985). Durante estes contatos, há um acionamento constante do sistema de relevância. Estes mecanismos de interação entre indivíduos precisam ser minimamente conhecidos e são de extrema importância durante a análise dos dados biográficos (ROSENTHAL, 1993).

A busca por minimizar a interferência do entrevistador no discurso do entrevistado, portanto, está ligada a não impor a ele o *sistema de relevância* do pesquisador. Apesar de todo o esforço, como já havia lembrado Weber (2006) ao desconstruir o conceito positivista da objetividade, é impossível não haver interferências do pesquisador no momento da entrevista.

Neste contato face a face dentro do cenário da entrevista, Rosenthal lembra que o informante interpreta o mundo da vida dentro do qual se comunica com o pesquisador e a situação da pesquisa. Enquanto o pesquisador define a situação com interesse científico, o entrevistado pode entender o encontro como um bate papo, uma consulta com um psicólogo ou assistente social. Assim, a entrevista pode tomar uma infinidade de rumos, dependendo de como o entrevistado percebe o interesse do entrevistador: na história de um grupo, em sentimentos, investigação ou uma forma de repreendê-lo (ROSENTHAL, 2014b, p. 55).

Na conversa com Joaquim, principalmente, no primeiro encontro, ficou bem claro que ele estava treinado a ter aquele tipo de conversa com a equipe do abrigo onde cresceu. Por ter sido criado em um ambiente institucionalizado, vivia disponível a estes encontros e talvez por isto não tenha hesitado em participar da pesquisa. Entretanto, de início, o jovem mostrou-se resistente e um verdadeiro embate foi travado na cena da entrevista. Enquanto a pesquisadora montava rapidamente definições prévias para saber como lidar com ele, "órfão", "jovem", "de classe baixa", "menino que cresceu em abrigo", Joaquim buscava recursos internos para lidar com a conversa com uma "mulher", "estudante" e "pesquisadora". A entrevistadora foi submetida a quase 10 minutos de testes feitos por Joaquim até que ele se encorajasse a falar

sobre a vida dele e de sua família. Sobre esta relação inicial, Berger e Luckmann fazem a seguinte reflexão:

Os esquemas tipificadores que entram nas situações face a face são naturalmente recíprocos. O outro também me apreende de uma maneira tipificada, como "homem", "americano", "vendedor", "um camarada insinuante", etc. As tipificações do outro são tão suscetíveis de sofrerem interferências da minha parte como as minhas são da parte dele. Em outras palavras, os dois esquemas tipificadores entraram em contínua "negociação" na situação face a face. Na vida diária esta "negociação" provavelmente estará predeterminada de uma maneira típica, como no característico processo de barganha entre compradores e vendedores. Assim, na maior parte do tempo, meus encontros com os outros na vida cotidiana são típicos em duplo sentido, apreendo o outro como um tipo, e interaguo com ele numa situação que é por si mesma típica (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 50).

Para compreender os mecanismos da entrevista aberta, na qual de início não é feita nenhuma pergunta, é preciso explicar que ela é dividida em três fases. No primeiro momento, se propõe um relato principal desenvolvido de forma autônoma pelo próprio entrevistado. É justamente para que o entrevistado se oriente por seu sistema de relevância que Rosenthal propõe a pergunta inicial mais aberta possível, como demonstrado abaixo:

Pedimos que nos conte sobre a sua história de vida e também sobre a história de sua família, que nos faça um relato de todas as vivências que venham à mente. Você pode utilizar o tempo que for necessário. No início, eu não vou fazer nenhuma interrupção, vou apenas tomar notas, para mais tarde retomar alguns temas. Caso você não disponha de tempo suficiente hoje, podemos marcar uma segunda entrevista (ROSENTHAL, 2014b, p. 192-193).

Na experiência de entrevista com Joaquim, é possível que ele tenha se surpreendido com a proposta de uma entrevista aberta, que se inicia sem questionamento específico. Tento explicar a forma como será feita a entrevista, mas sou interrompida a todo o momento e se estabelece uma negociação que se estende por duas páginas de transcrição até que Joaquim inicia o seu relato.

J: Tá mas qual é a pergunta que tu vai fazer

E: Não não, agora eu vou te explicar, eu só vou gravar tudo assim porque depois eu vou precisar, eu não vou anotá, eu não vou anotar quase nada assim sabe não, não fica nervoso, fica tranquilo ((Rindo)) /Joaquim se mexe muito na cadeira de demonstra estar assustado

J: tá, não não, tudo bem

E: tá que é assim ó, é: como eu tava te explicando ele é um método que se chama narrativa biográfica, eu vou mais muito mais te ouvir do que te perguntar muitas coisas assim sabe, então assim eu to interessada em Toda a tua vida desde o dia em que tu nasceu até agora.

J: Bah meu ((Rindo))

E: É.

J: Kamila ((Rindo)) / um fala por cima do outro/

E: Vai ser legal no fim, vai ser legal, e assim me conta tudo o que tu for lembrando, na ordem em que tu for lembrando, como tu for te lembrando, assim, eu tenho tempo.

J: Toda a minha vida

E: É quanto mais detalhes melhor né

J: A respeito da minha vida ou respeito dos abrigos

E: Não eu quero que tu fale o que tu quiser falar, eu tô interessada em tudo tudo da tua vida, tudo o que tu achar importante, que tu acha que

J: Estranho né ((Rindo))

E: Tudo o que tu quiser falar, começa por onde tu quiser começar né, e: e aí assim ó, eu vou anotando algumas coisas e eu só vou te perguntar aquilo que tu disser.

J: Tudo da minha vida tu qué sabê

E: Uhum

J: Ah não, “a minha vida é uma” é um livro muito muito

E: Tudo o que tu quiser contar tá, eu quero sabe tud- tudo o que tu quise conta

J: Qua-, se não for não sei, qual é a sua idade

E: Eu, tenho trinta.

J: trinta anos

E: uhum

J: ah

E: E tu tem quantos anos

J: ah tu também já tem uma história né

E: Tenho

J: Trinta anos, quando tu era adolescente tu feiz muita bagunça né

E: Ah, todo mundo né ((Rindo))

J: Viu ((Rindo)) agora fico sem jeito, né ((Rindo))

E: Não mas assim olha, me conta tudo o que tu quise contá ta, tu não precisa te obrigar a contar nada, eu não vou te fazer perguntas que

J: Ah tu tá gravando já / (ele se mexe muito na cadeira e não para de olhar o gravador/ )

E: Aham, não mas isso aqui é só para eu transcrever né toda a nossa conve- depois, tudo o que a gente falar aqui, eu vou depois digitar

J: Ah tá por causa que bah eu fi- so Meio feliz, ah so meio né meu, bah fico de arreganho fiz uma brincadeira nada a vê aí e tu não devia tê gravado

E: Não não mas bem capaz não tem problema

J: Ah não sei meu o que eu posso te falar eu morei morei num abrigo desde os oito ano, ci- cinco anos.

E: Tu tinha cinco anos

J: Ahan desde os cinco que eu moro morei em abrigo né, AGORA não agora eu moro sozinho.

E: Hum pode ir falando, desde aí tu lembra o que, vai lembrando

J: Ah morei: por que não pegou o meu histórico, seria mais fácil pra ti e: eu não precisaria tá aqui.

E: Não mas eu quero que tu me conte, essa essa é a pesquisa né, é como Tu narra a Tua vida.

J: Mas imagina=se=tu=pegasse o meu histórico, tu ia saber Tudo, se fosse num abrigo e pux- e pegasse a minha minha pastinha que eles tem guardado lá com todinhas as mi=mi=minhas coisas de boas e ruins

E: Mas aí eu ia ver as coisas que tu não quer conta também, eu só quero saber o que tu quer me contar.

J: Mas tu ia sabe tudo ((Rindo))

E: Não, me conta o que tu quer me contar, o que tu quer me contar, por onde tu quiser né começar

J: “tá vamulá”, é que eu não sei por onde começo pra te conta assim sabe, vo fala de abrigos vo fala a respeito de abrigo, com cinco ano frequentei o lar esperança por causa que: eu morava com meus com meus tios “bah meu” bah é estranho falar da vida da gente né bah porque tu fica Séria meu, bah eu fico sem jeito ((Rindo))

E: ((Rindo))

J: /respira fundo/ assim ó, ah, quando: ah quando eu morava=eu=morava com a minha mãe e com o meu PAI na Protásio Alves e daí: e daí<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Os trechos da entrevista apresentados neste trabalho preservam as normas de transcrição do método de narrativa biográfica apresentadas na página 69.

Na busca por minimizar interferências durante a narrativa principal, e interessado em falas longas, a entrevistadora não utiliza qualquer expressão verbal nesta fase, apenas o estimula, com intervenções paralinguísticas, como "mhm", que demonstram interesse e atenção ao que está sendo dito. Caso a narração "emperre", pode-se recorrer a estímulos como "e o que aconteceu em seguida?", a contato visual ou a outras formas de interação que tenham como finalidade demonstrar a atenção (ROSENTHAL, 2014b, p. 194). Schütze orienta que o ouvinte manifeste continuamente interesse na conversa e incentive a fala do biografado, lançando mão de fenômenos paraverbais, como "mhm", gestos, expressão facial ou balanço de cabeça sem perturbar o falante (SCHÜTZE, 2014, e16).

A atitude de demonstrar atenção, proposta pelo método, e também as formas de incentivo à fala incomodaram Joaquim. Uma das hipóteses para este estranhamento é a inexperiência da entrevistadora com o tipo de entrevista ou ainda um constrangimento por parte de Joaquim devido a um possível clima de formalidade potencializado pelo ambiente onde o primeiro foi realizado: uma sala de aula vazia da PUCRS.

Para o incômodo de Joaquim com o método de entrevista, principalmente, com o fato de a pesquisadora ficar anotando tudo o que ele falava, uma hipótese que não pode ser descartada é de ser um efeito da maconha que ele mesmo contou ter usado antes de chegar ao local da entrevista. Em meio à conversa, o entrevistado disparou a seguinte frase:

Ah tá me surpreendendo ali ó a guria=a=mulher tá escrevendo sem sem "sem"  
olhá pro papel

Sobre os efeitos da droga, Edward MacRae e Júlio Assis Simões (2004) afirmam que é comum aos usuários de maconha paranóias e também alucinações visuais. Os autores estudaram fumantes da droga e listaram quais foram as sensações e comportamentos vivenciados explicitadas pelos próprios usuários. Dentre eles, "diferença na percepção do tempo, do espaço e das formas, aumento da sensibilidade em geral, hilariedade, alucinações visuais e auditivas, 'queda de pressão', frio, tremores, medo, excitação sexual, relaxamento, falta de controle sobre os próprios movimentos" (MACRAE; SIMÕES, 2004, p. 59).

Quanto mais aberta a pergunta inicial, a empatia entre entrevistador e entrevistado e disponível o biografado, mais rico, detalhado e longo será o relato inicial. Esta é apenas a primeira fase da entrevista e quem determina até onde ela deve ir e quanto tempo vai durar é o próprio entrevistado, até que este conclua que esta é a sua vida e que nada mais deve ser acrescentado. Depois disto, se inicia uma segunda fase.

O segundo momento tem perguntas de aprofundamento, mas também com o interesse em que sejam formulados relatos, com base no que foi dito na primeira fase. Somente depois

é que pode haver confirmações externas de elementos que não tenham sido mencionados. Neste momento são inseridas perguntas direcionadas, mas partindo do *sistema de relevância* do entrevistado. Ela deve ser introduzida da seguinte maneira, como sugere Rosenthal:

Como você deve ter percebido, eu fiz anotações sobre algumas passagens do seu relato e gostaria de fazer algumas perguntas sobre elas. Se você concordar, eu começaria, então, com o primeiro apontamento, Eu tomei nota, por exemplo, da menção que você faz sobre... Será que você poderia falar de alguns detalhes a este respeito? (2014b, p. 196).

No caso concreto com Joaquim, a intervenção ocorreu na linha 29 da página 23. Lembrando que Joaquim se demonstrava ansioso e quase não me permitia falar, a intervenção ocorreu desta forma:

J: sério vamo escutá agora o que deu aí.  
E: Bom posso te fazê umas perguntas  
J: Pode  
E: Por que como eu te disse a partir da: eu não te fiz nenhuma pergunta né antes  
J: Bah te contei toda a minha vida não, TODA não, tem uns detalhes  
E: É e essa segunda fase, essa segunda etapa da entrevista, ãh, eu só vou te perguntar em cima de coisas que tu falou né, não vou te perguntar nada além das coisas que tu mencionou, alguns pontos né, aí tu disse que tu foi morar, mora desde os cinco anos em abrigo, né  
J: É  
E: o QUE TU lembra dessa época?  
(Transcrição: p. 23)

Atento a todas as falas do entrevistado, o entrevistador anota todos os temas e eventos referidos no momento anterior, durante o relato inicial, para formular perguntas em cima do que foi comentado pelo biografado. Podem ser escritas apenas palavras soltas em forma de breve notas, sempre na mesma ordem em que foram ditas e da forma como foram ditas, respeitando o sistema de relevância do entrevistado e também a forma como ele se expressa. Aqui, dá-se prioridade, inclusive, para as mesmas expressões e palavras utilizadas pelo biografado, uma vez que essas palavras dizem muito sobre o mundo da vida do entrevistado. As intervenções são feitas na mesma ordem em que foi mencionada pelo entrevistado. O objetivo é que novas narrativas sejam formuladas, por isto, perguntas como "por quê?" devem ser evitadas, pois gerariam argumentação em vez de narração. Esta fase funciona como estímulo à memória do entrevistado (SANTOS, 2012, p. 498).

Nesta segunda fase, conforme recomenda Rosenthal, é que o entrevistador busca confirmar algumas passagens do relato ou aprofundar algum tema que tenha sido tratado, instigando o biografado a falar mais sobre ele. Em geral, segundo a autora, os falantes costumam retomar a cronologia do relato principal, de forma que muitas vezes não se faz necessário levantar perguntas sobre as outras anotações feitas na sequência.

É somente em um terceiro momento que estão liberadas perguntas direcionadas sobre temas importantes para o entendimento do entrevistador, geralmente, ligada a datas de acontecimentos e até mesmo o interesse principal da pesquisa. Aqui, assuntos não explorados até então podem ser questionados.

O procedimento narrativo oferece aos entrevistados a maior liberdade possível para a articulação de suas próprias experiências e também para o desenvolvimento de um ponto de vista do ponto abordado, sobre sua história de vida. Outro objetivo de estimular narrações é possibilitar reproduzir cursos da ação (ROSENTHAL, 2014b, p. 184).

Toda a entrevista é gravada em áudio para que depois possa ser transcrita e sinalizada, de acordo com sinais desenvolvidos a partir da padronização de Jörg Begmann (1976; 1988:21). Esta forma de passar a entrevista para o papel não está comprometida com regras gramaticais: as vírgulas são colocadas para separar as frases conforme a pontuação impressa pela fala do entrevistado e pontos finais, de exclamação e interrogação também são dispensados, pois eles pressupõem uma interpretação. Para indicar pausas, por exemplo, na fala, são colocadas entre parênteses o tempo que o discurso demorou para ser retomado (ROSENTHAL, 2014b, p. 112).

Quadro 1 - Sinais de transcrição

Sinais de transcrição	Significado do Sinal
,	Pausa breve
(4)	Duração da pausa em segundos
Ê:	Extensão da vogal
((rindo))	Comentário do realizador da transcrição
/	Inserção do fenômeno comentado
Não	Ênfase
NÃO	Falando mais alto
talv-	Interrupção de uma palavra ou de uma declaração
'não'	Falando mais baixo
( )	Conteúdo da expressão incompreensível; comprimento dos parênteses corresponde mais ou menos à duração da declaração
(disse ele)	Sem certeza com relação a algum aspecto do conteúdo de um registro
Sim=sim	Rápida sequência de palavras
Sim, eu fiz Não, ele	Falas simultâneas a partir do "eu"

Fonte: ROSENTHAL (2014b, p. 113).

A entrevista é analisada do início ao fim, mas são os trechos narrativos que exercem maior atenção, pois são eles que permitem a provisão de elementos analíticos para a

investigação da interpretação subjetiva, já que é a narrativa a forma textual que melhor reflete o roteiro de ação desempenhada pelo ator (SANTOS, 2012, p. 499).

Neste processo são os códigos linguísticos do entrevistado levados em conta e, diferente de questionários no modo tradicional, não é necessário pensar em um modo de apreender, com o relato, determinados fenômenos em sua forma constante, invariável, levando-se pela relevância temática proposta por ele próprio e não por nós entrevistadores. Desta forma, são respeitadas mudanças repentinas de assunto e de ritmo, mesmo quando nos parece plausível. Na postura do entrevistador ajuda se ele assumir a perspectiva de um estranho a tudo o que é falado e busque aprofundar o significado de determinadas declarações motivando o entrevistado a ser mais preciso, inclusive, com gestos e se mostrando disposto a ouvir o que tem a dizer (ROSENTHAL, 2014b, p. 174).

São recomendados pelo menos dois encontros. Assim, é possível receber um retorno quanto ao primeiro e tentar preencher, na segunda entrevista, as lacunas que eventualmente surjam com as primeiras análises ou "memos". Em um segundo encontro é possível construir uma atmosfera mais aberta de conversa devido a uma possível maior confiança estabelecida no primeiro contato.

É na fala que a subjetividade se torna mais real tanto para mim quanto para o meu interlocutor, principalmente, na situação face a face (BERGER; LUCKMANN, 1985). Assim, durante o processo de entrevista, deixando-se levar pelo fluxo de consciência, o biografado é capaz de ter *insights* nunca antes imaginados ou latentes. Joaquim dá um exemplo disto, quando depois de falar por longos minutos da tia dele, contando a forma como ela salvou a ele e ao irmão, pensa nela de uma maneira até então inimaginada e tem a ideia de dar flores em agradecimento pelo o que ela fez:

Minha tia não tinha nenhuma obrigação ela não tinha um porque ter feito aquilo entendeu mas ela fez Quem sabe eu tava numa vila ranhento até hoje ou um lóco aí ou mais um deitado aí num cordão=aí ou até enterrado agora vai sabê NINGUÉM vai sabê quem sabe ela cravô o pé e me ajudô a tá aqui aonde eu to agora em qualquer lugar aí né: vai sabe só sei que ali eu fiquei pensando né pô né meu a minha tia foi uma pessoa que sempre me ajudô e eu nunca observei muito nunca dei um presente pra minha tia vou dá um presente pra ela vô leva sábado um buquê de flores pra ela (Transcrição: p. 35).

Ao evitar entrevista com roteiro estruturado ou semi estruturado preserva-se a oportunidade de análise das escolhas narrativas feitas pelo informante durante a entrevista, o que é importante para se obter acesso e posterior análise da interpretação do sistema de relevância do entrevistado. As perguntas objetivas poderiam colocar o entrevistado em uma

zona de conforto de apenas contestar as perguntas feitas pelo entrevistador (SANTOS, 2012, p. 509).

De acordo com o princípio comunicacional, que abre espaço para processos cotidianos de entendimento e de produção, de negociação de significado, a pesquisa social interpretativa implica também no auxílio por parte dos pesquisadores para que a realidade social, que configura o objeto da pesquisa, seja moldada. É por isso que na análise, como veremos mais adiante, até as falas do entrevistador serão objeto de análise, pois provocam uma reação no informante. A maneira como se deu a aproximação entre entrevistador e entrevistado também torna-se objeto de reflexão.

Cabe explicar ainda o motivo de analisarmos apenas um caso nesta dissertação, sem comparações e contrastes com outras tantas formas possíveis de viver a orfandade por violência doméstica. Como já dito na introdução, em virtude do pouco tempo que se tem para a pesquisa de mestrado, torna-se uma tarefa bastante dispendiosa, o que explica a dispensa de se analisar no mestrado o maior número possível de casos. Sobre isto, Rosenthal profere a seguinte afirmação: "Partimos antes do princípio de que toda entrevista — desde que bem realizada — serve à primeira análise de caso, pois pode levar, encerrada a análise, a uma construção tipológica relacionada ao problema que deu origem à pesquisa" (ROSENTHAL, 2014b, p. 114).

A entrevista aberta, que tem papel central na pesquisa social interpretativa, foi chancelada como uma opção segura em 1970 quando Schütze incorporou a ela a entrevista narrativa, tanto para a entrevista quanto para os métodos de análise. A principal característica da entrevista aberta é permitir ao entrevistado um papel mais ativo, diferente de uma entrevista padrão ou feita mediante um questionário. É o relato do entrevistado que servirá de referência para perguntas que virão (ROSENTHAL, 2014b, p. 169-170). Rosenthal afirma ainda que quanto mais aberta a entrevista, maior a chance de evidenciar os processos interativos da produção de significados e de saber e de torná-los transparentes.

Dito isto, fica mais nítido o motivo pelo qual, apesar da certeza de que determinados esclarecimentos nos serão úteis para a análise, na primeira fase de entrevistas as perguntas e intervenções não contribuem em nada, pelo contrário, atrapalham. Caso você solicite algo como "por que você ..?" ou "qual o motivo de fazer tal coisa?" não estará estimulando relatos, mas sim argumentações que contribuem menos para uma análise bem feita e mais para ajudar o entrevistado a parecer, perante ao entrevistador, o "personagem" que deseja ser encarado, ou seja, compõe o seu interesse de apresentação. São as pressões ou necessidades narrativas que

estimulam falas mais longas, quando os entrevistados fazem referência a mais acontecimentos do que pretendiam no início e também mais sucintos, já que não poderiam se ater aos mínimos detalhes de cada fato mencionado. Aliás, sempre que o falante se estender muito em detalhes pouco relevantes para a história, a compreensão estará comprometida. Esta necessidade, que tende a ser natural, do falante não se estender demais no relato fará com que se concentre em aspectos essenciais e a relevância será dada conforme o que crê o entrevistado (ROSENTHAL, 2014b, p. 189-190).

O resultado da proposta inicial, de que estamos interessados em tudo e que buscamos longos relatos, faz com que o entrevistado imirja em um fluxo de relatos e lembranças, enquanto vai ativando a memória sensitiva e construindo histórias cada vez mais detalhadas. Nesse fluxo, vê-se emergindo impressões, sentimentos, imagens e sensações que não se relacionam à perspectiva atual do entrevistado e até mesmo que já nem eram mais lembradas. No curso da entrevista, neste nível de aprofundamento, o entrevistado vai se aproximando cada vez mais do passado e descolando-se da situação da entrevista, mais tomado de "si mesmo" (ROSENTHAL, 2014b). No segundo dia de entrevista, depois de passar horas por reflexões profundas a respeito da sua vida, na página 50 de uma transcrição da entrevista com 84 laudas, Joaquim inicia o seguinte discurso:

J: eu mal te conheço né, por isso, até to falando bastante da minha vida pra ti aí que eu nem te conheço  
E: mas é bom fala da vida um pouco né  
J: é mas com pessoa que a gente conhece né, pessoas que sabem  
E: ((rindo)) mas as vezes com quem não conhece é até melhor né  
J: será  
E: porque daí tu pode fala um monte de coisa que  
J: ah daí quando vê tu se dá mal por tá falando pro uma pessoa que tu nem conhece  
E: vai se dá mal porque  
J: não to te dando um exemplo, não to dizendo que eu vo me dá mal por tá te contando né, tu veio me dizer que era uma pesquisa que tu pergunto né, tu tá estudando e que tu vai usa nomes diferente e tudo mais eu me lembro do dia que tu falo tudo isso

Aqui fica ainda mais claro o motivo pelo qual o entrevistador não deve interromper o fluxo de memórias do entrevistado com perguntas que estão ligadas ao sistema de relevância do entrevistador e não do entrevistado. Perguntas do tipo "como você se sentiu naquele momento?" ou "quando foi isso?", em que o falante é solicitado a determinar a época dos acontecimentos e a definir sua relação emocional com ele bloqueiam durante o relato principal o fluxo de memórias do entrevistado por instantes e estimula que se posicione de acordo com o pensamento que tem hoje e não na época em que o fato ocorreu (ROSENTHAL, 2014b, p. 223).

## 4.2 PREPARAÇÃO PARA A ANÁLISE

No capítulo final, serão apresentados mais exemplos envolvendo a análise. Por ora, apresento um resumo do passo a passo pelo qual é composta. Antes de dar início à análise em si, logo após o término da entrevista, é recomendado ao pesquisador a preparação de um memorando ou "memo", ou seja, um resumo de alguns dados importantes da entrevista e do entrevistado, notas de campo, o primeiro contato com o entrevistado e demais impressões. Isto ajudará na organização das informações e facilitará na redação do trabalho final, pois tende a se configurar em uma espécie de roteiro para o pesquisador.

Entram aqui informações extraídas durante a entrevista e possíveis de serem verificadas em documentos, como dados sobre o nascimento do entrevistado, de seus parentes, a quantidade de irmãos, grau de instrução, data de casamento, nascimento de filhos, divórcio ou sobre a saúde dele. Estas informações também podem ser encontradas em entrevista com outros familiares ou registro em órgãos públicos.

Este "memo" pode ser alimentado posteriormente a cada nova informação que surgir sobre o entrevistado, com base na análise de documentos e etc. Dados históricos também são inseridos na análise pois ajudam a compor um contexto histórico particular (ROSENTHAL, 2014b, p. 227).

Como lembra Priscila Susin, é de suma importância a inserção deste material que contextualiza o sujeito em seu tempo, pois qualquer que seja o indivíduo analisado, ele possui conexão com seu tempo, espaço, seu grupo e sua cultura. "A história de vida do entrevistado precisa estar continuamente semipermeável, e isto é responsabilidade do pesquisador, a quem cabe transpor o 'fundo e a figura', em termos *gestálticos*, tendo como ideal uma troca entre individual, social, histórico e cultural" (SUSIN, 2014, p. 98).

No caso de Joaquim, informações extras não foram possíveis de serem adquiridas uma vez que, em contato com a Fundação de Proteção Especial do Rio Grande do Sul (FPE), que administra os abrigos estaduais, não foi possível ter acesso ao prontuário de Joaquim. Nos foi confirmado apenas que a orfandade de Joaquim se deu por violência doméstica, que o irmão mais novo, Ricardo, estava recolhido à Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (Fase), que somente Joaquim e Ricardo cresceram no abrigo e que a irmã Beatriz foi criada por um parente.

Para ajudar no entendimento dos dados biográficos de Joaquim, acrescentamos dados da história, como a criação da Lei Maria da Penha, em 2006. Uma das hipóteses é de que a

falta dela no momento em que a mãe foi morta pelo padrasto, em 1999, possa ter contribuído para a impunidade do padrasto. A Lei Nacional da Adoção, promulgada em 2012, também foi inserida nos dados biográficos, uma vez que teve influência direta sobre os abrigos, impulsionando uma maior convivência dos abrigados com seus parentes de sangue. Outro dado histórico importante na vida de Joaquim foi a desvalorização do Plano Real, no final da década de 1990, que poderia ajudar a justificar as condições precárias da época, quando o menino justifica que a tia não tinha condições financeiras de criá-lo. Estas datas importantes para o contexto socioeconômico devem ser levadas em conta, pois podem ajudar a explicar os motivos pelos quais certas atitudes foram tomadas pelo entrevistado. Berger e Luckmann explicam que fatos marcantes para a sociedade também são marcantes para o indivíduo. O relógio e a agenda diária me localizam em que tempo estou e fazem com que a vida cotidiana me seja real (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 46).

A alocação das principais datas do entrevistado é fundamental, pois a estrutura temporal da vida cotidiana impõe-se à biografia dele em totalidade, ela fornece a historicidade que determina minha situação no mundo da vida cotidiana. Este mundo da vida é estruturado de maneira espacial, incorpora uma dimensão social por eu estar em constante contato com os outros, e temporal, já que a corrente da consciência é sempre ordenada em um tempo que varia de pessoa para pessoa e que é acessível intersubjetivamente (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 45-46).

Nasci em certa data, entrei para a escola em outra data, comecei a trabalhar como profissional em outra, etc. Estas datas contudo estão todas "localizadas" em uma história muito mais ampla e esta "localização" configura decisivamente minha situação. Assim, nasci no ano da grande bancarrota bancária em que meu pai perdeu a fortuna, entrei para a escola pouco antes da revolução, comecei a trabalhar pouco depois de irromper a Grande Guerra, etc. (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 47).

Ao preparar o memo, portanto, deve-se preocupar em responder as seguintes perguntas: I) Como o entrevistador se sentiu quando chegou ao campo de pesquisa? II) Como conduziu a aproximação do entrevistado e a entrevista em si? III) Qual era o cenário/atmosfera no momento da entrevista? IV) Quais foram as dificuldades do entrevistador e quais foram as dificuldades demonstradas pelo entrevistado: Algo tirava a atenção da entrevista e também a do entrevistado? Como foi a reação do entrevistado ao método de narrativa biográfica?

Feito isto, um genograma é montado para que se entenda as relações familiares e, a partir dele, a construção da provável situação de nascimento do entrevistado. Sobre Joaquim, pode-se dizer que tem 20 anos, nasceu em Porto Alegre, tem dois irmãos, Ricardo, de 18 anos, e Beatriz, de 15 anos. Ele não foi criado pelo pai, conheceu apenas o pai de Ricardo e o de

Beatriz, que não eram a mesma pessoa. Maria, a mãe dos três, estava grávida da caçula quando foi morta aos 22 anos, em 1999, pelo pai de Beatriz. O bebê foi salvo e criado por uma cunhada de Maria. Os meninos cresceram em abrigos, mas mantiveram o vínculo com a família materna. Eles chegaram a morar com uma das tias quando Joaquim estava prestes a deixar o abrigo em função da idade avançada. Joaquim foi apadrinhado por um casal enquanto era abrigado e passou a morar com eles depois de ter tentado viver sozinho, quando teve de deixar o abrigo. Na última entrevista, Ricardo cumpria medida sócio-educativa na semiliberdade da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (FASE). Tentamos entrevistá-lo, mas Joaquim não permitiu o contato.

## Quadro 2 - Memorando da entrevista

<b>Resumo do Memorando</b>
<p>A primeira entrevista foi realizada em uma sala de aula vazia do segundo andar da Faculdade de Ciências Sociais da PUCRS e teve 1h16min de duração. Joaquim chegou com duas horas de atraso. No canto perto da porta, lado oposto das janelas, nos posicionamos. Ele com a mesa de frente para o quadro negro. Eu com a minha classe virada para a dele. Comprei duas garrafas de água, uma para cada um. Durante toda a conversa ele tomou a dele, enchendo um copo plástico. Eu mantive a minha praticamente intacta. No meio da entrevista, o telefone dele tocou. Eram os amigos que o aguardavam em casa. Joaquim pediu permissão para atender. Consenti. Depois, demonstrou-se ansioso para encerrar o diálogo. Já havia confessado que fumava maconha e deixava transparecer que precisava de mais droga. Mais alguns minutos se passaram e ele pediu para ir ao banheiro. Estava inquieto. Fitava o gravador o tempo inteiro e pedia para desligá-lo em certas ocasiões, demonstrando preocupação em estar sendo documentado. Os movimentos que eu fazia ao anotar a fala dele em uma folha de papel em branco o deixou profundamente incomodado. O fato de, a uma certa altura, eu já saber muito da vida dele e ele nada da minha, vinha à tona sempre.</p> <p>Um mês mais tarde, ocorreu o segundo encontro, uma conversa de 2h07min de duração. Naquela ocasião, no Mac Donald's da Rua da Praia, no Centro, como era de preferência dele, Joaquim aparentava estar disperso e demonstra pouco interesse em falar. Chegou atrasado novamente, cabisbaixo, mochila nas costas, calça jeans e camiseta branca surrada. Cumprimentamo-nos com três beijinhos. Notei, pelo cheiro característico, que ele havia fumado maconha.</p> <p>_ Hoje eu vim direto do trabalho, não deu nem para me arrumar. Está muito calor e eu com esta calça _ demonstrando insatisfação de estar ali.</p> <p>Ele escolheu a mesa perto da janela de vidro, com uma visão privilegiada da praça. Todas as vezes que passava algum conhecido ele parava o relato para comentar a respeito daquela pessoa, também falou duas vezes sobre homossexuais:</p> <p>_ Olha que barbaridade aquilo dali. Vai criar vergonha na cara e ser homem. Ah eu não aguento isso aí _ dizia.</p> <p>Foi logo contando que não morava mais sozinho, que o padrinho social dele o havia convidado para morar junto com ele. Também disse que não estava mais usando drogas. No meio da entrevista, pediu para ir ao banheiro. Demorou cerca de 15 minutos. Voltou com forte cheiro de maconha novamente. Apesar de estar contrariado em estar ali, demonstra estar mais a vontade em falar da sua vida.</p> <p>O intervalo de um mês entre os dois encontros talvez tenha sido muito longo, pode ter gerado uma sensação de distanciamento entre nós, já que uma aproximação e confiança haviam sido conquistadas no primeiro encontro. Da primeira vez, já havíamos ingressado na segunda fase da entrevista, com perguntas direcionadas a ele. Percebi que é bastante difícil continuar o segundo encontro nestas condições. É como se houvesse uma quebra na sequência e demora até que o entrevistado entre no clima novamente.</p> <p>Desta vez me dei conta de que ele está em um processo de prestação de contas sobre as conquistas e</p>

percalços de sua vida. Ficou incomodado quando viu um vizinho de bairro, pedindo dinheiro na lanchonete e passou a discorrer uma lição de moral sobre o menino, dizendo que o dinheiro que as pessoas davam para ele era para comprar drogas e que ele tinha outra alternativa que não aquela de ficar pedindo esmola. Fez questão de deixar claro o quanto se incomoda com o fato de as pessoas sentirem pena dele.

O material contempla a atmosfera da entrevista e algumas das percepções do pesquisador. Ele servirá de apoio para o primeiro passo da análise, que consiste em criar hipóteses sobre a vida do entrevistado, apontando caminhos alternativos, imaginando o que poderia acontecer na vida do entrevistado a ponto de tornar as mudanças possíveis.

### 4.3 ANÁLISE DOS DADOS

Antes de falar sobre os passos que compõem o método de análise de narrativa biográfica, vamos esclarecer, adiantar e retomar alguns pressupostos teóricos estabelecidos por Rosenthal, cuja essência está em "compreender" e "explicar", no sentido dado por Weber (ver capítulo 3), fenômenos psíquicos, o agir dos indivíduos e as declarações do entrevistado. Para "compreender", é preciso reconstruir a sua gênese, ou seja, o processo de surgimento, de conservação e modificação. Já no segundo caso, para explicar a ação, tem de se conhecer as perspectivas dos agentes e os seus cursos de ação. O interesse está no que foi vivenciado, qual o sentido atribuído à vivência e em qual contexto biográfico estas vivências foram inseridas. E, por último, para entender as falas do biografado, tem de se interpretar considerando a inserção em um contexto amplo referente à sua vida hoje e das perspectivas sobre essas vivências e sobre o seu futuro (ROSENTHAL, 2014b, p. 215).

Uma dúvida recorrente é: como extrair o passado se o relato é conferido no tempo presente? Rosenthal afirma, com base no que escreveu Gurwitsch que a situação de vida atual determina o olhar sobre o passado. Este passado será específico, recordado de acordo o contexto atual, da situação da fala (ROSENTHAL, 2014b, p. 218). Aqui também cabe a explicação de Husserl sobre este ato de revisão de voltar-se ao passado, resgatando vivências, originando um *noema* relativo à memória, conforme foi explicitado no capítulo anterior.

Priscila Susin, uma das primeiras pesquisadoras a apresentar uma dissertação de mestrado no Brasil utilizando-se do método de narrativa biográfica, afirma que o uso do método para acessar a interpretação dos indivíduos e a compreensão mais ampla "a respeito da construção social e dialética entre os indivíduos e realidade social, é um minucioso trabalho cujas etapas estão teoricamente equipadas" (SUSIN, 2013, p. 95). Todos os passos da

entrevista e da análise possuem uma fundamentação teórica e estão interligados, não sendo possível pular qualquer um deles.

Para tornar este processo mais rico e interessante para a pesquisa, Rosenthal recomenda que a interpretação seja realizada por um grupo de pesquisa, com pesquisadores de diferentes áreas a fim de expandir a visão que se tem sobre o objeto de análise e também ampliar as possibilidades de hipóteses possíveis (ROSENTHAL, 2014b, p. 89).

#### **4.3.1 Análise sequencial dos dados biográficos**

Depois de confeccionado o memorando, como um ponto de apoio para todo o resto da análise, é que se inicia o aprofundamento na biografia do entrevistado. O foco está voltado para uma análise sequencial dos dados biográficos, um dos princípios deste método. Esta sequencialidade pode ser notada na utilização em ordem cronológica dos eventos vividos (mencionados durante a entrevista e complementados com documentos disponíveis). São assinaladas datas para, em seguida, serem utilizados como objeto de hipóteses apenas os dados passíveis de verificação. Neste momento não se leva em conta a interpretação do entrevistado sobre a sua própria vida, excluindo relatos centrados em sentimentos e percepções. A partir daí são formuladas hipóteses e hipóteses secundárias ou *follow-ups*.

Trata-se de um trabalho exaustivo e minucioso para que nenhum dos critérios de uma reconstrução de caso adequada sejam evitados ou esquecidos. Por isto, também apresento nesta pesquisa uma espécie de roteiro da análise proposto por Rosenthal de forma a tornar o resultado ainda mais transparente.

Depois de listadas as datas objetivas de momentos marcantes da vida narrada de Joaquim, como nascimento, morte da mãe, ingresso nos abrigos e etc, são formuladas hipóteses sobre como o entrevistado toma as suas decisões conforme a hermenêutica objetiva de Ulrich Oevermann. Para cada hipótese empírica, uma contra hipótese e suas possíveis consequências. Nesta busca, imagina-se o que poderia acontecer na vida do entrevistado ao ponto de tornar as mudanças possíveis. O horizonte, que era amplo no começo, vai ficando cada vez mais estreito no decorrer da análise.

Com isto se mostram também as amplas oportunidades e possibilidades na vida do entrevistado e quais os possíveis caminhos percorridos. As hipóteses principais descrevem de forma geral qual poderia ser a situação enfrentada pelo personagem, sua família, e as

secundárias restringem-se a algumas possibilidades dentro de um cenário mais geral traçado pela hipótese principal. Por último, as follow-ups representam consequências mais específicas, que podem ter sido desencadeadas pelas hipóteses secundárias e como estas consequências poderiam ter influenciado o contexto e as ações futuras (SUSIN, 2014).

Conforme as hipóteses vão sendo lançadas, começa-se a verificar as linhas mais plausíveis que se transformarão no fio condutor da vida do entrevistado. No caso de Joaquim, o que conduz a vida dele, se analisadas somente estas datas, é a busca por afeto, por restabelecer os laços com a família de origem e um esforço para livrar-se das ofertas de ingresso na criminalidade. Além de não saber quem é o pai, ter raiva do padrasto e ter tido a mãe morta em um contexto de violência doméstica, possivelmente pelo companheiro, Joaquim ainda cresceu separado da irmã mais nova. Todas estas questões, somadas ao fracasso nas tentativas de reaproximação com os tios, geraram no adolescente um desapego aos aspectos de convivência familiar (com os tios, com os próprios irmãos e com a ex-namorada). Para não ter de lidar com um possível acerto de contas com o padrasto, Joaquim tende a culpar a irmã Beatriz pela morte da mãe, já que Maria estava grávida de Beatriz, que sobreviveu, quando foi atacada pelo padrasto Altair. Joaquim buscou canalizar a dor para o esporte, onde sempre se destacou. Aos 16 anos, começou a se envolver em situações ilícitas, como o uso de drogas. Na mesma época, passou a frequentar mais a casa dos tios, durante as tentativas de reaproximação. O convite para morar com os padrinhos devolveu a Joaquim as esperanças de alcançar os objetivos que têm sido o centro de sua jornada: aconchego familiar e incentivo para ter boas atitudes.

Somado ao que foi dito acima, com base nas hipóteses confirmadas também é formulada uma apresentação do entrevistado com base nas datas apresentadas por ele. Aqui devem ser consideradas informações como o contexto familiar que o entrevistado nasceu, assim como a situação histórica, quais foram os conflitos e as estratégias para lidar com estes conflitos e o que se extrai de significativo para a sua vida futura.

O produto deste exercício serve como preparação para o passo 3, quando será feita a reconstrução da biografia vivenciada. Quando o texto for analisado já com este horizonte de significados possíveis haverá um maior acesso ao conteúdo que costuma habitar as entrelinhas. É na terceira fase que as hipóteses dos dados biográficos serão confrontadas com as hipóteses para a história vivenciada. Esta etapa, de análise sequencial dos dados biográficos, é realizada antes da análise de campo temático para servir à análise da autoapresentação de vivências do entrevistado como um ponto de contraste. Pode-se ver claramente "quais dados biográficos —

ou fases e domínios da vida — se consolidam enquanto tais na fala do entrevistado, no relato principal, assim como os que não chegam sequer a ser mencionados e em qual sequência cronológica aqueles são trazidos à tona" (ROSENTHAL, 2014b, p. 230).

Uma dúvida que fica em suspenso aqui para ser confrontada no passo três é a situação da morte da mãe e o entendimento que teve desta perda. Somente na reconstrução de caso é que ficará melhor esclarecido, ao menos o que representou para Joaquim.

Com isto, pretende-se dar conta de apresentar o personagem, sem levar em consideração a maneira como ele narra a sua vida. Trata-se de um resumo dos aspectos objetivos da vida do entrevistado — coletados junto a ele e possíveis de serem conferidas —, em que são consideradas as alternativas que estariam, hipoteticamente, disponíveis na vida dele e não apenas o que se confirma objetivamente. Todas plausíveis. Um dos objetivos deste passo é deixar claro na análise que a trajetória não é linear e que, ao contrário, ela está de alguma maneira vinculada a eventos passados, reduzindo as chances de que se implique em um determinismo.

Conforme a abordagem de Rosenthal, o que o entrevistado narra é separado e analisado no passo seguinte, justamente para que o pesquisador não se deixe levar pela forma como o biografado deseja ser visto apenas, apesar de o seu interesse de apresentação estar sempre em evidência. Esta separação em etapas distintas é fundamental para que não se caia na armadilha de assumir aquilo que o entrevistado quer nos contar como sendo a única possibilidade. Ela é complexa e completamente diferente das outras abordagens que usam narrativas e análise do discurso na sociologia, como a etnometodologia (análise da conversação), pós-estruturalismo, filosofia da linguagem francesa, pragmatismo americano e sociologia do conhecimento de orientação fenomenológica (ROSENTHAL, 2014b, p. 273). Estas outras abordagens assumem o que é dito como o testemunho "real" dos acontecimentos, quando se esquece que o entrevistado possui um "interesse de apresentação", que é justamente o que se vai buscar na próxima fase da análise.

#### **4.3.2 Análise de texto e do campo temático**

Nesta etapa, a forma como o entrevistado narra a própria vida entra em questão. São realizadas análises de segmentos do texto, parte a parte, de modo que a próxima narrativa seja

um encadeamento da anterior. Todos os trechos são verificados e balizados conforme a mudança do tipo de discurso (ver tabela 3).

Para ajudar a entender a importância que a forma escolhida pelo sujeito para narrar a sua história tem para a análise, vamos recorrer ao legado de William Isaac Thomas, expoente da Escola de Chicago — dedicada ao estudo de uma "sociologia compreensiva", que misturava fundamentos também da psicologia e da filosofia. Junto com Dorothy Swaine, Thomas criou a hipótese mais importante da pesquisa social interpretativa: "sempre que uma situação for definida pelo indivíduo como real, ela será, em suas consequências, real" (ROSENTHAL, 2014b, p. 50). Este teorema foi discutido de forma crítica por diversos autores, entre eles Erving Goffman (1977), que deu uma forma estruturalista ao problema ao lançar os conceitos "frame" e "framing" ou "recorte" e "enquadramento". Para Goffman, os atores definem a situação, mas não as criam, apenas notam o que esta situação pode vir a ser e se comportam conforme a ideia que fizeram da situação (GOFFMAN, 1977, p. 9). Conforme o sistema de regras de Goffman, tudo é tematizado e a forma como o entrevistado se apresenta está relacionada com estes enquadramentos, assim como as suas modificações ao longo do registro. São estes os temas que ajudam também a dividir as falas. Nas mudanças de "frame" se encontram referências claras a elas na análise (ROSENTHAL, 2014b).

Por isto, os temas contidos na fala integram a análise. Para preparar a análise, portanto, devem ser levados em conta os seguintes critérios na hora de construir a separação das sequências por ordem de prioridade: troca de falante, mudança no tipo do texto e no conteúdo da fala. Aqui, a interação com o entrevistador também é analisada e assume grande importância, já que cada entrevista é produto da interação mútua entre entrevistado e entrevistador. É neste passo analítico que os valores e preconceitos do entrevistador são explicitados e ocorre a avaliação de que forma interferem na análise e também na narrativa do biografado. As histórias vão sendo construídas por meio da narrativa do biografado levando em consideração a situação em que a entrevista ocorrer. É por isto que no "memo" também é importante descrever a situação da entrevista, reconstruindo sua atmosfera. Eliminar esta interação seria negar a forma como foi construída a narrativa (ROSENTHAL, 1993, p. 4).

As hipóteses deste passo serão formuladas considerando questões como: qual motivo leva o entrevistado a se apresentar nesta sequência de tal forma, naquele momento do discurso e com aquele tipo textual, com aquele tempo de fala? Também é questionado o motivo pelo qual determinados trechos da vida foram omitidos. Há ainda que buscar definir se o biógrafo estimulou uma narrativa ou foi levado por um fluxo narrativo em sua contação de histórias,

além de analisar o quanto o entrevistado está orientado para o sistema de relevância do entrevistador e o quanto ele admite isso, e observar o que vem à tona na segunda parte da entrevista, quando começam as perguntas do entrevistador. Neste segundo momento da entrevista são analisados os mecanismos que influenciam a escolha dos temas abordados na sua estruturação de narrativa (ROSENTHAL, 2014b).

Joaquim, por exemplo, inicia a sua apresentação pelo momento em que foi parar em um abrigo. Qual o motivo desta escolha levando em consideração o sistema de relevância dele? Por enquanto, com o que temos analisado até aqui, uma das hipóteses aqui é de que tenha sido induzido pelo o que julgou ser o interesse do entrevistador, uma vez que foi contatado pelo abrigo, ou este é o tema que julgou melhor contextualizar a própria vida dar conta de quem ele é. A hipótese é reforçada, pois o menino menciona em diversas passagens da transcrição da entrevista termos como "quem cresce em abrigo faz tal coisa" ou "quem não tem pai, nem mãe precisa fazer determinada coisa".

Nesta fase é reconstruída a perspectiva do presente do entrevistado e ajuda a assumir uma postura crítica com relação à origem dos dados para que não nos deixemos enganar pelo interesse de apresentação dele. O objetivo desta etapa é encontrar regras relativas à gênese de experiências vivenciadas pelo falante, buscando reconstruir a forma e a estrutura na história de vida, conforme narrada. Nesta etapa não interessa resgatar os fatos conforme ocorreram à época, mas a investigação dos motivos que levam o entrevistado a relatar os acontecimentos da maneira como foram feitos, de forma manifesta ou latente. Investiga-se os mecanismos que determinam a escolha dos temas retratados e a forma como os estrutura na fala e se os elementos textuais constituem um ou vários campos temáticos.

Entende-se por tema, o foco da nossa atenção em determinado momento (ROSENTHAL, 2014b). É dever do pesquisador delimitar quais temas são aprofundados, evitados ou superficialmente tangenciados durante a construção das hipóteses deste passo, bem como o significado específico de cada sequência textual considerando o tipo de texto adotado, conforme sugestão de Schütze (1983). A forma escolhida para relatar a sua experiência tem a ver com a vivência em si, mas também com a interação com o entrevistador. Uma dúvida a ser sanada aqui, por meio da análise, é se o entrevistado usa o próprio sistema de relevância para narrar os fatos da vida ou o sistema de relevância do pesquisador (ROSENTHAL, 2014b). Uma maneira de ter essa resposta é observar se o entrevistador os fez perguntas que tendessem à seu próprio sistema de relevância.

A conclusão desta etapa é a formulação da auto-apresentação do entrevistado e a definição do campo temático. Também é verificado se a reconstrução da estrutura da entrevista (se as regras da narrativa biográfica estão presentes), a reconstrução da interpretação do entrevistador sobre o entrevistado e a reconstrução do sistema de relevância do entrevistado, além da interação entre biógrafo e biografado.

Nesta etapa, os vários tipos textuais são levados em consideração e auxiliam no processo de análise. Todos os tipos nos interessam em maior grau — como a narração e o relato e em menor grau — como descrição e argumentação.

Pontuar estas questões é importante também para delimitar que o que interessa não é saber porque Joaquim foi parar no abrigo ou qual foi a causa da morte da mãe, como se fossemos investigadores de um crime ou estivéssemos interessados em reconstituir o passado tal qual ocorreu, em riqueza de detalhes. Nosso olhar está direcionado para como o entrevistado interpreta todas estas situações.

Quadro 3 - Tipos textuais com base nos quais são divididas as sequências da vida narrada pelo biografado

Narração	É o tipo em que o entrevistado reconstrói o fato em que teve participação como agente, recapitulando a experiência que teve.
Relato	Refere-se à sequência ou ao curso de acontecimentos concretos passados, a períodos determinados, a uma localidade específica e a um indivíduo em particular e até eventos fantasiosos. Eles estão relacionados entre si por meio de tempo ou dentro de contextos causais e podem nos colocar frente a frente com contextos concretos da relação entre os personagens daquela história e a forma como eles agem entre si.
Relatório	Relato resumido
História	Eventos extraordinários no contexto de um relato mais amplo fazendo referência a um grau mais elevado de detalhamento e indexalidade, ou seja, estritamente ligado a uma relação concreta.
Argumentação	Pode estar contida no interior de relatos ou fora deles, na forma de ideias gerais e reflexões do falante. Pode ter caráter teórico. Estão ligadas ao "aqui" e "agora" do falante de forma mais intensa do que as descrições, porém mais distante das vivências. O entrevistado tem no entrevistador alguém a quem precisa convencer de algo, tomando como ponto de partida a sua perspectiva atual, pouco ou quase nada apresenta do passado.
Descrição	Está presente em relatos sobre as motivações que guiam a ação. Elas dizem respeito a estruturas estáticas.
Situação condensada	Acontecimentos vivenciados comprimidos no espaço de uma situação.

Fonte: Rosenthal, (2014, p. 185-186).

Essa divisão de trechos conforme os tipos textuais apontados acima, que no caso de Joaquim somam-se 394 sequências a serem analisadas, carecem de hipóteses a serem formuladas tomando como referência as seguintes questões: I) Por que esse conteúdo é introduzido nesse momento da entrevista? II) Por que esse conteúdo é apresentado dessa forma? III) Por que esse conteúdo é apresentado com esse grau de detalhamento ou então tão resumido? IV) Qual é o tema desse conteúdo, quais são seus possíveis campos temáticos? V) Quais domínios e fases da vida são abordados, quais são evitados? VI) Quais domínios e fases da vida são abordados apenas na fase de aprofundamento? Por qual razão eles não foram introduzidos no relato principal? (ROSENTHAL, 2014b, p. 240)

O produto final deste passo é a busca pelas mais diversas linhas de intenção de apresentação do entrevistado, resultando em uma hipótese geral onde uma ou mais hipóteses recorrentes sejam contempladas. Em seguida, é feito um texto com a apresentação dos caminhos empíricos em relação às hipóteses e às conclusões decorrentes das mesmas. Os campos temáticos que organizam a narração do biografado também devem ser identificados (SUSIN, 2014, p. 106).

Na hipótese estrutural deste segundo passo da análise, Joaquim aparece como alguém que conseguiu levar uma vida "normal", apesar de não ter pai nem mãe. Esta normalidade está presente até o final do discurso, pois sempre repete: "fazia tudo certinho, bem normal". Coloca o abrigo como o fator decisivo na sua vida. Evita entrar em detalhes sobre a morte da mãe e só se aprofunda quando perguntado e, mesmo assim, com bastante dificuldade. Junto a isto demonstra o quanto o assunto se tornou um mistério para a família, o que fica evidenciado quando ele repete "isto é o que eles me falaram", referindo-se ao que sabe sobre a morte da mãe. Uma hipótese seria, já que existem muitos fatos não ditos em sua vida e acontecimentos cuja lembrança mescla fantasia com realidade. Todo o discurso leva a crer que ele queira demonstrar para a entrevistadora um mistério envolvendo a morte da mãe, pois faz questão de não deixar bem claro o que realmente ocorreu, se ela foi assassinada pelo padrasto ou se morreu no parto. Faz questão de se apresentar como diferente dos demais familiares, sendo que ele "pensa para a frente" e os demais "ficam na mesmice". Interesse de apresentação centrado nos abrigos, demonstrando que eles foram quase que a redenção. É nas entrelinhas também que se reforça que ele nega a morte da mãe para não ter de lidar com outros aspectos, como um acerto de contas com o padrasto.

Como visto no parágrafo acima, é observado o interesse de apresentação e não mais as consequências e desfechos possíveis para cada fato biográfico na vida de Joaquim. A análise

do interesse de apresentação fala da reconstituição do passado feita no presente e como o passado se articula naquela situação de entrevista, reagindo a perguntas do entrevistador e também ao *setting* de entrevista.

### **4.3.3 Reconstrução da história do caso**

Neste momento o que está em questão é a biografia vivenciada. As hipóteses da análise das datas biográficas são comparadas com partes da entrevista, quando o entrevistador relata aquela experiência. Busca-se atentar para indícios em cada vivência da percepção que tinha sobre o acontecimento à época. É quando os resultados do passo 1 (análise das datas biográficas da vida vivenciada) e do passo 2 (campo temático da vida narrada) se unirão e serão contrastados.

A reconstrução da história do caso será baseada na perspectiva no passado, como ele lidou com aquela situação, como agiu. Com base no texto da entrevista, as hipóteses do passo 1 serão rejeitadas ou comprovadas. Assim que finalizada a reconstrução da biografia de Joaquim, ela será detalhada no capítulo seguinte, onde serão "costurados" os temas da análise do caso propriamente dito. Ela será o fio condutor para que outros assuntos sejam abordados neste trabalho, como o luto, a orfandade, a violência doméstica e a abrigagem.

O objetivo aqui é a compreensão intersubjetiva do caso, expondo o processo interpretativo de forma compreensiva e fundamentar as interpretações através de passagens do texto transcrito ou do protocolo de observação. Será feita, portanto, a reconstrução da estrutura do caso para desvendar o significado biográfico que as situações tinham para o narrador na época em que aconteceram (SUSIN, 2014, p. 109). Tudo isto, baseado no critério da consistência em que a interpretação poderá ser comprovada em diversas passagens do texto (ROSENTHAL, 2014b, p. 243-244).

Seguindo a lógica sequencial, segue-se de vivência em vivência observando em qual dos trechos o entrevistado é mais específico com relação ao assunto em pauta ou ainda é possível encontrar referências a outras vivências que não haviam sido consideradas na hora de analisar os dados biográficos (ROSENTHAL, 2014b). É a hora de verificar o que é possível e o que não é possível de confirmar com a análise dos dados biográficos.

#### **4.3.4 Análise detalhada de passagens textuais selecionadas**

Apesar de estar na quarta posição da análise, este é um passo que pode ser realizado em qualquer momento da investigação. O objetivo é decifrar em especial as estruturas latentes, as entrelinhas, de sentido do material textual, com base na hermenêutica objetiva de Oevermann (1983). Partes incompreensíveis ou contraditórias da narrativa são analisadas palavra por palavra.

A escolha da passagem ocorre quando se faz necessária a interpretação mais detalhada de algum ponto que tenha ficado mal compreendido no texto e tem como critério a comunicação paralinguística, como longas pausas, equívocos, interrupções ou ainda a impressão de que aquele trecho é carregado de significados. Este passo serve para a verificação e para ampliação do escopo das hipóteses, também empiricamente desenvolvidas a partir dos resultados de fases anteriores da investigação.

O resultado de interpretações feitas anteriormente é suspenso. Parte-se do fenômeno empírico para desenvolver hipóteses e buscar soluções para questões mal compreendidas (ROSENTHAL, 2014, p. 248).

#### **4.3.5 Contraste da história de vida vivenciada com a história de vida narrada**

Este é o momento onde são explicadas as contradições ou diferenças entre o passado e o presente na perspectiva do entrevistado. Seria o passo analítico final. Desprovido de um quadro conceitual o pesquisador pode facilmente se deslumbrar com a riqueza da história narrada e considerá-la como verdadeira, um fato irrefutável, crítica bastante comum dirigida àqueles que se dedicam a história oral, tanto nas ciências sociais como em outras áreas como história e psicologia (PEREIRA, 1991, p. 119). É, principalmente, neste aspecto que se distingue Gabriele Rosenthal ao contrastar o que foi narrado pelo entrevistado com o que foi vivenciado por ele. Esta etapa oferece subsídios para que o pesquisador encontre as regras que diferenciam a vida vivida da narrada.

É o contraste que nos ajuda a descobrir a origem da diferença entre o narrado e o vivenciado, onde também vale descobrir quais experiências biográficas estão por trás dos relatos do entrevistado (ROSENTHAL, 2014, p. 248).

Esta fase é de extrema importância, pois é nela que vamos coletar a essência do que foi vivenciado pelo entrevistado, aproximando-nos da gênese. Para isto, é preciso ter claro que os itens que integram a nossa biografia são significados a todo o momento.

Sendo relativamente mais fácil inventar coisas que nunca aconteceram do que esquecer aquelas que realmente aconteceram, o indivíduo pode fabricar acontecimentos e inseri-los nos lugares adequados, sempre que forem necessários para harmonizar o passado lembrado com o passado reinterpretado. Sendo a nova realidade, e não a antiga, que agora lhe aparece como predominantemente plausível, pode ser perfeitamente sincero nesse procedimento. Subjetivamente não está mentindo a respeito do passado, mas fazendo-o harmonizar-se com a verdade, que necessariamente abrange tanto o presente quanto o passado (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 212).

Como orienta Susin, em seu trabalho de mestrado, o produto final deste passo deve seguir os seguintes passos para uma análise completa e detalhada: a) situação de entrevista, a partir do "memo"; b) clima da entrevista, descrevendo a disposição do entrevistado, o transcorrer da entrevista, bem como o resultado da análise de campo temático (interesse de apresentação do entrevistado); c) reconstrução do caso, onde toda a vida deste, incluindo a história de sua família, serão apresentados em ordem cronológica, combinando a apresentação dos níveis da vida como vivenciada e da vida como narrada; d) conclusões e considerações finais (SUSIN, 2014, p. 112).

Ao término da reconstrução de caso, o pesquisador se volta à questão inicial da pesquisa e concentra-se em explicações dos fenômenos sociais e de natureza psicológica a ela relacionados. Isto é importante para o último passo da análise, que é a construção tipológica, mas este trabalho não a apresentará, pois são necessárias outras análises de biografias para que os tipos sejam construídos. Neste caso, o tipo não descreve apenas o fenômeno superficialmente, mas também explica a biografia que lida com esta apresentação ou define as regras que produzem esta descrição ou ação. O "estoque social do conhecimento" fornece ao indivíduo informações complexas e detalhadas das mais variadas situações com que tem de lidar na vida cotidiana, além de esquemas tipificadores exigidos para as principais rotinas do cotidiano: reconheço os outros nestes tipos e também todos os acontecimentos e experiências pelas quais eu passo na vida (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 64).

Sabe-se que a nossa biografia é singular, mas representa um episódio localizado na história objetiva da sociedade. Pensando em um acervo objetivo de conhecimentos comum a uma coletividade de atores, conclui-se que cada ser humano desempenha um papel.

Adeptos das vertentes positivistas cobram explicações sobre as generalizações por parte de quem pratica as entrevistas narrativas. Lígia Maria Pereira (1991) lembra que a coleta de histórias de vida não pretende a universalidade absoluta e indiscutível (p.119). Rosenthal

(2014) lembra que os estudos qualitativos são incapazes de demonstrar a frequência com que determinados fenômenos descobertos ocorrem na sociedade e argumenta que a relevância destes fenômenos não está ligada à assiduidade com que ocorrem e lembra que mesmo os fenômenos menos frequentes podem exercer grande influência na sociedade (ROSENTHAL, 2014, p. 33).

Por fim, será realizada a reconstrução do caso de Joaquim, objeto desta pesquisa e que poderá ser lida no capítulo seguinte. Para isto, a ordem cronológica da história de vida dele será respeitada. O objetivo neste passo é reconstruir a gênese, ou seja, a origem da perspectiva que ele tem do presente na sua história de vida.

## **5 RECONSTRUÇÃO DO CASO BIOGRÁFICO: UMA FORMA DE VIVER A ORFANDADE POR VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Este capítulo é dedicado à reconstrução biográfica do caso, produto final da análise metodológica. Esta reconstrução pretende recompor a maneira como Joaquim interpretou a própria trajetória. O pesquisador explora, nesta etapa, aspectos da vida do entrevistado, os manifestos e os latentes, e compara as ações do entrevistado com o que há disponível na literatura. Aqui também são confrontados os interesses de apresentação do biografado com a interpretação dada pelo próprio à trajetória dele, ou seja, o que foi vivenciado por ele. O resultado disto é uma das formas possíveis de viver a orfandade em um contexto de violência doméstica.

Desta maneira, depois de percorridos todos os passos da análise apresentados no capítulo anterior, são exploradas hipóteses sobre as opções que estariam disponíveis ao entrevistado ao longo do seu percurso desde que nasceu até o momento atual, além das escolhas realmente feitas por ele. São ampliadas, com isso, "as possibilidades de compreensão de como a percepção social de eventos é constitutiva da interpretação individual da própria biografia" (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014, p. 376).

Rosenthal explica que este tipo de reconstrução esclarece o caso em particular, ou seja, a trajetória do biografado, mas também coloca o social em evidência, "o seu surgimento e em suas implicações para a ação" (2014b, p. 224). O argumento é de que "biografia individual e história social — realidade subjetiva e realidade coletiva — se implicam mutuamente; a biografia, em seu processo concreto de desenvolvimento, mas também quando reexaminada pelo entrevistado a partir do momento presente, é sempre dual, produto ao mesmo tempo do individual e do coletivo" (ROSENTHAL, 2014b, p. 224).

Antes de apresentar os resultados, porém, é importante deixar claro que, apesar de ter escolhido uma abordagem extremamente rigorosa, o exercício mais difícil foi a constante busca por manter afastados preconceitos e valores próprios da entrevistadora. Por mais que haja um esforço em suspender toda a literatura com a qual se teve contato até então sobre o assunto e as experiências de vida do pesquisador, é dilacerante deparar-se a todo o momento com ideias fortemente arraigadas sobre o outro. Este outro, também é preciso esclarecer, integra uma realidade distante da pesquisadora de classe média e estudante de pós-graduação. Estas pré-concepções influenciam não só a visão que se tem do objeto de estudo como o objeto estudado em relação à narrativa que será entregue. Um dos elementos capazes de

ilustrar este "confronto" de realidades entre entrevistador e entrevistado é o uso de maconha. De início, Joaquim adota uma postura moralista para o hábito de fumar. Introduce o assunto com a frase: "tu sabe que eu tenho um mal, né?". Somente depois da reação da entrevistadora é que discorre sobre o tema, confessando que é o entorpecente que dá a ele alívio e um pouco de paz no dia a dia.

Salientamos ainda que o texto que pretende reconstruir os significados subjetivos do ator é fruto de uma sucessão metodológica de hipóteses estruturadas empiricamente também entrelaçadas com a visão de mundo do pesquisador.

Estas hipóteses seguem o princípio de abdução desenvolvido por Charles Sanders Peirce, onde todo o processo de análise dos dados consiste na formulação de hipóteses cuja confecção surja a partir do caso empírico. Conforme já vimos no capítulo 4, as hipóteses são formuladas, verificadas, reexaminadas, refutadas ou ampliadas tendo a entrevista narrativa como base (ROSENTHAL, 2014a).

Trago comigo vivências que rondam o assunto, como a reportagem sobre o mesmo tema confeccionada por mim e publicada no *Jornal Zero Hora* sob o título de *Órfãos da Violência Doméstica*, em 2013, sobre a qual teço comentários na introdução deste trabalho. Lembro inevitavelmente da destruição que o assassinato daquelas mães causou na vida dos seus filhos. Colecionei visões de semblantes destroçados como o efeito avassalador de uma relação maternal interrompida às pressas pela fúria e sentimento de posse de pais ou padrastos. O sentimento de ódio e vingança, tanto dos órfãos quanto dos familiares, era comum a todas as conversas.

A entrevista para essa reportagem foi feita com jovens e crianças que haviam perdido a mãe recentemente. Joaquim, objeto de estudo nesta dissertação, amargava a despedida havia 15 anos. Foi inevitável estranhar a ausência de um maior impacto da morte da mãe em si na vida do Joaquim, mesmo relativizando a passagem de tempo. Parecia que, de tudo o que ele havia vivenciado, a ausência materna não era o mais importante. Não fosse a busca pelo "não dito", poucos respingos da forma como o biografado vivenciou a morte da mãe viriam à tona. Os elementos aqui explicitados reforçam a importância da presente abordagem metodológica.

Uma das primeiras questões que devem ser relativizadas, sabendo disto, é a noção de família, sobre a qual discorre-se no capítulo 2. Fonseca (2001) indica que uma das falhas mais recorrentes na análise da realidade das classes menos favorecidas é "procurar 'causas', invariavelmente psicológicas, que explicam 'por que ela se deu mal'" (FONSECA, 2001, p. 13). Nesta toada, as redes que cercam estas crianças são rotuladas de patológicas,

desorganizadas e influência nociva para o convívio saudável deles. Na busca por justificar tais pensamentos, Fonseca lembra que, no Brasil, as classes populares foram consideradas "atrasadas" durante os anos 1960 e 1970 e, alvo de ações pedagógicas, também ganharam a fama de alienadas (FONSECA, 2001, p. 17). A autora lembra que o ideal de família "organizada", composta pelo casal e os filhos, que vivem em plena harmonia está restrita a uma minoria. Então, afastando-se dos ideais contemplados no passado — ora de família patriarcal, ora nuclear — os cientistas sociais multiplicam "variantes" para dar conta de definir o modelo atual de família (FONSECA, 2004, p. 58).

Ponderadas estas questões, como veremos na reconstrução da biografia de Joaquim, a forma como ele vivenciou o assassinato da mãe em um contexto de violência doméstica é uma das diversas maneiras possíveis de vivenciar o mesmo fato. Em alguns momentos, veremos que ele confirma o que diz a bibliografia sobre crianças e adolescentes que vivem em abrigo, mas também destoa em muitos aspectos. Por não haver disponível uma variedade de literatura sociológica no Brasil que aborde especificamente a orfandade, foram basicamente os achados dos pesquisadores que estudam abrigos que nos serviram nesta análise.

A história de Joaquim é preciosa. Traz consigo manifestações da vivência da orfandade em um contexto de violência doméstica que permitem aprofundar sua trajetória em inúmeros aspectos — desde a vida nos abrigos, o abandono dos parentes, até a ausência da figura paterna. Nesta reconstrução de caso, e conseqüentemente, neste trabalho, apesar de listarmos estas situações, mostrando o quanto foram importantes para Joaquim, nosso foco está voltado para a forma como ele lidou com a condição de órfão. Assim, os temas mais aprofundados serão aqueles que tangenciam a morte, como tabu e incertezas, um rompimento identitário com a família de origem, que é pobre e "não pensa para a frente" e a busca por ter uma vida classe média, a qual Joaquim julga ser a "normal".

Apesar de o interesse desse trabalho estar voltado para a orfandade, é preciso deixar claro que esta não é uma questão enfatizada na biografia de Joaquim e, possivelmente, se não tivesse sido explorado na segunda e terceira fases da entrevista, o tema pudesse passar despercebido na narrativa espontânea. De toda a forma, toda a trajetória dele e a forma como a narra tem como ponto de partida a morte da mãe, mesmo que de forma latente. Foi a partir da orfandade que ele começou a reunir recursos para sobreviver e serão estes explicitados neste trabalho.

Como já foi explicitado nos capítulos anteriores, é preciso deixar claro que não estamos preocupados exatamente com os fatos narrados por Joaquim exatamente como

ocorreram à época. Nosso interesse é na maneira como ele lidou e vivenciou a orfandade. Portanto, em passagens como a que Joaquim descreve o último dia em que viu a mãe, saindo de casa em uma manhã chuvosa e com uma lona preta por cima, não necessariamente tenha se desenrolado desta forma, mas esta é a imagem que o biografado guarda para si daquela despedida, como observaremos adiante.

## 5.1 RECONSTRUÇÃO DA VIDA VIVENCIADA DE JOAQUIM

### 5.1.1 Infância dividida em duas fases

Joaquim, 1m74cm, pardo, cabelos negros enrolados rente à cabeça, nasceu em 1994 na periferia de Porto Alegre. É o primeiro dos três filhos de Maria — que o teve aos 17 anos — todos de pais diferentes. Joaquim não sabe nada da história da mãe, não conheceu os avós nem o pai. Sobre este último, ouviu dizer que se tratava de um homem de origem germânica. A mãe era negra.

Da família, têm contato apenas com três tias por parte materna, seus respectivos maridos e filhos. Com a existência do evento impactante da morte de Maria, a infância de Joaquim parece ser dividida em duas fases. A primeira etapa, do nascimento até os cinco anos. A segunda, da orfandade, aos cinco anos, em diante. Raras são as informações a respeito da primeira fase. Nem lembranças nem histórias que tenha ouvido sobre o seu nascimento. Altair, o padrasto, é a única referência masculina que o biografado apresenta na primeira fase de sua infância. Ele é pai da irmã caçula, Beatriz.

A vida para Joaquim parece, pela narrativa, começar apenas na segunda fase. Mesmo instigado, não consegue ter qualquer lembrança concreta, ou pelo menos verbalizá-la, antes desta idade. Recorda apenas de assistir às repetidas surras que a mãe levava de Altair.

Joaquim é a única pessoa a narrar a sua história e a de seus parentes. A pesquisadora pediu ao entrevistado que repassasse os contatos de familiares, como as tias e os dois irmãos. Ele negou de todas as formas.

Esta lacuna narrativa promove uma escassez de informações a respeito da formação familiar de Joaquim, o que nos obriga a criar hipóteses ancoradas exclusivamente no panorama social e político da época. A literatura sobre as configurações das famílias de baixa renda também contribui para desenhar o cenário vivido pelo biografado enquanto viveu com a mãe.

O fato de Maria ter 22 anos e estar no terceiro "casamento" pode ser visto como desorganização familiar, mas nas vilas de Porto Alegre estudadas por Fonseca (2009) é comum que as mulheres vejam na maternidade um acordo velado: ela gera um filho em troca de sustento econômico. Para o homem que divide o teto e o sustento com esta mulher, a gravidez é sinal de virilidade (FONSECA, 2009, 2002).

A autora mostra adiante ainda que o "recasamento" representa uma ruptura ainda maior para a mulher do que a separação conjugal, pois não só ela muda de casa, como pode ser obrigada pelo atual companheiro a se livrar dos filhos (FONSECA, 2004, p. 69). Não parece ter sido desta forma que aconteceu com Maria. Desde muito pequeno, Joaquim teve uma vida nômade ao lado dela, trocando de casa, de referência masculina e, mais tarde, após a sua morte, ingressando em um novo mundo totalmente desconhecido por ele: o dos abrigos.

Quando viveu na casa de Altair, ele e o irmão Ricardo, dois anos mais novo, presenciavam cenas de violência entre o padrasto e a mãe. Contra as crianças, não havia indicativo ou evidências de agressão física. Mas o ambiente de tensão em casa era constante. Ao aprofundar a narrativa na vivência de violência entre a mãe e o padrasto, Joaquim descreve uma cena em que ele e o irmão presenciavam deitados na cama, chorando, a mãe apanhar:

dentro de casa eu e meu irmão “chorando na cama por causa que ele tinha judiado dela entendeu, mas nós era muito pequeno que nós não podia fazê fazê a nossa dife-  
“ não podia fazê diferen- nós ia fazê o Que: pequeno, dois piá, ele é um homi  
(Transcrição: p. 27).

Esta vontade de fazer a "diferença" como homem se multiplica ao longo da trajetória de Joaquim, como veremos mais adiante. É provável que a impotência diante das surras tenha reforçado em Joaquim o seu papel de homem na sociedade, o que será mais detalhado no subcapítulo honra e masculinidade.

Isto não quer dizer, entretanto, que ele reproduza este tipo de violência. Pelo contrário, em pelo menos três pontos da entrevista, o biografado diz que não se bate em mulher. Em um deles, diz que se prontificou a defender uma das tias, caso o marido tornasse a surrá-la. Mesmo trazendo relatos de algumas brigas nas quais se envolveu, a violência parece ter mais uma característica de defesa do que de ataque.

### 5.1.2 Morte da mãe e incertezas

Os primeiros raios de sol despontavam em uma manhã chuvosa de 1999. Joaquim escutou um alvoroço. Um vizinho apareceu correndo para ajudar Altair, o padrasto, a acomodar Maria na carroça. Outros queriam saber o que estava acontecendo. Ao fundo, alguém disse: "ela está indo para o hospital ganhar nenê".

Da porta de casa, Joaquim viu a mãe desaparecer na rua. Estava deitada ao lado de Altair que dava os comandos ao cavalo. Uma lona preta protegia ambos da tempestade. Joaquim chorava ao ver os dois se afastarem. Um parente tentava acalmá-lo dizendo que logo ela voltaria. Maria tinha 22 anos e estava grávida de Beatriz, filha de Altair. Esta foi a última cena da mãe emoldurada na lembrança de Joaquim. Ela morreu no hospital. A irmã Beatriz se salvou. Se foi assim mesmo que aconteceu, não importa. Interessa a esta pesquisa saber que é deste jeito que Joaquim se recorda da despedida da sua mãe.

O que aconteceu naquele dia, antes do parto, não se sabe, mas as sucessivas agressões de Altair contra Maria foram a causa do falecimento, segundo informações do abrigo. No relato de Joaquim, fica claro que os vizinhos desconfiavam que Maria havia sido morta por Altair e o próprio Joaquim deixa transparecer nas entrelinhas, que há uma dúvida sobre se esta foi ou não a causa da morte.

De toda a forma, como não tivemos acesso a boletins de ocorrência ou qualquer laudo que aponte a causa da morte de Maria, nem o discurso de Joaquim é claro o suficiente quanto a isto, a natureza do óbito da mãe do biografado fica em aberto. A literatura, no entanto, nos ajuda a fazer algumas suposições.

A violência doméstica é uma causa invisível de morte materna, mas evidências mostram ser muito comum, principalmente, nos casos de gravidez indesejada, podendo ser produzida por agressões diretas e estresse — ambas passíveis de complicações fatais tanto para a mulher quanto para o feto (TEIXEIRA; VIANNA; PEREIRA; DINIZ, 2008).

Menezes et al (2003) apontam uma relação entre violência doméstica e homicídio de gestantes, explicando que esta é causa importante de morte materna em diversos países com índices que variam entre 36% e 63%, a maioria dos quais praticados pelos parceiros íntimos.

A culpa do padrasto fica em suspenso na narrativa de Joaquim. A versão que procura sustentar é a de que a mãe morreu no parto. Foi esta a explicação dada a ele por parentes. Em uma análise imediata e superficial da entrevista parecia que o biografado culpava, de forma latente, a irmã Beatriz pela morte da mãe e que canalizava na menina toda a mágoa de ter

crescido longe da família e ter sido apartado do convívio materno. Entretanto, ao contrastar a vida narrada com a vivenciada foi possível afirmar que esta é apenas uma versão da história que Joaquim faz questão de acreditar. Assumir que o padrasto matou a mãe poderia trazer dores ainda mais profundas e exigir dele atitudes que não gostaria de tomar, como uma possível vingança.

O fato de "negar" o assassinato da mãe pode ter a ver com a falta de interesse em acertar contas com o padrasto. Admitir que ela realmente foi morta por ele, possivelmente, faria com que tivesse de tomar satisfação sobre o que aconteceu, ou, caso saiba mas não queira admitir, planejar uma vingança. Sobre isto, Joaquim diz:

aí depois que agora eu cresci e eu: eu o meu Padrasto que: no tempo batia na minha mãe tá Vivo entendeu, tá vivo, já conversei com ele, já veio do meu lado e fa- veio fala que gostava de mim tudo mais, eu tive a oportunidade de bate nele mi- dez mil vezes, ou até fazê coisa pior com ele quem sabe esquarterar ele todinho por te: por ter batido na minha mãe né meu, por causa que não se bate em mulhe né, pô batê em mulhe é um dos maior crime que tem né meu, /tisc (barulho com a boca)/ mas não eu pensei bem assim, conversei "bastante com meus parente assim", não vale a pena minha tia falou na minha cabeça não vale, "não vale a pena se estressa com ele", pô, mas também eu fiquei pensando mas não vale a pena mesmo por que eu vou pega vou me estressa com ele AGORA entendeu, olha pra ele, olha pra mim, pô o cara tá: não é que não é que ele tá Menos entendeu, tá menos por causa que o cara não EVOLUIU, passo eu tô de- vinte ano de- nove ano na cara aí, vo fazê vinte ano e o cara não evoluiu entendeu o cara ficou na mesmice dele não tem um nada e é um pobre coitado não tem um pingo pra toma água (Transcrição: p. 28).

Apesar de a orfandade ser um marco importante da sua história e estar em primeiro plano no seu sistema de relevância, Joaquim não consegue aprofundá-la em narrativa, mesmo quando perguntado. Para escapar de qualquer compromisso com o verdadeiro ocorrido naquela manhã de 1999, esconde-se na frase: "eu não posso afirmar o que aconteceu. Isso foi o que os meus parentes me contaram".

É possível que os familiares tenham omitido os detalhes da morte, justamente por serem os irmãos muito pequenos. Joaquim também, ao que indica em sua narrativa, não fez questão de perguntar à família, nem tentar esclarecer. Tomou os relatos deles como verdade. Por outro lado, o relato aponta a hipótese de que as crianças tenham presenciado as agressões. Assim, é possível que tenham visto a situação que fez com que provocasse a ida de Maria ao hospital, ou seja, uma surra ou discussão mais acalorada entre ela e Altair. Desta forma, há a probabilidade de que tenha presenciado tudo, saiba que Altair é o culpado, mas evite tocar no assunto com os parentes, em um acordo mútuo e velado de esquecer a história.

Na segunda fase da entrevista, pergunto o que Joaquim lembra da última vez que viu a mãe. Ele começa a narrar e, duas frases depois, para. Fricciona as mãos contra os joelhos,

parece confuso e assustado com a pergunta. Diz que nunca ninguém havia perguntado isto a ele, o que reforça a hipótese de que o assunto é um tabu ou, no mínimo desconfortável, para ele e a família. É provável que seja uma lembrança traumática, de um luto que talvez não tenha sido elaborado. Ele mesmo diz: "eu guardo tudo isto em uma caixinha. Está arquivado na minha memória".

Não consegue ou não quer contar sobre a mãe, mesmo quando estimulado. Dela diz que lembra apenas ser "bem negrinha, quase azul" e o resto era impossível lembrar, por causa da pouca idade. É somente na terceira fase de perguntas que Joaquim deixa transparecer melhor o real fato:

ele é foi um covarde na verdade né, ela tava grávida, agrediu minha mãe quando ela tava grávida, na verdade isso aí não se faz entendeu e também só o fato dele encosta um dedo na minha mãe e ele já fez errado entendeu, sabendo que ele que ela que ela tem dois filho e eu acho que ele não penso na situação desses dois filho dela ia cresce entendeu (Transcrição: p. 78).

Joaquim conta que presenciava várias agressões, mas não fica claro se ele viu a última surra. A hipótese mais provável, sustentada pela afirmação de que Altair é um covarde que batia na mãe dele, mesmo grávida, é a de que tenha presenciado as agressões que a levaram à morte, principalmente, pelo o que expõe no relato abaixo:

Bah, eles me disseram que foi no parto né, mas eu sei eu sei que um pouco o meu padrasto judiava um pouco dela, "naque- naquela época quando ela tava grávida eu vi com=os=meus=próprios= olhos entendeu" (Transcrição: p. 27).

Como todos os acontecimentos que envolvem a morte de Maria foram rodeados de mistério, não é possível afirmar se o padrasto de Joaquim sofreu algum tipo de punição pela morte da mulher ou até mesmo se ficou comprovada qualquer autoria do crime. O certo é que as crianças não ficaram sob os cuidados dele e não voltaram a ter contato com o homem até a adolescência.

É preciso chamar a atenção ainda para o fato de que o crime ocorreu sete anos antes de a Lei Maria da Penha, que prevê punições mais severas aos agressores, ter sido sancionada. Naquela época, este tipo de crime era ainda mais invisível. Hoje, no Brasil, para os casos de assassinato por violência doméstica, em geral, é realizado um inquérito policial, há investigação criminal e denúncia ao Ministério Público. Na maioria das vezes o procedimento chega ao Tribunal do Juri, "mesmo que o réu seja absolvido ou o crime acabe prescrito" (CRUZ, 2013, p. 18).

Segundo o Mapa da Violência de 2012, 43,7 mil mulheres foram assassinadas no país na última década, passando de 1.353 mortas, em 2000, para 4.465, em 2010. No primeiro ano

de vigência efetiva da lei Maria da Penha, 2007, as taxas experimentam um leve decréscimo, voltando imediatamente a crescer de forma rápida até 2010, igualando o máximo patamar já observado no país: o de 1996, segundo o estudo.

Os dados acima demonstram o quanto se faz necessário estudar estes assassinatos, intitulados feminicídios por alguns autores. Principalmente, quais são os efeitos gerados após a morte, já que muitas destas mulheres possuem filhos.

Barcinski e seus co-autores (2013) afirmam que a figura materna é a mais importante no desenvolvimento da criança. É da mãe o poder de cuidar da prole adquirido tanto culturalmente quanto fisiologicamente (BARCINSKI et al., 2013, p. 92).

José Carlos Rodrigues (1983) relata como é o entendimento da morte para a criança em diversas fases da vida. Com base nos trabalhos de Piaget sobre o psiquismo infantil, Rodrigues enumera: até os três ou quatro anos a criança não faz ideia do significado da morte como uma separação eterna, ainda que palavras ligadas à morte possam ser percebidas como algo negativo. Nesta fase, pensa que os mortos podem reviver e não têm a mesma carga emocional característica dos adultos nestas situações. É por volta dos seis anos que toma consciência, afetiva e intelectualmente, mais nítida do significado da morte: teme que a mãe morra, mas recusa a crer que ela a abandonará um dia. Disso, só começa a estar ciente depois dos sete anos. Aos oito ou nove, sabe que as pessoas morrem depois que alguém as mata ou por motivo de doença e admite que todos morrerão um dia, inclusive ela a própria (RODRIGUES, 1983, p. 22-23).

As afirmações de Rodrigues podem servir para reforçar a hipótese de que Joaquim, que teve a mãe morta aos cinco anos — período em que ainda não tomou total consciência do que a morte representa —, realmente pouco tenha aprofundado a questão em conversas com seus familiares e instrutores dos abrigos. Ganha sustentação a hipótese de que o assunto tenha sido deixado de lado e tratado como um tabu e, por isto, menos falado perto das crianças sob um argumento bastante usado quando envolve os pequenos: "eles ainda não entendem".

Ter se tornado um tabu, pode ser uma das razões pelas quais Joaquim sinta dificuldades em verbalizar o que ocorreu com a mãe. A versão de que Maria morreu ao dar à luz Beatriz pode ser mesmo a mais concreta para o biografado e também o jeito mais fácil encontrado pelos tios de explicar para duas crianças pequenas, como era o caso de Joaquim e Ricardo, o falecimento materno.

Na cultura brasileira, sempre se procurará saber a causa da morte para que o sobrevivente faça uma catalogação quase que automática ligada a uma reação emocional

típica de cada um dos tipos de morte, segundo apontou Rodrigues (1983). O autor enumera que uma pessoa pode morrer de "morte morrida", morrer "de velhice", de "morte matada", de "morte violenta" e, cada um destes tipos vai provocar no interlocutor uma reação emocional diversa. Na "morte morrida", que seria a "morte natural", não se faz necessário buscar um culpado. Significa que a existência chegou ao fim e os motivos são ligados ao funcionamento biológico de cada indivíduo. A morte por velhice seria um bom exemplo deste tipo. A "morte matada" está em um outro extremo e inclui todos os tipos de morte "para os quais se poderia achar um responsável: morte por acidente, assassinato, suicídio" (RODRIGUES, 1983, p. 26).

Nesta mesma direção, acrescenta Leis (2003), que a morte está inserida em uma zona obscura e mal resolvida da sociedade moderna, onde uma das possibilidades de enfrentá-la está em evitar todo o pensamento que estiver interligado a ela, oprimindo e ocultando a sua presença. O autor acrescenta que, ao se observar em cartórios, as causas das mortes em certidões de óbito, ficará constatado que ninguém morre de velho, que a sociedade se recusa a aceitar a chamada "morte natural", obrigando a colocar em todos os casos uma morte bem específica e determinada (LEIS, 2003, p. 343-344). Ele salienta uma profunda rejeição dos adultos em falar da morte com seus filhos ou de permitir que tenham contato com a morte de familiares, a fim de evitar que eles se aproximem de algo que possa lhes fazer algum "mal".

Pereira (2013) sugere que o luto é vivido de forma pouco expressiva e discreta e que tudo parece, nos dias atuais, empurrar a morte para os "bastidores da vida social". Assim, é importante ressaltar que, na nossa cultura, a morte é por si só um tabu, independente da sua causa. E ligado à ela é também tabu a relação que se tem com os que ficam. Como lembra Rodrigues "se o morto é tabu, são também tabu suas propriedades, sua casa, seus parentes, seus amigos" (1983, p. 69). Ela "quebra o curso normal das coisas, questiona as bases morais da sociedade e ameaça a coesão e solidariedade do grupo envolvido" (RODRIGUES, 1983, p. 93). É na hora da morte de um membro desta rede de relacionamentos que o sistema se desorganiza e coloca em xeque o comportamento dos que ficam. Um cenário de infinitas possibilidades de reação diante dos filhos estava disponível aos parentes quando Maria morreu. Os tios poderiam ter se unido para criar os meninos, mas a opção foi colocá-los em um abrigo, como veremos adiante. Esta manobra terá efeitos diretos sobre a forma como Joaquim vivenciou a orfandade.

Não haveria, portanto, como deixar de aprofundar a morte como um tabu nesta biografia específica. Se o óbito é um tabu, inclusive, quando ocorre por doença, que dirá quando o assunto é morte violenta. Rodrigues lembra que, diferente dos nossos antepassados,

não falamos mais de morte, conceitos para pensá-la não são formulados, mas a ela se "reage com sorrisos embaraçados, com silêncios reticentes, com desconversas que são signos do aparecimento de algo cuidadosamente reprimido" (RODRIGUES, 1983, p. 188).

Silenciar é quase que uma obrigação. Não se sabe agir diferente porque pouco se pensa sobre a morte. Quando ela ocorre, o redor está desprevenido e é necessário um tempo para que se recomponha. O silenciar fornece uma ilusão confortável à comunidade e permite que as pessoas sigam agindo como se fossem felizes (RODRIGUES, 1983, p. 188).

Segundo Freire (2006), da década de 1960 para cá é que a morte ganhou contornos de tabu, que não se deve falar em público nem tampouco obrigar os outros a fazê-lo e se acentuou profundamente nas últimas três décadas do século XX com o individualismo das relações sociais (p. 14). Isto explica a dificuldade de, agora, Joaquim verbalizar a morte da mãe, pois deixa transparecer ao longo de toda a narrativa que pouco ou nada falou sobre isto ao longo da vida. Em uma sociedade em que o individualismo orchestra as relações, o sofrimento pelo luto é introjetado de forma solitária, como Freire resume:

A dor grita nos enlutados. Mas dentro deles. O social faz sua economia de gestos e sentimentos. E põe-se surdo diante do sofrimento daquele que sofre uma perda. Esta dor transforma-se em algo inaudível, e por isso mesmo indizível. Para não sofrer mais diante da inadequação de seu sofrimento num âmbito mais amplo, o enlutado cala e põe-se mudo. Existe, assim, um afastamento da dor da perda no cotidiano, e o jogo entre indivíduo e sociedade torna-se quite: um não fala por não ter quem ouça e quem compreenda, e o outro não ouve para não incomodar-se e também para não envolver-se (FREIRE, 2006, p. 30-31).

A surpresa em ser solicitado a lembrar da situação da morte da mãe e de todos os contornos que ela tomou na vida dele demonstra que Joaquim também teve o silêncio como recurso. Os outros familiares, como os tios e o irmão, possivelmente também compartilharam da mesma ausência de palavras sobre o assunto e demonstração de luto aos demais. Freire (2006) lembra que o enlutado depara-se com um sentimento de inadequação social levando a uma introspecção, mágoa, inquietação, com receio de que ao demonstrar o seu pesar seja visto como uma fraqueza. Análise bastante adequada, se tomarmos como base a biografia de Joaquim.

Esta discrição ao externar o sofrimento pode ser traduzida como uma espécie de vergonha por expressar as emoções. Este temor em mostrar-se abalado pela perda do ente querido parece denunciar a ideia de fracasso e medo e por isto é evitado (KOURY, 2003, p. 22). O autor afirma ainda que a tônica moderna no Brasil urbano no processo de luto é uma cumplicidade na indiferença aparente pela morte, um pacto onde o indivíduo enlutado fica restrito a si mesmo (p. 34).

A leitura de que um elo intrafamiliar se quebra após a morte de um parente em comum pode ser aplicada ao caso de Joaquim e ser mais um item que dá força ao rompimento realizado por ele com relação à sua família de origem, conforme aprofundaremos mais adiante. Koury explica que os "códigos de proximidade que uniam e garantiam o sentimento de família ruem através das barreiras que vão sendo impostas pelos silêncios das mágoas e do desconforto" (2003, p. 121). Quando Joaquim se dá conta em meio à narrativa de que a tia fez o que pode por ele e ele nunca agradeceu, nunca foi muito atencioso e se manteve sempre distante, vai ao encontro do que disse Koury. Chamar o outro para conversar passa a ser uma espécie de humilhação. Ao mesmo tempo, deixar de fazer isso, gera uma culpa enorme. Somado à culpa, o medo de ser mal interpretado amplia o silêncio e a frieza das relações. Como resultado, a família, que era para ser um eixo de segurança, passa a ser um canal para despejar mágoas e desafetos (KOURY, 2003, p. 121-122).

Rodrigues (1983) explica que a morte de um indivíduo não é um evento isolado, mas representa todas as relações mantidas por ele, como amizades, paternidade, maternidade, filiação, aliança, e todas elas ficam ameaçadas de se romper ou se rompem efetivamente (RODRIGUES, 1983, p. 85).

Outro aspecto interessante com relação a este assunto é proposto por Lily Pincus (1989) ao perceber nos pacientes enlutados que a perda de um pai ou uma mãe "provoca a necessidade de progredir, de amadurecer, de tornar-se potente" (PINCUS, 1989, p. 185). A autora observou que as reações das pessoas diante da morte dos pais foram afetadas por fantasias, culpas e medos, o que é mais acentuado ainda em crianças pequenas. Além disto, são tomados por uma fúria contra o "desertor" (PINCUS, 1989, p. 207). A autora cita Robert A. Furman (1970) para descrever os efeitos futuros de um luto não elaborado pela criança e aponta que estudos demonstram que pode ela renunciar às suas emoções para que não sejam impostas subitamente sobre elas ou viver uma tristeza perene sem jamais conseguir achar uma explicação.

Apesar de parecer bem resolvido com a morte de Maria, Joaquim chorava de saudades assim que foi para o abrigo e demonstra ter carregado consigo este sentimento até hoje, mesmo que afirme não pensar mais na mãe. No trecho abaixo, que ocupou uma lauda de relato, resume o sentimento:

sabia que depois de um tempo ( ) eu nem pensava mais na minha mãe sabia, ahãn, ah com depois quando (2) no tempo quando eu morei de abrigo assim né até quando era pequeno assim ainda piá ainda eu, ah eu era meio sentimentalista chorava um pouco saudade da mãe, tudo mais, depois de um tempo assim eu: já não era mais a mesma coisa, acabei acabei ar- arquivando entendeu, guardei ali num cantinho eu sei

que ela é minha mãe entendeu, me pôs no mundo, lamento ela não tá comigo entendeu, e daí: faz uma homenagem a ela, aqui fora agora, num não ela não iria iria ve- iria ve não sei se iria ve entendeu, então: eu acabei pensando numa coisa assim “bah uma pessoa que eu não convivo entendeu, então uma pessoa que eu não vejo muito recente, não converso muito, nada, então é uma pessoa que eu acabo não me lembrando todos os dia entendeu, mas eu sei que ela é minha mãe entendeu”, eu sei que tenho uma mãe eu sei que tem um pai, nunca penso no meu pai, nunca, nunca penso nele, nem sei se tá bem se não tá, dizem que morreu, problema é dele, nunca nunca penso entendeu, lembrei só quando tu converso aí, me ligou entendeu, ou quando tem, eu olho a minha identidade e tá escrito (Joaquim fala o nome e o sobrenome da mãe) que daí eu sei que: daí eu me lembro bah a minha mãe ninh- né, mas a respeito disso daí eu não: “não penso muito sabe”, não convivo entendeu, não convivo não tenho afeto de uma mãe toda a hora tenho eu conheço só o pessoal da aldeia lá o abrigo todo mundo lá, convive com as mãe social, ah minha mãe social tudo bem mas sabe, carinho te abraçam beijam ó gosto muito da senhora po, mas a respeito disso aí de de saudade assim de da minha mãe assim nunca mais sabe assim nunca, só quando era piá mesmo, agora assim até levo na real eu levo como levo cada dia entendeu, não não do muito não do muita bola pra isso, entendeu, causa qui: ela parou né, ela não paro,/tisc (barulho com a boca)/ tá tudo evoluindo, ela paro, só lamento né, po uma tristeza né, é uma tristeza né se a pessoa vê é uma mãe né bah, mas é uma coisa que: pá eu não convivo com ela entendeu, não sei se tu me entende entendeu, eu não convivo com ela entendeu, “daí eu não posso:” não fico sentindo Saudade entendeu, nunca convivi com ela, nunca convivi com meu pai entendeu, eu nunca deu um eu num sinto Saudade, não sinto saudade deles entendeu (Transcrição: p. 33-34)

Todos os relatos que envolvem a morte da mãe são confusos. Este foi o primeiro trecho da narrativa de Joaquim que mexeu muito com ele. Talvez tenha faltado recursos da entrevistadora para que aprofundasse as lembranças. Ele precisava de ajuda para falar, mas a entrevistadora não conseguiu dar subsídios para isto. Agitado e visivelmente controlando-se para não chorar, demonstrou estar bastante perturbado com a lembrança.

Diferente de outras formas de morte, como a natural, este tipo pode deixar no órfão um eterno "mal resolvido", pois por mais que ele não expresse e comente com a família, é possível que busque respostas para o que aconteceu.

Culpar a própria mãe é também um recurso que é encontrado na literatura sobre o assunto e que está entre as linhas de hipóteses para a vida vivenciada de Joaquim. Na vida narrada, repete a frase: não sei se ela não se cuidou direito. Joaquim também dá a entender, ao dizer que ela não se cuidou direito, que Maria também não cuidou direito das crianças e a culpa é dela de ele ter crescido em abrigo e até de ter morrido.

### **5.1.3 Acolhimento e abandono**

Após a morte da mãe, Joaquim e o irmão Ricardo teriam continuado morando com o padrasto. Não é possível precisar quanto tempo depois, foram para a casa da tia Renata (irmã

de Maria). Estima-se que tenham sido apenas alguns dias. Joaquim tinha cinco anos, o irmão, três. Os dois moraram com ela por alguns meses, tempo também impreciso, até que ela os encaminhou a um abrigo público.

A ida para a casa de Renata ocorreu no Natal de 1999. A tia buscou os meninos para passar a noite com ela e se juntar à festa da família. Joaquim lembra de uma discussão no portão da casa do padrasto, mas não sabe precisar se foi antes ou depois do Natal. A tia xingava Altair, dizendo que ia lutar pela guarda dos dois. Desde então, passaram a viver com ela, o tio e os três primos.

O acolhimento de Renata pode ser explicado por algumas hipóteses. Uma delas é a de que os meninos tenham relatado maus tratos sofridos pelo padrasto ou por uma terceira pessoa enquanto estavam na casa de Altair. É possível ainda que os tios tenham planejado a festa de Natal como estratégia para retirar os meninos da casa do padrasto, desconfiados ou certos de que ele havia sido o responsável pela morte de Maria. A lembrança de Joaquim sobre o fato também pode ser confusa e eles terem ido morar imediatamente com a tia após a morte de Maria.

Renata e o marido trabalhavam o dia inteiro e as crianças ficavam em casa sozinhas. A única companhia de Joaquim, fora o irmão e os primos, era uma vizinha da mesma idade com a qual brincava vez ou outra, quando eram liberados pela tia. Ao que parece, tiveram uma educação rígida enquanto estavam sob a tutela de Renata.

Meses depois, sem saber precisar quantos, ela os encaminhou para um abrigo. Este representa outro ponto marcante da biografia de Joaquim. A separação da família de origem é rodeada de sofrimento e dificuldade de superação de ambos os lados. A principal suspeita é de que ela não tenha encontrado meios de criá-los por falta de condições financeiras. Este foi o argumento dado por Joaquim para o fato de ter sido levado, junto com o irmão, ao abrigo pela tia. Naquele mesmo ano, em 1999, ocorre uma crise no país com a desvalorização da moeda vigente, o Real. A situação poderia ter afetado a família de Renata, que já era pobre e tinha três filhos para sustentar, e ter sido um forte motivo para não continuar criando Joaquim e o irmão Ricardo. Entretanto, a inflação daquele ano afetou mais a classe média do que a população de baixa renda, em função do "consumo destes últimos estar menos relacionado a produtos importados e aos que tiveram maior elevação ao longo do ano" (MOTTA, 2000, p.8).

Ainda assim, é possível que problemas financeiros tenham mesmo dificultado que ambos permanecessem sob a tutela da família. Mas também não se descarta que Renata não tenha tido condições psicológicas de criá-los ou não tenha tido vontade de assumir a

responsabilidade de ficar com os dois. De religião evangélica, a tia teria procurado um abrigo que pertencesse à sua religião e que também ficasse próximo à casa dela. Visitava os dois semanalmente e, no começo, passavam os finais de semana na casa dela.

Ter crescido em abrigos parece ser um fato tão (ou mais) marcante na vida de Joaquim quanto o de ter perdido a mãe. É preciso destacar que este foi o tema pelo qual Joaquim iniciou a sua apresentação para, em seguida contar que a mãe morreu. Se levarmos em consideração o sistema de relevância proposto por Schutz (2012), é quase como se os dois episódios tivessem o mesmo valor, a mesma medida. Conforme o autor, relevância é a importância atribuída por um indivíduo a aspectos selecionados de situações específicas da sua vida. Os múltiplos interesses de alguém formam o *sistema de relevância*. Ele está em constante movimento e, de tempos em tempos, zonas específicas ganham maior ou menor relevância (SCHUTZ, 2012). É por isto que na reconstrução de caso estamos interessados na vivência do indivíduo, pois, conforme Husserl, uma coisa é o fato vivido, outra é a marca que ele deixou na pessoa, como apontou Batista (2009).

A tia é uma peça fundamental na biografia de Joaquim. Por ela, nutre amor e ódio em proporções semelhantes. Chegar a esta dosagem só foi possível após examinados os sentidos latentes do relato de Joaquim. Para cada trecho em que narrava algum feito negativo da tia, como ter largado os dois no abrigo ou ter batido neles, procurava minimizá-los elencando justificativas para cada ato da tia. Apesar de ter uma relação conturbada com ela, tem para si a imagem de uma heroína que teria sido responsável pela mudança de vida conquistada pelo menino. "Ela viu uma maneira de eu crescer, mesmo que do jeito 'louquinho' dela", menciona Joaquim. Por isto, é grato, como relata:

Fico pensando sabe, a minha tia é uma pessoa que eu devia agradecer muito entendeu, eu fico agora eu fiquei pensando na minha história aí:, por causa que nenhum momento ela precisava te: te movido as mãos por mim né, tu não acha, acho que em nenhum momento ela precisava ter feito isso, por causa que ela já tinha os problema dela, a vida dela, entendeu, ela foi lá e me ajudou (4), ela fala pra mim as vezes ela fala pra mim fala que tá orando por nós na igreja e: que gosta de mim afú e gosta de nós afú, aham, mas aí eu num, muitas muitas veiz eu não: eu não ah não olho muito pra ela, "sabe, ah sabe como sabe" quando as coisas não são boa eu prefiro me afasta entendeu (Transcrição: p. 27).

Essa gratidão também pode ser explicada pelo fato de ter sido acolhido pela tia e, talvez esta seja para ele, uma das primeiras demonstrações de amor da sua vida. Evitar manchar a imagem de Renata poderia ser no intuito de evitar também macular a história de amor e acolhimento a qual Joaquim se agarra em quase todos os pontos-chave da entrevista. No relato, Joaquim não parece culpar ninguém por ter sido encaminhado ao abrigo. Parece ter

ficado resignado com o destino. São inúmeras as desculpas para, por exemplo, a tia não ter podido criá-lo, como o cenário econômico desfavorável da época.

Mas a relação com a tia é paradoxal. Mesmo que as condições de baixa renda da família tenham influenciado no encaminhamento de Joaquim e Ricardo para o abrigo, uma outra possibilidade bastante plausível aparece: a de que as agressões constantes da tia contra os meninos tenha alertado vizinhos ou uma rede de apoio que os encaminhou ao abrigo. Apesar de dar diversos indícios de que isto tenha ocorrido, Joaquim não confirma e sempre tenta desconversar quando o assunto é o comportamento da tia. Tenta sempre amenizar, alegando que ela é assim porque tem "problema de nervos". Renata partia para a agressão física constantemente, mas o alvo mais frequente era o marido, segundo Joaquim.

Na adolescência, Joaquim passa a buscar motivos que tenham feito a tia interceder por ele e o irmão após a orfandade. É complicado o entendimento de que tenha assumido os cuidados de ambos mesmo sem condições de criá-los. Parece buscar mais respostas para o acolhimento da tia Renata, mesmo sem condições de criá-los, do que para as circunstâncias da morte da mãe. Fonseca (2002) resume que esta acolhida nas comunidades pobres é realizada por duas razões: o prestígio que os adotantes adquirem entre aqueles que o cercam e também o prazer de conviverem com uma criança. Joaquim mesmo repete: "uma criança é um xodozinho que todo mundo quer por perto".

Cláudia Fonseca (2009) explicita que é a miséria que expulsa seus jovens de casa para estas instituições. Mas ao contrário da que aponta Fonseca (2009), a história de Joaquim demonstra que a miséria nem sempre é o único fator que expulsa seus jovens de casa. Existem outros motivos para tanto. Um deles, por exemplo, é o "problema de nervos" enfrentado pela tia. Ela era pobre, mas mesmo assim quis ficar com os meninos. As hipóteses que melhor são sustentadas para ter desistido de criá-los dizem respeito a outros fatores que não só a baixa renda, mas um desequilíbrio emocional claramente explicitado por Joaquim.

Joaquim, mesmo quando perguntado diretamente, não admite ter sofrido agressão ou maus tratos na infância, diferente do que é possível verificar nas entrelinhas, como nos dois trechos abaixo. O primeiro diz respeito à decisão de encaminhá-los para o abrigo e, o segundo, sobre a vontade de retomar a guarda das crianças:

a situação começou a aperta mais, daí trocamos de casa uma um pouco mais simples né daí continuamos continuamos e daí daí minha tia começou a ter os problemas dela né de nervo né, problemas dela pessoal (6), daí quando vê eles não tavam mais tendo muita condições de nos de nos criar entendeu, daí foi quando ele: eles nos botaram em: decidiram né, conversa lá com o pessoal do abrigo, eles foram ve como que era primeiro antes, eles botaram lá daí botaram lá, mas tipo que eles deixaram bem dito né, não vamos deixar vocês nunca

a nossa tia tava lutando pela nossa guarda agora né queria nós de volta né mas ela tava com problema com problema de Nervos ela tem problema de nervos né “bah fica muito: muito nervosa e tal” daí é difícil de reagir né, e=nóis=tava=conversando=lá=no=serviço que pessoas que tem problema de nervo: tu pode ter qualquer reação né a qualquer momento entendeu, eu acho que: é uma pessoa que: que é uma=das=pessoa=que=a=gente=tem=que=te mais CUIDADO eu pensei, eu pensei não, eu e esse gerente lá né que tava “conversando assim”, pior que é mesmo se tu presta bem atenção né, por causa que como ela fica Assim Num Nervo acho que ela não pensa na reação que vai fazer eu acho né? Daí a minha tia era assim né daí ela acabava partindo pra uma Agressão ou pra alguma=coisa=assim, ah mas não precisa botar isso daí meu, não fica botando:, bah não vai botar coisa feia da minha tia, minha tia é tri querida, coitadinha dela vai até na igreja ainda (Transcrição: p. 42).

A literatura mostra, por exemplo, que o simples assistir de violência como as investidas do padrasto contra a mãe ou da tia contra o tio, já que ele diz que ela era agressiva apenas com o marido e não com as crianças, já se configuraria como alvo de violência, no mínimo, psicológica.

Ainda assim, é preciso observar que em comunidades de baixa renda o sentido de violência, muitas vezes, é relativizado. Ou seja, o que a entrevistadora classifica como violência não necessariamente sofre a mesma classificação pelo biografado. Fonseca (2004) pontua que nas vilas a força bruta é uma experiência cotidiana e naturalizada, que faz parte do imaginário local. A autora lembra que na vila pesquisada por ela “pequenas anedotas de violência e crime formam o tecido de fofoca cotidiana” (FONSECA, 2004, p. 168). Quando Joaquim se refere à família, diz: “qualquer coisinha eles já partem para a agressão”, entra nos achados de Fonseca (2004) de que há na vila uma forma violenta de resolver os conflitos.

A irmã de Joaquim, Beatriz, o bebê que Maria esperava quando foi agredida e morreu, teria sido entregue à cunhada Amanda — casada com o irmão de Maria. Joaquim conta que a menina foi entregue à tia porque a filha de Amanda havia falecido pouco tempo antes do nascimento de Beatriz. O destino da menina teria sido um desejo de Maria. Quanto à veracidade deste cenário, não é possível obter respostas. Mas no decorrer da narrativa é possível perceber que nem Joaquim se convence muito deste argumento. É possível que esta tenha sido a explicação de algum familiar, que Joaquim tomou como verdade absoluta. Mexer neste assunto seria para Joaquim bastante doloroso, uma vez que apenas a irmã caçula teve a oportunidade de crescer em uma família, ou melhor, na família extensiva que era dele também. Ainda assim, é possível que antes de morrer Maria tenha mesmo pedido à Amanda que cuidasse da filha bebê.

Aqui se faz necessário apontar um recurso bastante disponível na fala de Joaquim: a fantasia. Uma das hipóteses para o comportamento e também para a narrativa dele, portanto, é de que se utilize de elementos fantasiosos e crie para si histórias mais convincentes para tornar os fatos menos traumáticos. Para se isentar do compromisso com a verdade, se utiliza ainda a todo o tempo de uma frase: "não sei se é isso mesmo, foram os meus parentes que me contaram".

Esta forma fantasiosa de encarar a vida e os fatos nela compostos, Berg (2007) identificou como próprio das crianças que são submetidas à ausência de um dos pais. Joaquim, no entanto, parece ter dado prosseguimento aos mecanismos da fantasia para fugir da realidade ao longo da sua vida. Assim, todos os elementos que rondam os períodos mais simbólicos e traumáticos, Joaquim ou diz que não lembra, pois era muito pequeno e troca imediatamente de assunto ou se agarra na sentença de que tudo o que sabe sobre tal episódio está na versão de seus familiares. Nota-se que após um longo trecho de narrativas tristes ou de violência, Joaquim lembra de uma história de superação ou de vitória. Um exemplo disto, é quando termina de contar a forma como a tentativa de reaproximação com a família de origem fracassou e finaliza contando que foi adotado, como exemplificado no trecho abaixo:

(4) Daí quando vê eu:, “bah” quando vê eu fiquei com a minha tia um tempo, eu brig-, daí nós discutimu né tudo mais eu peguei e saí de da casa “bah mas se é pra fica assim nessa loucura eu não não” né, tava num LUGARO BOM pra viv- NUM LUGAR NÉ desagradável “peguei e saí” fiquei lá na casa dos parente lá, daí foi ficou discutindo chorando tudo mais lá, “ah eu passei por vários lugar eu fui adotado já também”, bah eu sou tihoso meu, UÓ que loucura, isso daí=isso=daí=só=não=contei muitos detalhes, contei por cima né, ah viu ia da um livro (Transcrição: p. 10).

Mesmo naquela altura da vida, quando Joaquim já estava com 16 para 17 anos, faz questão de usar a palavra "adotado" para uma situação que parecia mais um acolhimento. A dona da peça alugada por ele, compadecida da situação do biografado, o convida para morar com ela, como veremos mais detalhadamente nos tópicos subsequentes.

Sobre a fantasia, Alfred Schutz (1955) reforça que todos estamos expostos a pensar de maneira diferente sobre um mesmo objeto ou situação e, depois, a possibilidade de escolher uma dessas formas de pensar. Significa dizer que a fonte de toda a realidade pertence à forma como cada um lida com ela e, mesmo que o biografado conte um fato de uma forma diferente daquilo que ele realmente viveu, o que importa é a forma e a intensidade com que ele acredita na história "inventada" por ele. Esta construção fantasiosa, segundo Schutz (1955), pode ser composta de vários elementos: desde histórias lidas ou contadas por outras pessoas até vivências de fatos semelhantes ou observação da vivência de outros.

Isto explica também o fato de Joaquim ter tomado como verdade as explicações dadas por seus familiares a respeito da morte da mãe. Schutz (1955) traz uma contribuição muito importante sobre este assunto, utilizando de explicações sobre a fantasia, e que ajudam a compreender a forma como Joaquim lida com a orfandade e também com outros aspectos da vida os quais busca tornar mais atrativos de maneira fantasiosa. O autor lembra que o mundo da fantasia não é unificado e, por isso, promove fantasias dentro das fantasias as quais podem se chocar uma com as outras e também com a realidade da vida cotidiana (SCHUTZ, 1955, p. 323). Assim, ao pensar e falar a respeito da morte da mãe, Joaquim demonstra acender a suspeita de que a história que acredita e que lhe foi contada não é tão factível quanto lhe parecia na fantasia. Joaquim sabe disto, tanto que em nenhuma das vezes que contou sobre como a morte aconteceu deixou de dizer "não sei se foi bem isso, foi o que os meus parentes me contaram".

Schutz pondera que todos nós, "ao sentarmos entre o público estamos dispostos a substituir a dimensão da realidade do mundo da nossa vida cotidiana pelo mundo do cenário" (SCHUTZ, 1955, p. 324). E o mais importante: Schutz (1955) deixa claro que não é porque algo é imaginado que deixa de ser verdade, pois passa a ser verdade na vida daquela pessoa que imagina e tem influência sobre as suas ações cotidianas.

#### **5.1.4 Ausência da figura paterna**

A figura paterna aparece em vários momentos da entrevista. Joaquim parece atribuir peso semelhante ao fato de não ter pai ao de não ter mãe, mesmo sem nunca ter tido contato com o pai. É a condição de ter crescido sem pai nem mãe que coloca, na visão de Joaquim, o biografado em uma situação de extrema vulnerabilidade social. O termo também pode ser usado pelo menino como um recurso para justificar todos os seus atos. Lembra de amigos que cresceram junto no abrigo, que foram para o "caminho errado" e morreram. Ele emenda dizendo "que também, para quem não tem pai nem mãe a vida não é fácil".

A curiosidade de saber quem é o pai aparece mais espontaneamente no relato do que o sofrimento por ter perdido a mãe. Quanto a isto, vive uma situação ambígua, dentro de um espectro que vem se delineando bem como uma característica de Joaquim, de ter uma vida baseada em versões, sem questionar a verdade absoluta. O biografado conta que tem curiosidade de saber quem é o pai. Isto demonstra que, na verdade, não tomou como verdadeira a versão de que o homem havia morrido. Mas ao mesmo tempo, teme encontrá-lo

de fato, sob o argumento de que o contato pudesse atrapalhá-lo, reforçando que precisou do pai quando era criança, mas que agora, depois de passado por todos os problemas, não faria diferença.

quando vê ele é um bêbado aí: e eu vo te que e ainda vai descobrir que ele tem um filho aí daí que tá que tá fazendo alguma coisa, vai me afunda junto com ele, ah vai sabe ((rindo)) / (Transcrição: p. 31).

Ao falar do primeiro abrigo que morou, cita o nome da mãe social, nas duas vezes e não o do pai social. Mesmo assim, até o final da entrevista, são as figuras masculinas que aparecem como referência. A primeira, é o padrinho social. "Como eu não tenho pai, eu tenho o meu dindo. Converso com ele sobre tudo, relacionamentos, ele vai me falando o que eu tenho que fazer". Estes dois fatores foram uma surpresa, uma vez que de antemão a pesquisadora não imaginava que o fato de não ter mãe era muito mais forte do que ter crescido sem o pai e que o abrigo poderia ser um trauma secundário na vida do menino.

Joaquim parece ter crescido "comprando" as versões dos fatos dadas pelos parentes. Em diversos pontos da narrativa demonstra um vazio com relação ao seu passado, pois apesar de sempre ter uma história redentora acerca de fatos marcantes, parece saber que muito o que lhe foi passado é mentira para amenizar o sofrimento. Sobre o pai, por exemplo, começa contando que não o conheceu, que ele o abandonou quando Joaquim estava na barriga da mãe. Depois, diz que a história que contaram para ele era de que Maria pediu que eles a deixassem viver a vida dela. Imediatamente, Joaquim se dá conta do quão irreal é a história e diz:

tá muito mal contado né não era pra se assim, como uma mulher vai quere que o cara simplesmente largue ela assim do nada com um filho na barriga, não é assim ninguém é bobo, ninguém é bobo, pra mim não/ ((rindo)) / (Transcrição: p. 31).

Mesmo crescendo com algum contato com a família de origem, fica claro que não conseguiu se vincular a nenhuma das figuras paternas com as quais conviveu, tendo sido mencionadas pelo menos quatro delas: o padrasto, o pai social, o marido de Amanda e o marido de Renata. Foi o padrinho quem mais instigou essa identificação em Joaquim. Este fator também dá argumentos para outra hipótese que veremos mais adiante: o rompimento de hábitos e valores que Joaquim estabelece com a sua família de origem.

Ao fazer uma revisão na literatura sobre o papel da figura paterna para o desenvolvimento infantil, Benczik (2011) comprova que a interação entre pai e filho é um dos fatores decisivos para o desenvolvimento cognitivo e social. Este envolvimento, segundo o autor, facilita o aprendizado e a integração da criança com o ambiente que a cerca. As crianças que não convivem com o pai têm mais dificuldades de reconhecer limites e regras de

convivência social com forte propensão à delinquência (BENCZIK, 2011). Entretanto, a inclinação para comportamento conflitante com a lei não parece ser o centro da questão de Joaquim, mas sim a busca do biografado por um modelo de identificação. Esta busca por identificação, segundo Benczik (2011), podem ser uma armadilha, já que ao ter o pai ausente outros modelos vem ocupar este vazio e isto acarreta em uma grande probabilidade de não serem propriamente exemplares.

### **5.1.5 O período nos abrigos e estigma**

O interesse de apresentação de Joaquim, ou seja, a forma como ele quer ser visto pelo interlocutor, é totalmente centrado nos abrigos, demonstrando que o acolhimento institucional foi quase que a redenção. Joaquim apresenta todas as dificuldades, mas para valorizar as suas vitórias. Ele poderia ter começado a apresentação no relato principal pelo dia do nascimento, pelo trabalho que tem agora, pelo tipo de pessoa que é hoje, mas optou por iniciá-la pelo tema dos abrigos, logo no início da entrevista. Uma das hipóteses para tanto pode ser uma desconfiança de que a entrevistadora estivesse interessada neste tema específico. Ao mesmo tempo, é bastante plausível que tenha iniciado pelos abrigos, pois de uma certa forma, é ali que a vida dele começa, trata-se de um ponto-chave na biografia de Joaquim.

Nos outros aspectos da vida, a vontade de ser alguém virtuoso faz com que argumente em todos os trechos e este é o tipo textual que mais aparece. Demonstra com isto, também ser uma pessoa que precisa sempre se explicar sobre seus atos e escolhas. Joaquim conseguiu destaque nos esportes, nos quais foi matriculado enquanto vivia no abrigo. Sonhava em ser jogador de futebol, mas desistiu diante das dificuldades impostas em conseguir um lugar de destaque.

A primeira instituição para onde foram encaminhados pertencia a uma Igreja evangélica frequentada pela tia. Ele e o irmão ficaram lá por cerca de três anos. Pela manhã uma kombi escolar pegava as crianças e levava para a escola. Na volta, tinham de reservar uma hora diária para estudar e fazer o dever de casa. As crianças tinham tarefas, como arrumar o quarto, lavar a louça, limpar o pátio, o banheiro. As roupas que vestiam, vinham de doação. Era obrigação das crianças manter o armário impecável. Nos momentos de folga, estavam liberados para jogos e brincadeiras. A janta era servida às 19 horas, depois faziam fila para o banho e podiam assistir televisão até as 21 horas. Depois disto, as luzes se

apagavam e precisavam dormir. A rotina só era flexibilizada nas férias do colégio, quando podiam ficar até mais tarde na rua e esticar o horário da televisão.

Joaquim tem recordações afetuosas do local. Lembra e sente saudades de Rose, a mãe social. A diferença da mãe social para a tia é a dedicação. A mulher do abrigo vivia só para eles. A tia precisava trabalhar, passava o dia fora e as crianças não podiam brincar na rua. Rose era tão apegada aos "filhos sociais" que, nos finais de semana, quando ia para casa, levava com ela aqueles que a família não pode buscar. Joaquim mesmo frequentava a casa de Rose vez ou outra. Descrita como uma mulher rígida, Joaquim tem lembrança das traquinagens que fazia e das punições que ela aplicava, como as chineladas. A punição física está presente nos discursos de Joaquim a respeito do abrigo, mas sem uma carga dramática ligada a estes eventos.

A instituição abrigava três casas. Os moradores eram divididos por idade. Uma delas, era destinada apenas para as meninas. É possível que este tenha sido o primeiro local onde foi acolhido com carinho. Há a hipótese de que tenha tido uma rotina pela primeira vez. Por outro lado, não se pode descartar a possibilidade de Joaquim ter se afeiçoado tanto ao local como uma forma de defesa e proteção por ter sido levado pela família para lá.

É possível que a vida na instituição, onde os abrigados possuem um sentimento de abandono em comum por parte dos progenitores, tenha ajudado a superar o trauma de deitar do restante, dos amigos, dos primos, dos vizinhos. Talvez se tivesse crescido na comunidade onde nasceu pudesse trazer com ele o estigma de filho da mulher assassinada pelo marido enquanto estava grávida,. Ter crescido com crianças em situações semelhantes, se por um lado pode ter criado nele um estigma de ter sido criado em abrigos, também pode ter representado uma maneira de evitar remoer a história cruel que cerca a sua infância. De uma certa forma, ao se apartar dos parentes e do meio social onde vivia pode ter conseguido tornar mais real a versão de que a mãe morreu no parto e "apagar" o passado trágico.

Outra peça importante na construção dessa hipótese é a mudança constante de abrigo a qual vivenciou Joaquim. Isto pode ter colaborado para ir deixando para trás, pouco a pouco, a essência que fez com que ele e o irmão tivessem de ser matriculados em um abrigo: o assassinato da mãe. Quando Joaquim completou nove anos de idade, aproximadamente, ele e o irmão dois anos mais novo foram transferidos para outros dois abrigos diferentes. A primeira mudança representou um período de retomada da instabilidade. Depois de os irmãos terem se habituado à nova vida, a exigência da idade fez com que precisassem deixar o ambiente. Ao que tudo indica, o primeiro abrigo seria um local provisório. A intenção era de

que os meninos pudessem retornar à casa da tia depois que ela se restabelecesse tanto financeiramente, quanto psicologicamente.

Em uma reunião entre a tia, os responsáveis pelo abrigo e Joaquim e o irmão Ricardo, ficou acertado que ficariam em um abrigo o mais próximo possível da casa de Renata para que os encontros familiares se mantivessem frequentes. Ela representava o único vínculo familiar dos meninos. Mas novamente os "problemas de nervos" da tia fizeram com que as crianças fossem levadas para um abrigo mais distante em questão de meses. Esta relação conturbada deles com a tia não fica bem clara. Joaquim tenta sempre mascarar e desconversa quando se pede para detalhá-la. Nas entrelinhas, no entanto, fica bastante reforçada a hipótese de que a mulher era descontrolada, agressiva e representava risco para Joaquim e seu irmão. Ao longo de sua trajetória fica evidente esta ambiguidade entre o esforço de estreitarem a relação com ela e a necessidade de ficarem afastados devido ao descontrole emocional da mulher. Em meio a uma narrativa, por exemplo, sobre a sua vivência no abrigo, Joaquim começa a contar que a tia estava brigando pela guarda deles e queria tê-los em casa novamente. Em seguida, para e faz a seguinte avaliação:

bah não vai bota coisa feia da minha tia, minha tia é tri querida, coitadinha dela vai até na igreja ainda (Transcrição: p. 9).

Como visto acima, Joaquim deixa transparecer a todo o momento uma certa culpa por "falar mal" da tia para a entrevistadora. É bem provável que nutra por ela uma imensa gratidão, o que mais adiante fica evidente quando revela o que pensa sobre ele próprio: "olha o que eu me tornei hoje, sou tri esperto".

Mas foi neste terceiro local que Joaquim ficou até ser desvinculado do acolhimento institucional. O abrigo carregava consigo alguns aspectos e conceitos de uma Casa Lar — modalidade com no máximo nove crianças e com a figura do pai e da mãe social. Só que a ideia de Casa Lar incluía a moradia em uma casa que não destoasse das outras do bairro, evitando que os abrigados se sentissem discriminados pela condição em que viviam. Ele e o irmão cresceram em um amplo terreno com diversas casas semelhante a um condomínio fechado, mas não se parece em nada com as moradias vizinhas, o que não contribui para minimizar o estigma (SCHUCH; FONSECA, 2009, p. 115).

Não é possível afirmar o motivo pelo qual foram transferidos de abrigo. Há uma hipótese de que fosse em função da idade que o abrigo comportava, conforme o discurso de Joaquim, mas o motivo latente que aparece é a necessidade de afastamento da tia agressiva. Ele relata a transição para o novo abrigo como algo abrupto. Levou um tempo até que se

habitua-se aos costumes do novo local. Romper o vínculo que havia criado com a mãe social do abrigo antigo também foi muito doloroso e, possivelmente, reforçou no biografado que fazia parte de um ciclo de repetidos abandonos.

Para Joaquim, que havia encontrado conforto na casa anterior, a mudança representou grande sofrimento. São nestes episódios, em que a dor vem à tona, que ele se utiliza de um recurso recorrente em seu discurso: trazer um lado positivo do fato depois de contar algo negativo. Desta vez, é o suposto luxo do novo abrigo que fica em evidência para dizer que estava bem e que teve uma vida "normal". Ele introduz o relato sobre o novo abrigo dizendo que viviam como uma família "normal": os gurus tinham um quarto e as gurias, outro. Cada um com sua cama e seu roupeiro com roupas da moda e entre os quartos dos meninos e das meninas tinha o da mãe social. "Muito luxo. Escreve aí que lá tinha muito luxo", disse ele reiteradas vezes. Tinha banheiro separado, sala e cozinha enormes, televisão de 42 polegadas, computador. Por ter noção plena do estigma que carrega consigo um abrigo faz questão de demonstrar que apesar de tudo o que passou levou a vida como a de uma família qualquer:

“não é abrigo na verdade né meu” não era pra se, abrigo é um nome muito FEIO. Era como se fosse uma família, a aquela figura da mãe social te ajuda (Transcrição: p. 8).

Foi neste lugar, mais liberal do que os outros locais por onde passou, que sentiu estar sendo preparado para o desligamento do acolhimento institucional. Ele e os outros moradores iam ao teatro, cinema e parque acompanhados da mãe social. Quando maiores, já podiam sair sozinhos, mas às 18h precisavam estar de volta ao lar. Se fossem se atrasar, tinham de ligar e prestar contas do motivo da demora.

Lá também vivenciou a experiência de ser apadrinhado por famílias do Exterior, hábito bastante comum em abrigos e em bairros de baixa renda. Eles trocavam cartas, mas não se conheciam pessoalmente. Destas pessoas recebia dinheiro, brinquedos e roupas. Ao deixar o abrigo, tinha R\$ 500 guardados na poupança.

Como uma família "normal", reitera Joaquim, os pais sociais davam dinheiro para tomar sorvete aos finais de semana, por exemplo. Conta que sua obrigação era estudar e fazer cursos para que tivesse como se sustentar depois de completados os 18 anos.

com dezoito anos é o horário é o ano que tu sai de lá, quando tu completa dezoito tu sai do: do abrigo que daí: eles eles realmente já te deram uma grande ajuda pra ti inicia a sua vida fora, seria cursos, profissionalizantes, escola, entendeu (8) (Transcrição: p. 46).

Com o acompanhamento de uma psicopedagoga, na quinta série aumentou o interesse de Joaquim pelos estudos. Ele começou a aproveitar melhor as oportunidades. Entrou para a escolinha de futebol da Sogipa, depois trocou para o Genoma colorado. No colégio, foi campeão das Olimpíadas de Matemática. Os elogios que as boas notas rendiam motivavam o esforço de Joaquim para melhorar ainda mais o desempenho. Fez outros cursos, praticou boxe, fandango. Já na adolescência fez um curso de mecânica no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Sobre isto avalia: "bah, tudinho eu paro no meio".

Adotando uma postura defensiva, Joaquim faz questão de dizer que sempre levou uma vida "normal", possivelmente, como uma tentativa de se livrar de um estigma. Segundo Goffman, o conceito de estigma conecta-se ao de um "indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena" (1982, p. 7). Joaquim não quer assumir o rótulo de órfão que "não tem pai nem mãe" e que cresceu em um abrigo, pois não quer que as pessoas sintam pena dele.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável — num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. (GOFFMAN, 1982, p. 12).

Ao citar repetidas vezes as expressões "normal", "éramos uma família normal no abrigo", "como todo mundo", "igual ao que tem na rua", Joaquim demonstra o seu esforço de se livrar do estigma de ter crescido sem a família, dentro do abrigo. Ou seja, o estigma teria muito mais a ver com a condição de abrigado do que com ser filho de uma mulher assassinada pelo companheiro. Até porque, como já foi dito anteriormente, a morte desta forma não é totalmente clara para o biografado. Fica explícito que a ênfase que Joaquim dá na narrativa é de que a "mancha" negativa em sua trajetória é a de ser ex-abrigado e é este o motivo pelo qual busca estabelecer estratégias para disfarçar tal condição. Aqui está o centro do tema orfandade em um contexto de violência doméstica: ao ser encaminhado para um abrigo, aos cinco anos, criou nele um estigma desde a infância. Mesmo explicitando ter superado o passado, pois trabalha e ganha o seu sustento, fala com os irmãos e com os tios, individual e socialmente, cria estratégias em torno deste estigma.

como a gente tem tem um momento que a gente tá tá muito pra baixo se não tive uma pessoa pra ti ANIMA "tu já não tem pai" tu já não tem mãe tu mora sozinho minha vida tá uma Bosta, falo bem assim, é bem sincero né, daí: pô daí eu bah aí eu ó come que ta aí não to, só me dô MAL pá porque tô aqui né por=esse=tipo=de=coisa= mas= as=pessoa=pegam já vende tudo que tem já se atira nas droga já já acaba vir- vivendo Mais um na sociedade "é isso aí que acaba sendo" mais um na sociedade que ninguém te olha mais (Transcrição: p. 6).

Ao demonstrar intenso desconforto com o grau de crueldade que a sociedade pode disparar contra alguém estigmatizado como ele, Joaquim fornece subsídios para que façamos uma ligação com os estudos de Goffman: concorda, mesmo que de vez em quando, que ficou abaixo do que deveria ter sido (GOFFMAN, 1982, p. 17). Para fugir deste fantasma da rejeição e da diminuição perante os outros pela sua condição de órfão o biografado esforça-se para demonstrar que, apesar de tudo o que passou, não possui marcas deste passado.

Quando centra sua descrição na ostentação do abrigo em que viveu, Joaquim envereda seu relato para um aparente ponto central do seu conflito. Diz que o abrigo dá todas as condições de crescimento para a criança, mas que precisa ter foco para aproveitar todas as oportunidades. Avalia que "para quem não tem pai nem mãe" isto é o mais difícil.

Mas se este estigma pode ser arruinante, também pode ser fonte de ganhos secundários (GOFFMAN, 1982, p. 20). Ele pode ser utilizado como uma desculpa para que alguns objetivos não tenham sido alcançados, já que "para quem não tem pai, nem mãe" é tudo mais difícil de se conseguir mesmo. Joaquim quer parecer alguém maduro e que passou por muitos desafios na vida, sempre usando como "desculpa" o fato de que tudo é mais difícil para aqueles que "não têm pai nem mãe".

O interesse de apresentação do biografado, portanto, está bastante interligado em uma fuga permanente do estigma. Ele quer parecer alguém batalhador e que, mesmo sem pai nem mãe conseguiu levar uma vida normal. Esta normalidade está presente até o final do discurso, pois sempre repete: "fazia tudo certinho, bem normal".

Sobre crianças e adolescentes que crescem em abrigos, Justo e Pereira (2005) afirmam que ser reconhecido publicamente como abrigado é algo muito doloroso, pois trata-se de alguém sem família. Esses internos lidam o tempo inteiro com as facetas do abandono, com a ausência de referenciais, ausência de filiação e de um lugar próprio onde possa se reconhecer em uma história, no tempo e no espaço. Não é dado a estas pessoas o direito de se posicionar em uma rede familiar, sem garantir um lugar psicossocial sólido e seguro (PEREIRA; JUSTO, 2005).

É importante ressaltar ainda que ao dizer que "quem não tem pai nem mãe" precisa se esforçar, Joaquim pode estar querendo demonstrar que faz parte de um outro grupo, que pertence à fatia daqueles que venceram na vida, pois "tem uns que vendem tudo, se atiram nas drogas", com ele é diferente.

Joaquim se vê estigmatizado pela sociedade por ter crescido em abrigo e por não ter pai, nem mãe. Não chega ao seu nível manifesto ser estigmatizado por ser filho da mulher

morta pelo padrasto. Faz uma avaliação sobre a sociedade: as pessoas fingem que não vêm as outras e não dão oportunidade.

Transparece ainda, de forma magoada, que agora que ingressou na vida adulta não recebe mais apoio de ninguém. É como se o abrigo e todos aqueles que antes estavam prontos para estender-lhe a mão agora viram-lhe as costas. "Eu só consigo me manter porque eu faço um monte de coisa", explica. Assim, ele quer se mostrar diferente das outras pessoas que não tem pai, nem mãe e que o trunfo é trabalhar muito para conseguir manter-se sozinho.

Para minimizar o estigma, Joaquim manifesta um caráter extrovertido, quer ser o "xodozinho" do restaurante onde trabalha, por exemplo, manter o astral no alto, alegrar os colegas. "Sou educado em qualquer situação", define-se.

### **5.1.6 Adolescência e a reaproximação com o mundo familiar**

Em 2009, a Lei Nacional da Adoção é aprovada no Brasil e é justamente poucos anos depois que surgem os momentos em que Joaquim passa por uma reaproximação com a família de origem. É provável que a nova lei, que reforça a necessidade de restabelecimento de vínculos dos internos com os familiares, tenha sido um dos motivos para o retorno de Joaquim para a casa dos parentes.

Então, em uma tentativa de reaproximação com a família de origem, aos 16 anos, volta a morar com a tia Renata, a mesma que o acolheu aos cinco anos e o encaminhou para o abrigo, que é casada e, à época, tinha três filhos adolescentes. O irmão Ricardo, dois anos mais novo, vai junto. No início, foi um período alegre. Joaquim estava feliz com a convivência em família e com a reaproximação dos primos.

Esta imersão em um mundo do qual estava afastado havia anos, de maior liberdade e convivendo com pessoas que tinham valores diversos aos seus, pode ter sido o momento crucial para que Joaquim tenha acentuado o uso de maconha e outras drogas. Neste período, fazia curso de mecânica no Senai. Faltando poucos meses para a formatura, largou tudo. Meses depois de estar na casa da tia, Joaquim largou os estudos, envolve-se em brigas, emagreceu e a oportunidade de aprender uma profissão deixou para trás. Saía todos os dias com os primos para festas, como relata abaixo:

é foi quando eu te disse que eu completei dezesseis ano eu eu saí saí do abrigo fui mora com meus tio e o meu primo ia pra festa e a minha prima também e eles não estudavam e daí quando vê eu comecei a vive a vida deles entendeu a rotina deles e foi quando eu não fui estuda fui fui pra festa e: e eu quando vê já já peguei e saí do

curso entendeu causa que bah não não guentava mais né na verdade tá naquela mesmice (Transcrição: p. 57).

Por outro lado, fica bastante evidente na fala de Joaquim o quanto o momento foi importante como aprendizado. Viveu um ano intenso aproveitando os prazeres da idade, mas deixando de evoluir como pessoa, conforme ele avalia. O uso de drogas é um dos fios condutores da adolescência de Joaquim e morar sozinho pode ter aumentado o consumo de maconha. Quando diz que muita gente que vive nas mesmas condições que ele "se atira nas drogas", abre uma nova frente de hipóteses de que não enxerga a maconha que usa como droga. Deixa bem claro na sua exposição, o quanto a maconha o mantém em um estado de espírito elevado e que é nela que procura a disposição para encarar o dia a dia. Sobre os benefícios da erva no seu cotidiano, diz que ela abre a mente, o deixa descontraído, sem pensar nos problemas. Ao mesmo tempo, sabe que o vício pode adquirir uma conotação negativa. A hipótese de que considera o vício algo negativo se reforça pelo uso constante de colírio e perfume para disfarçar os sinais do seu uso.

Também quando se refere ao tio com quem brigou, fala que ele usava drogas e que não permitia que fizesse isso dentro de casa. Ou seja, apesar de saber que a maconha não é socialmente aceita, não a coloca no mesmo patamar de drogas mais pesadas, como as utilizadas pelo tio. Fonseca (2004) afirma que no ambiente como o que conviveu e convive Joaquim, onde todos os tipos de drogas "rolam soltas", a maconha tende a parecer um mal menor. Ela é vista mais como uma degradação moral do que física, por ser vista como a porta de entrada para uma vida marginal, como o avanço para drogas mais pesadas e o roubo e furto para sustentar o vício (FONSECA, 2004, p. 174).

Foi também na casa dos parentes que presenciou cenas de violência, como brigas de rua e troca de agressões físicas entre os tios e os primos, além do tráfico de entorpecentes. Ao ter contato com o trabalho "fácil" do tráfico de drogas, com muito dinheiro e pouco trabalho, Joaquim se viu tentado ao crime.

e oportunidade pra ti te te afunda: é o que tu mais tem, Conhecido é o que tu mais tem, pessoa pessoa pessoa que sai do abrigo com mente limpa que só pensa pro bem de: de trabalha e tudo mais, que sa- sai pruma vila só vê coisa ruim, e: e difícil difícil é resisiti á tentação, porcausa que oportunidades é o que tu mais têm, tu quer ganha quanto quatrocentos por dia, é o que mais tem pra ti faze isso aí numa vila, entendeu, e aí e daí só vai de ti né, quere ou não né, uma tentação ganha Quatrocentos por dia quem é que não vai quere né, numa situação que todo mundo rouba um do otro, porque tu não vai pode lá um mete uma droga numa esquina aí também que nem todo mundo faiz, é assim né, é assim, falando a palavra mesmo é assim, a pessoa é:, a pessoa diz "ah mas é um guri um guri gente boa, mas aí vai lá já conhece a maldade" (Transcrição: p. 23).

Ainda ao dizer que o abrigado que é desligado da instituição não tem lugar melhor para ir do que uma vila, já que não tem condições de comprar uma casa em um bom ponto da cidade, ele sugere que depois de ter crescido em um abrigo que lhe proporcionou um padrão de classe média, não sai em condições de manter este nível socioeconômico. Então, para começar a vida por conta própria, Joaquim busca uma peça em um bairro mais humilde, dominado pelo tráfico de drogas e esta é a primeira oferta de trabalho rentável que ele tem acesso assim que ingressa nesse mundo social adulto.

Zaluar (1985) indica que o inimigo está mesmo dentro da localidade de moradia e o jovem passa por dois sistemas de socialização concorrentes: o dos trabalhadores e o dos bandidos. Dos depoimentos que ouviu nas pesquisas realizadas, a autora notou que "a eficácia das quadrilhas em atrair os jovens é vinculada por eles ao prematuro afastamento da mãe e outros adultos" (ZALUAR, 1985, p. 154).

Como Gabriel Feltran lembra, "nas franjas desse mercado de trabalho, aparecem os trabalhos liminares entre o formal, o informal e o ilícito" (2010, p. 207). Ou seja, Joaquim tinha pressa para se sustentar sozinho, já que seu prazo para permanecer no abrigo se encerrava, em tese, aos 18 anos. Mas foram os valores morais provavelmente aprendidos no abrigo que o afastaram da oferta da venda de drogas. A euforia de ganhar mais e trabalhar menos durou pouco. Logo, preferiu sair do bairro em que estava e recomeçar a vida sozinho em outro lugar. A ele foram dadas as mesmas oportunidades que ao irmão, só que este envolveu-se em situações ilícitas e esperou os 18 anos chegarem na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul (FASE). Não se sabe a causa que levou o irmão para a instituição.

Na violência, a fronteira funciona como um espaço de incerteza, que dá margem para a efetividade. Estas fronteiras são flexíveis e é possível avançá-la e recuar, como fez Joaquim ao flertar com o crime e decidir sair daquela zona de conflito para tentar uma vida pelo viés da formalidade.

Os programas sociais existentes nos abrigos funcionam como mecanismo de contenção do adolescente, numa sensação de que fazem força para que ele não ultrapasse a fronteira, que fique contido no limiar dos bons modos, das boas maneiras. O texto de Feltran (2010) mostra a luta nestas fronteiras culturais e que pode muito bem ser aplicada ao acolhimento institucional, onde eles são criados como filhos de classe média, mas fica bem claro para as crianças e adolescentes que é um mundo para desfrutarem enquanto estiverem dentro do prazo de validade. Quando vencer esta data, estão na rua. Caso eles caiam na

criminalidade ou não utilizem os recursos ditos positivos disponíveis no abrigo ou Casa Lar, serão recebidos com um discurso moralizante, próprio da classe média, como “demos a oportunidade e eles não progrediram”.

Além desta efervescência de oportunidades na adolescência, uma fase em que é típico do ser humano experimentar, o clima na casa dos parentes começa a ficar tenso. Brigas são cada vez mais constantes. De tanto discutir com a tia, Ricardo, o irmão, desistiu e voltou para o abrigo. Joaquim, como era mais velho e já estava com 17 anos, optou por suportar até o limite a má convivência. Estava ansioso para começar a própria vida longe do abrigo. Novamente, a vivência com o temperamento agressivo da tia aparece, mas logo Joaquim tenta mascarar:

é como eu te disse ela tem problema de nervos e não consegue se aguenta entendeu é as emoções dela entendeu é a adrenalina que ela fica no momento entendeu daí ela parte pra agressão agressão mais é agressões verbais então bota é melhor assim em vez de bota agressão física melhor é por causa que ela brigava com meu tio né se esquentava ( ) que ela pegava um martelo aí uma mangueira bate no meu tio mas meu tio é homem meu tio não vai bate nela entendeu causa que a lei tá do lado da mulher ainda mais ela já fez muita ocorrência do meu tio como se o meu fosse o ruim da história mais mais todo mundo sabe que meu tio não é o ruim da história entendeu toda a família e daí eu: entendeu tu tá sabendo eu acho que tu não precisa bota nessa folha aí (Transcrição: p. 58).

Chama a atenção também que, em diversos momentos da entrevista, Joaquim diz que não se bate em mulher, que a lei está do lado da mulher e também, por vezes, fala em seu papel de homem na sociedade. É possível que estas noções sejam baseadas na experiência da morte da mãe, mas não se pode descartar que tenha sido influenciado por outros meios, como a mídia, os monitores do abrigo e os próprios familiares.

Aos 17 anos, Joaquim vive mais uma fase de situações marcantes. Depois da reaproximação frustrada entre ele e a tia Renata, o biografado retorna para o abrigo. A tia se arrepende das brigas sucessivas, vai atrás dele e promete ajudá-lo a alugar uma peça para que ele possa começar a vida sozinho. Ele aceita. Na ocasião, disse que daria uma quantia em dinheiro e levaria comida para ele todos os dias. A ajuda chegou apenas uma vez. O espaço continha a cama e o guarda-roupa que pertenciam a ele no abrigo. E só.

A proprietária da peça alugada pela tia Renata para ser a residência de Joaquim se compadece da situação e convida-o para morar com ela. A casa tinha dois andares. A mulher, de aproximadamente 40 anos, era mãe de duas filhas, uma de 27 anos e outra de 19 anos, e um filho, de 23. Neste trecho, utiliza-se novamente da dinâmica de tornar a situação mais especial. Diz: “tu nem sabe, eu já fui até adotado” para introduzir o tema do abrigamento na casa da mulher.

Neste período, a suposta “mãe adotiva”, que era solteira, se envolveu com um novo companheiro. Eles queriam privacidade. Joaquim se desentendeu com eles e foi morar com a filha mais velha da mulher. O acolhimento durou pouco tempo.

O argumento usado por Joaquim era de que o casal que o acolheu estava se separando e a mulher não teria mais como abrigá-lo por questões financeiras. "Aí eu sobrei", completou. Joaquim diz que fez muita bagunça e teve de sair de lá.

Os motivos para esta sequência de desentendimentos não ficam claros. É possível que o uso de drogas tenha atrapalhado a relação ou que alguma atividade ilegal de Joaquim possa ter provocado atrito entre eles. Isto ganha força pelos argumentos de Joaquim para não contar detalhes do rompimento. "É bagunça, não vou ficar te contando isto daí", encerra o assunto. O termo bagunça abre brecha para interpretações amplas: pode significar muita festa, muito consumo de drogas, roubo, furto, brigas com os donos da casa e etc. O trecho apresentado na página anterior, em que fala o quanto é difícil resistir às tentações do trabalho fácil em uma vila, vendendo droga na esquina, também traz uma forte possibilidade de que Joaquim tenha mesmo praticado alguns tipos de crime. Pode ter sido este o motivo concreto para ter continuado morando na casa em que fora abrigado.

Sem ter para onde ir, o biografado pede para morar com a tia Amanda, mãe adotiva de Beatriz, irmã caçula do menino e que tem condições financeiras precárias. Nesta época, o tio, usuário de drogas, havia abandonado a família. Ele e o primo, ambos da mesma idade, "viraram os homens da casa". Meses depois, Amanda e o tio reatam. No acerto do retorno ao lar, uma das condições era que o tio deixasse de usar drogas, pelo menos dentro de casa. Aos poucos, as discussões entre Joaquim e o tio começam até que um dia partem para a agressão física. Houve um choque de hierarquia com o retorno do tio ao lar.

O confronto mexeu com Joaquim, pois ele gostava muito do tio. Ali, romperam relações:

ah mas situação de família é rui- é complicada é que é tudo tudo agora eles partem pra agressão pode vê em qualque em qualque ocasião em qualque lugar tudo parte pra agressão pra homi pra pra homi como se fosse honra entendeu parte pra uma agressão entendeu bate numa pessoa é honra como se fosse que nem um brigadiano aí o brigadiano mata mata um vagabundo prendo o vagabundo é honra ganha uma medalhinha quando chega no batalhão e homi homi tipo que: ninguém que aceita se tu baixa a cabeça pra uma pessoa tod- mundo pisa em cima de ti entendeu tipo ele não é nada pra vim me dá um soco na minha cara entendeu não é meu pai nem minha mãe não fez isso e ele não ia se a pessoa que ia faze isso comigo e quando ele me deu um soco tanto que eu disse que eu fiz boxe né ele foi me dá um soco e eu tirei com uma mão e devolvi com a outra aí abri os beijo (Transcrição: p. 62).

O primo ficou consternado com a situação e saiu de casa junto com Joaquim. Ficaram sem paradeiro. À época, pede pouso por uns dias na casa da namorada. Como estava

trabalhando, consegue alugar uma casa sozinho. Ele e o primo moram juntos por um tempo, mas ele fica desempregado e deixa de ajudar nas despesas da casa. Joaquim expulsa o primo de lá.

Neste meio tempo, o consumo de drogas do tio aumenta, ele começa a vender os pertences dele e da família, ameaça a todos e a tia foge de casa e vai buscar refúgio na casa de Joaquim juntamente com a irmã.

eu falei pra minha tia se ele encostá um dedo em ti eu vo volta lá e vou quebra ele a pau e e não tem ninguém que vai bota o dedo que na verdade nós vamu volta pra lá daí daí eu disse se acontece alguma coisa só ela me fala se acontece se encostasse um dedo nela e ela acredito né e ella não falava nada e se ele batia nela eles não me contavam entendeu qualquer um podia sabe menos eu seu eu soubesse eu ia lá na verdade na verdade eu não não eu não gosto dessas situações mesmo apanhando ou não eu não entendeu a situação assim não não não me convém entendeu isso aí é uma covardia daí foi quando eu fico na minha cabeça (Transcrição: p. 62).

Este vaivém de Joaquim na casa de um e de outro expõe uma realidade que é comum nas vilas. Ele até se utiliza do termo: "eu já fui adotado", mas mais para uma compreensão do interlocutor e pelo hábito dos discursos que ouvia no abrigo do que pelo ato de estar sob a tutela legal de alguém. Assim como Claudia Fonseca (2009) discute, Joaquim foi acolhido por afeição, porque precisava ser cuidado, precisava ser criado. Mas para o biografado, o que parece se distinguir do que ficou evidenciado nas crianças observadas por Fonseca, é o fato de que de mãe ele só chama a progenitora e a mãe social do abrigo onde morou. Apesar de ter sido acolhido com tão pouca idade, não se refere às tias, nem às outras pessoas pelas quais foi abrigado como mãe. Ao mesmo tempo que Joaquim parece ser sincero ao dizer que não sente falta da mãe, fala com mais carinho da mãe social, aquela que lhe acolheu no abrigo, do que da própria progenitora, dando vida a um ditado bastante popular: mãe é quem cria (FONSECA, 2009, p. 278).

### **5.1.7 Honra e masculinidade**

Em 2012, termina o único namoro que teve com uma menina da mesma idade. Ele foi apresentado para a família dela e depois começou a frequentar mais assiduamente a casa dele. Melissa queria morar junto e ele não gostou. Ela desejava ser “bancada” por ele, mas estava difícil até conseguir manter-se sozinho, que dirá sustentá-la. Joaquim não estava disposto a tamanho compromisso. Queria ter liberdade para fazer as coisas de homem, disse, sair aos finais de semana e não ficar preso em casa. Em uma oportunidade, foi a uma festa sem o consentimento dela, voltou bêbado às 2h junto com o irmão e duas meninas no carro. A

namorada fez um escândalo. Saiu da casa dele. Fez drama nas redes sociais. Depois de um tempo pediu para reatar. Ele não quis. Temeu que fosse o "golpe da barriga", expressão utilizada pelo próprio biografado. Dias depois a menina disse que estava grávida. Ele disse que era invenção. "Não gosto de mulher fiasquenta e ciumenta", finalizou. Depois disso, Joaquim preferiu ficar um tempo sem namorar. Acha que uma companheira agora vai atrasar a vida dele. Morar com mulher é muito estressante, mas também é bom. Para ele o relacionamento tem que ter novidades.

Quanto ao comportamento de Joaquim sob o prisma de uma questão de gênero, observa-se que pouco traz da descrição da literatura feminista sobre o comportamento típico masculino. Ele carrega consigo traços de um machismo arraigado, mas não desenvolve um sentimento de posse sobre a companheira em questão. Pelo contrário, repudia o comportamento ciumento da menina, o fato de querer fazer dele o provedor do lar e um desejo da ex-namorada de ter um filho com ele.

Machado (2001) encontra em suas pesquisas a referência de que a construção social do obsessivo masculino é socialmente legitimado nas relações amorosas, onde a necessidade de possuir alguém seria a prova extrema do amor completo. A autora explica que esta legitimidade foi construída ao longo da história onde os valores do masculino e do feminino dentro de uma relação conjugal (2001, p.12). Neste cenário, "a posição de provedor parece ser a contrapartida da fidelidade sexual feminina (MACHADO, 2001, p. 14). Isto significa parte importante da "honra masculina", lembrando ainda que a recíproca não integra este código de honra. Acrescido a isto, a paternidade que parece reforçar a função de provedor e complementar a almejada honra. Nenhum destes sentimentos parece refletir na biografia atual de Joaquim. Ele conta que quase todos os amigos próximos que conviveram no abrigo com ele já estão casados e com filhos. Ele deseja manter-se afastado desses ideais que Machado aponta como tipicamente masculinos.

Como dito anteriormente, há respingos deste "ideal masculino" em Joaquim. Isto é visto quando ele conta um episódio envolvendo a irmã. Ela, aos 14 anos, estava namorando um rapaz de 20, usuário de maconha. Conta que foi chamado pela tia, mãe de criação de Beatriz, para "dar um corretivo nela". Relata que foi até lá, conversou com a menina, mas que nada, além de dialogar, poderia fazer. Sabe que ser o irmão homem mais velho tem o seu peso, mas não encontra sentido e meios para exercer este poder simbólico. As hipóteses para este recuo na aplicação do poder não ficam bem claras durante a análise. Sobre este assunto, Machado discorre:

As categorias de masculinidade transitam, paradoxalmente, entre o homem "bicho danado", não domesticável, irresponsável, perigoso para as mulheres, porque não confiável, e, de outro, o "homem honrado", que, em nome da responsabilidade face à parentela em que se insere, tem o poder, e o dever de controlar suas mulheres (que inclui o uso de violência física, não só sobre afins quanto sobre consanguíneas) e de defender (incluindo o uso da força física) a "honra de suas mulheres", por definição deste conjunto de valores, conspurca a "honra masculina". (MACHADO, 2001, p. 16).

Mas há uma questão bastante peculiar em Joaquim, que é o seu comportamento homofóbico. Ele se mostrou bastante evidente no segundo encontro para a entrevista. Ao analisar o movimento pela janela do McDonald's da Praça da Alfândega, no centro de Porto Alegre, teceu diversos comentários preconceituosos, como na passagem abaixo:

J: seu froxo um viadinho assumido, mundo tá virado mesmo alha aí olha aqui não isso aí não é né, tu tem tu tem na tua família tu tem  
E: homossexual? Não  
J: não tem?  
E: que eu saiba não mas sempre pode ter né (((rindo)))  
J: que viagem né meu tem que dá com um pedaço de pau no meio da cabeça e manda bota uma cueca de novo paro duas guria tri bonita do lado dele e ele viro a cara pro lado de lá e fez cara de nojo ainda (7) é tu viu isso, Pelo amor de deus né meu como pode (**Transcrição: p. 59**).

O pensamento de Joaquim se mostra condizente com o que constatou Welzer-Lang em seus estudos: "os homens que querem viver sexualidades não-heterocentradas são estigmatizados como não sendo homens normais, acusados de serem 'passivos', e ameaçados de serem associados a mulheres e tratados como elas" (2001, p. 468). Isto se explica, segundo o autor, por um duplo paradigma, onde de um lado está a superioridade masculina sobre as mulheres e de outro a normatização da sexualidade masculina segundo uma visão homofóbica que indica o que é ser um homem normal (WELZER-LANG, 2001, p. 468).

Se por um lado, Joaquim tem traços hiper carregados de homofobia, ao ponto de tocar neste assunto diversas vezes, mesmo fora do contexto, em suas divagações, por outro ele não carrega em si tão fortemente a visão da mulher como um ser inferior, como já foi apresentado em outros tópicos deste trabalho. Reside aí mais uma peculiaridade desta biografia.

A sensação que ele tem de passagem de tempo é bastante ampla. Mesmo sendo impossível cronologicamente, não condizente com o relato, sempre que vai contar do tempo que ficou abrigado na casa de alguém diz que ficou dois, três anos. Isto pode ser explicado pela intensa mudança na vida dele, que morou em muitos lugares diferentes.

Joaquim prefere passar longe da pena. Apesar de todas as circunstâncias traumáticas e delicadas pelas quais passou na vida, repete a frase: "a minha história não é triste, é só uma história complicada. Não guardo mágoas, só tenho recordações".

Biografia dele demonstra que tem dificuldade em terminar as coisas que começou. Apresenta uma vida cheia de despedidas e abandonos, desde quando nasceu e não conheceu o pai, nem o pai do irmão, depois quando a tia não ficou com ele, teve de trocar de abrigo, tentou morar com os tios mas também não foi aceito e depois quando foi adotado e não pode ficar na casa da mãe adotiva.

O fato é que este foi o primeiro passo, aos cinco anos, para que Joaquim ingressasse no que Fonseca (2002) chama de "circulação de crianças". A diferença é que, em vez de pular de casa em casa pela vizinhança e entre parentes, Joaquim migra de abrigo, retorna para a casa da tia, tenta morar com uma segunda tia, recebe abrigo de uma conhecida, depois da filha desta conhecida, até chegar na vida que tem hoje. O biografado também acumula mães, apesar de não se referir a elas por este nome.

### **5.1.8 Rompimento identitário**

No tempo em que viveu no abrigo, a hipótese principal é de que tenha se adaptado ao local e criado afeto pelos cuidadores, demonstrando ser uma criança dócil. Não fica claro se ele gostava daquele ambiente ou se sofria para retornar aos cuidados dos parentes.

De todo modo, Joaquim faz questão de demonstrar ser diferente dos demais, dizendo, por exemplo, que a tia colocou-nos no abrigo, mas visitava com frequência. Com exceção da tia, por quem nutre afeto e gratidão, procura manter distância dos parentes e demarca bem o sentimento de não fazer e nem querer fazer parte do universo familiar, nem social no qual a família de origem está inserida.

A todo o momento, quer parecer ter conseguido fazer uma transição de patamar social, inclusive em termos de valores, e não encontra mais nada em comum entre ele e os parentes. Faz questão de se apresentar como diferente dos demais familiares, sendo que ele “pensa para a frente” e os demais ficam na “mesmice”. Faz um resumo do que pensa sobre a família, citando como exemplo a irmã Beatriz que foi criada no ambiente do qual Joaquim foi afastado:

E aí minha irmã vive com ela até hoje, que nem eu te disse né, uma pessoa que não evolui uma pessoa que não pensa em evoluir, não vai levar ninguém na frente, vai ficar parado junto, todo mundo que fica vai ficar junto não é, minha irmã é outra que: vai estacionar e vai ficar nessa vidinha aí também entendeu, pessoa que convive num convive num num num pequeno ambientezinho ali vai ficar naquele pequeno ambientezinho ali mas não vai sair dali, ali que ela tá, e a minha família toda é assim

entendeu cada um vive a sua vida naquele pequeno ambientezinho ali, ninguém evolui (Transcrição: p. 35-36).

Para construir esta nova identidade, são necessários muitos esforços. Joaquim demonstra saber lidar com as fronteiras existentes na sua trajetória. Nesta busca de uma nova vida, sabe que o fator bairro é importante. Por isto, ao dizer onde mora, jamais conta o nome da vila, mas usa um shopping de classe média da cidade como ponto de referência.

A argumentação de Joaquim é abordada por Lúcio Kowarick (2009) como *efeito-bairro*: o contexto em que o local de moradia afeta outros aspectos da vida. A área da cidade onde o sujeito reside está envolta em elementos que dizem respeito a algo muito além de um endereço ou uma noção de distância de outros pontos da cidade, carrega consigo estereótipos e pré-julgamentos enxergando a pessoa não como única, mas como um ser que faz parte de uma engrenagem em que, no imaginário do outro, só existe bandido e gente com má índole. Isto fica evidenciado na hora de conseguir empregos, arrumar namorada, fazer amigos e etc. (KOWARICK, 2009).

Mas a ideia conservadora apresentada acima também está incutida no próprio morador, principalmente o jovem, que terá de cercar-se de mais valores morais para conseguir recusar trabalho fácil e melhor remunerado no crime. É a sedução para a tal "funçãozinha", trazida por Joaquim, que expõe o jovem sempre ao limite, podendo gerar no povo a pré-concepção de que, se ele ainda não entrou para o crime, é uma questão de tempo para que ocorra. Assim, busca este afastamento das origens.

As hierarquias do mundo social são demarcadas pelo espaço físico da cidade, já que as periferias são compostas pelo bairro dos pobres e eles "criam uma identidade de que só faz sentido por contraste, compartilhando esse espaço geográfico e social com seu local de moradia, em oposição ao centro" (SARTI, 2007, p. 130). Embora espalhados pela cidade, é na periferia que se observa com clareza a sua maneira de viver.

Desde cedo, Joaquim foi desenvolvendo a noção da importância de certos modelos e estereótipos. Assim que arrumou trabalho e teve condições de alugar uma peça para morar sozinho, escolheu um local que ficasse próximo a um shopping center de uma zona nobre de Porto Alegre. A moradia está localizada em uma vila cujo nome jamais é mencionado por ele. Diz apenas que mora perto do shopping.

A pobreza, as más companhias e a falta de ambição que permeavam o ambiente familiar que começou a conviver foram um impulso para que desistisse de estudar e iniciar um flerte com a criminalidade. Mas se deu conta em tempo de escapar e organizar a sua vida

fora dali. Sair daquele núcleo era, para ele, a questão mais urgente da sua vida. E morar perto do shopping center seria a válvula de escape perfeita para a mudança de realidade social.

Esta forma de estar à margem é sentida por Joaquim em diversas situações do dia a dia:

teve uma vez que o cara me tranco duas vezes na porta do ônibus, na entrada e na saída, mas ele feiz de Propósito tchê ((rindo)) / tosse do entrevistador / eu não entendi porque ele fez isso né, eu fiquei pensando depois quando eu desci do ônibus, bah ele deve tá mal amado com a vida ou ele não deve tê o serviço que qué, ah uma vez eu me mordi no banco também o cara feiz, uma mochila, bah eu abri a mochila o cara faz eu tira todas as minhas coisa, eu tirei cinto eu tive que ti- Pô eu tive que tira desodorante, passei vergonha, pra entrá num banco, num num banco no banco do Brasil mas na caixa ou em qualque outro lugar onde eu vô e eu entro e nunca dá nada, bah passei vergonha eu peguei e fico olhando assim meu “bah olha só esse cara”, eu no vermelho assim olhando assim, pah e:, bah e ti- bah dois NEGÃO AINDA QUE MERDA tchê ((rindo)) (Transcrição: p. 16).

No trecho acima, Joaquim deixa transparecer nas entrelinhas o preconceito vivenciado, reproduzido e naturalizado na sociedade. Luiz Antonio Machado da Silva (2008) destaca que, para o senso comum, o jovem se for negro e morador de favela é bandido ou um criminoso em potencial, traçando-se a partir daí uma guerra velada entre favela e cidade. Quem vive em vilas ou favelas precisaria provar o tempo todo que não são do crime e nem possuem nenhuma ligação, pelo menos moral, com os bandidos. É a chamada purificação simbólica, que para os jovens é ainda mais intensa, uma vez que as pessoas associam no imaginário coletivo que o sujeito está na fase das escolhas profissionais e, por isto, vai optar pelo crime (SILVA, 2008).

A função da polícia passa a ser vista pelas camadas mais abastadas como um muro de contenção ao intercâmbio de indivíduos e maneiras de viver, em vez de ser um meio orgânico de sua regulação. Com os encontros cada vez mais escassos e envoltos por uma hostilidade cada vez mais profunda do que a mencionada por Simmel (1987) como característica das interações nas metrópoles do seu tempo, cresce a desconfiança recíproca e se aprofundam as distâncias sociais (SILVA, 2008, p.14).

Pode-se pensar que esta hostilidade, do bem contra o mal, é exemplificada também no encontro de Joaquim e o porteiro do banco, que fez com que o jovem se sentisse humilhado. Não é pouco provável pensar que eles venham de camadas muito próximas da população e tenham condições de moradia não tão díspares, mas está enrustido no pensamento do guarda o imaginário social e ele mesmo passa a discriminar retroalimentando o preconceito. Depurando ainda mais o discurso do desrespeito adotado pelo menino, nota-se que ele se refere à cor da pele do guarda para mostrar que o segurança seria inferior a ele. Mais adiante, durante a entrevista, Joaquim diz "eu não sou preconceituoso, minha mãe era pretinha, pretinha":

ah uma vez eu me mordi no banco também o cara feiz, uma mochila, bah eu abri a mochila o cara faz eu tira todas as minhas coisa, eu tirei cinto eu tive que ti- Pô eu tive que tira desodorante, passei vergonha, pra entra num banco, num num banco no

banco do Brasil mas na caixa ou em qualquer outro lugar onde eu vô e eu entro e nunca dá nada, bah passei vergonha eu peguei e fico olhando assim meu “bah olha só esse cara”, eu no vermelho assim olhando assim, pah e:, bah e ti- bah dois NEGÃO AINDA QUE MERDA tchê ((rindo)) bah eu olhei assim, bah mas que coisa tchê, bah ainda esses dois negão vai fazê assim comigo meu, ah mas ô meu mas eu não so nem Preconceituoso fiquei pensando minha mãe é negrinha minha mãe é preta preta preta sabe, bah não sou nem preconceituoso porque=o=cara=tá=fazendo=isso=daí=comigo meu (Transcrição: p. 16).

Joaquim utiliza a passagem da entrevista destacada acima para contar o quanto é afetado pelo fato de não ter apoio ao redor. Relata viver como se todo mundo estivesse na expectativa por um deslize dele. Tal angústia pode ser encaixada no argumento de Silva (2008), citando que "sua legitimidade como interlocutor nas arenas políticas tem sido muito prejudicada pelos estereótipos atuais sobre as classes perigosas, que, por uma indevida generalização, criminalizam toda a população favelada — é, portanto, a sua ação coletiva — como um perigo em potencial" (p. 45). Ou seja, não basta o sofrimento de uma trajetória de orfandade, ele ainda precisa conviver com a sociedade toda esperando sempre o pior dele.

O início da vida profissional de Joaquim não foi fácil. O primeiro estabelecimento em que trabalhou pagava a ele R\$ 400 para lavar carros da manhã à noite. Aceitou porque precisava ajudar a tia nas contas da casa, pois ainda morava com ela, aos 17 anos. Mas não aguentou. Ficou uma semana e desistiu. Sentiu-se explorado. Depois disto, trabalhou em um restaurante apenas nos três meses, no período de experiência. O salário era baixo e o serviço era excessivo. Desistiu novamente.

Nesta mesma época, passa a receber um valor, que ele estima tenha sido de R\$ 200, previsto pelo governo para auxiliar os egressos dos abrigos a se integrarem à sociedade. A função da verba seria um investimento pessoal, mas Joaquim entregava a quantia às pessoas que o abrigaram, como forma de arcar com as despesas dele.

Próximo de ter de deixar o abrigo em razão de completar 18 anos consegue emprego em um restaurante, das 8h às 16h, onde permanecia até a entrevista para esta dissertação, em 2013. Com a remuneração, que complementa aos finais de semana fazendo bico em outros restaurantes e festas, conseguia arcar sozinho com os custos de morar sozinho. Bastante organizado nas contas, preocupava-se em ter o suficiente para não ficar endividado. É pelo trabalho que consegue achar um caminho para, aos poucos, se livrar do estigma de quem "não tem pai nem mãe" e cresceu em abrigos. Saindo da adolescência para a vida adulta, será agora o provedor do seu próprio sustento.

Além de servir as mesas, sabe preparar os alimentos e também bebidas. As principais hipóteses são de que destaque-se como bom funcionário, sem medo do trabalho e com

facilidade para aprender novas funções. Faz questão de frisar o quanto recebe de salário. No início, o ordenado era de R\$ 1 mil, mas como ele "trabalhava bem", não demorou para receber aumentos que até o momento da entrevista somava uma quantia de R\$ 1.950,00. Fora isto, aos finais de semana, Joaquim era contratado para bicos como garçom em eventos e churrascaria.

O salto na vida que Joaquim conseguiu dar, conquistando o próprio dinheiro e morando sozinho é motivo de muito orgulho, pois consegue, na prática, se diferenciar dos demais, como sempre buscou, principalmente da sua família. Por outro lado, ao ganhar mais dinheiro, consolida o vício na maconha. Existe uma possibilidade também de o vício prejudicar o desempenho dele no trabalho.

Um pouco antes de começar a trabalhar, por volta dos 18 anos, Joaquim se envolveu em alguma situação julgada como errada por ele. Não entrou em detalhes sobre o que era, mas parece ser outro momento importante na biografia. Disse que estava desacreditado por quem o rodeava. É possível que tenha a ver com o uso de maconha ou outras drogas, o abandono dos estudos e as brigas constantes com as quais se envolvia. Disse que nessas situações ninguém ajuda, só coloca para baixo. Pensou em surpreender as pessoas, arrumou um emprego, se matriculou no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA). Também existe a hipótese, menos provável, mas possível, de que tenha se envolvido com o tráfico de drogas, já que havia mencionado em diversos outros pontos da entrevista duas questões ligadas aos entorpecentes: que quem sai do abrigo vai parar numa vila e na vila o que tem é uma funçãozinha, quem vive disso ganha mais e quem não tem pai nem mãe se atira nas drogas.

aí já era entendeu um guri bom agora se afundo=ou ou entendeu, vai est- Estraga com a sua vida entendeu, daí quando as pesso- quando eu vi que as pessoa falaram isso daí de mim eu: eu: pensei na minha cabeça bem assim né meu, "ué pouco tempo eu tava tri bem né", bah agora todo mundo olha só aconteceu uma coisinha errada todo mundo penso que eu que já era pra mim, "eu pensei não", eu cheguei pra minha mãe social né falei pra ela viu ó todo mundo pensa aqui ó que só porcausa que aconteceu uma coisa errada, a pessoa vai se afunda:, ninguém ninguém dá apoio, entendeu, só botam o cara pra Baixo, eu vejo isso daí, todo mundo faz isso daí eu fi- eu fiquei olhando aí ó todo mundo fala mal aí ó do cara aí ó tod- é que todo=mundo=sabe=quando=aconteceu=uma=coisa=errada=comigo todo mundo sabe fiquei sabendo todo mundo fico sabendo entendeu, todo mundo to-todo mundo me deixo pra BAXO ninguém penso pô agora ele pode MUDÁ ainda entendeu, e eu peguei e botei na minha cabeça "não vo surpreende todo mundo" e: e vÓ e vovov melhora e: quando eu peguei e comecei a surpreende todo mundo quando eu peguei esse serviço (3), comecei a trabalha afú, e comecei a: daí eu comecei a corre atrás de estudo (Transcrição: p. 18).

Em uma sociedade que está entre as mais desiguais do mundo, é claro que nascer em um ambiente menos favorecido economicamente e cercado de violência tende a afetar

negativamente o desenvolvimento de suas proles. Nos casos como o de Joaquim, onde além de todo o fatalismo de ter nascido pobre, ainda cresceu sem os pais e carrega o trauma de ter tido a mãe assassinada pelo padrasto, mais um desafio se impõe. E não é apenas transcender o luto no sentido psicológico, mas também todas as repercussões sociais que carrega o fato de ter crescido em um abrigo em que as únicas famílias que haviam para recebê-lo eram "desorganizadas" e miseráveis.

Em um mundo em que ser trabalhador representa mais do que ganhar dinheiro para se sustentar, está ligado também ao oposto de ser bandido, Joaquim demonstra claramente o alívio de estar sendo remunerado e não precisar mais voltar para a casa dos parentes. Está aí mais um ponto de rompimento com a vida antiga. Estes, visita apenas finais de semana, "quando dá". Quanto mais o tempo passa, menos ele tem vontade de que sobre uma brecha na agenda para fazer visitas. "Só me trazem problemas, não pensam para a frente", repete. Joaquim conta o que mudou na vida dele depois de ter conseguido o primeiro emprego de carteira assinada:

já facilito pro meu lado, depois aí eu vi-toquei pra frente sozinho, peguei trabalhando de- desde quando aconteceu tudo aquilo=lá=na=casa=da=minha=tia e eu peguei meu primeiro emprego de de carteira assinada "de novo:.", eu: nunca mais voltei entendeu, eu: eu sei TRABALHA qualquer=coisa=que=eu=faço=eu=tenho=força=de=vontade quero aprende mais entendeu, eu mostro que eu sei que eu não so Burro entendeu, quando vê eu (disse ele) faço as coisa demonstro (Transcrição: p. 14).

É nítido também o quanto Joaquim luta para não se sentir desanimado. Diz que é preciso ter um objetivo na vida para não desistir. Uma das hipóteses é de que tome a vontade de vencer na vida, o gosto pelo "luxo" e o desejo de se mostrar diferente dos familiares, de que é capaz de se guiar sozinho mesmo "sem pai nem mãe", sejam os mecanismos propulsores de toda a garra do biografado. Zaluar (1985) confirma que o trabalho dá ao pobre a redenção moral e, com isto, alcança a dignidade (p.121) . Além disto, segundo a mesma autora, "a identidade de trabalhador constrói-se em parte por oposição a bandidos e vagabundos que não trabalham" (ZALUAR, 1985, p. 132).

Assim que completou 18 anos se alistou no Exército. Sonha em ser militar do Exército e "não esses brigadianozinhos aí", como ressalta Joaquim. Não foi aceito pelo quartal, o que foi decepcionante:

Eu fiz tudo o que eles pediram, perfeito, não tinha como dizê que não: quem sabe eles queriam que eu fosse um vadio mesmo (Transcrição: p. 56).

Não está disposto a desistir do sonho. Vai procurar concursos. Pensa em tentar ESA (Escola de Sargento das Armas), tirar a carteira de habilitação para motocicleta, fazer curso de inglês e finalizar o Ensino Médio. Estes são os sonhos de Joaquim.

Para ele, a pessoa tem de estar em constante mudança. Está há dois anos como garçom no mesmo restaurante e já acha tempo demais. Não quer ficar velho carregando bandeja, pensa em mudar de profissão. Apesar disto, é muito grato ao trabalho. Depois que foi contratado pelo restaurante só coisas boas aconteceram na vida dele.

Desde os cinco anos, quando a mãe morreu, vive de mudança. A última que acompanhei na vida de Joaquim foi o convite do padrinho afetivo para morar na casa da família, o que deixava Joaquim confiante para a concretização dos planos. O convite devolveu a Joaquim as esperanças de alcançar os objetivos que têm sido o centro de sua jornada: aconchego familiar e incentivo para ter boas atitudes. Fonseca (2009) argumenta que o programa de apadrinhamento afetivo, o qual promoveu o contato entre Joaquim e seus dindos, é mais uma alternativa para a integração do jovem na sociedade. O casal que o "acolheu" incentiva que o afilhado inscreva-se em cursos profissionalizantes e também de idiomas. Joaquim comemora um jeito mais fácil de levar a vida na casa dos padrinhos, pois pretendia aproveitar para juntar dinheiro e também tinha internet com mais facilidade na nova casa.

Ao contar como está sendo a vida na casa dos padrinhos, deixa transparecer um lado carente e sentimental que vinha escondendo até então. O casal liga diariamente para saber onde ele está, caso demore para voltar para casa, deu a oportunidade dele só trabalhar para juntar dinheiro, sem se preocupar com as despesas da casa e incentiva que tenha uma carreira e estude para isto.

Sarti (2007) contribui afirmando que a identidade masculina "associa-se diretamente ao valor do trabalho, não apenas para os pobres. O trabalho é muito mais do que um instrumento de sobrevivência material" (SARTI, 2007, p. 88). É pelo trabalho que conquista a sua autonomia moral e é pela labuta que consegue se igualar "a eles", refere-se Sarti (2007).

Mas estar na fronteira, tentando ultrapassá-la, "renegando" o passado, tentando fazer diferente daqueles com quem possui laços sanguíneos, tem sempre o custo da culpa do medo de achar que tem uma marca, um estigma. Este distanciamento de um "mundo" e esforço de aproximação de um "mundo" novo pode fazer de Joaquim um forasteiro. Conforme a definição de Schutz (2003), o forasteiro é alguém que busca ser definitivamente aceito, ou mesmo tolerado, pelo grupo ao qual se aproxima. O autor sustenta que a pessoa nascida e educada em um determinado grupo "aceita o esquema já elaborado previamente de uma pauta

cultural recebida de seus antepassados, mestre e autoridades como um guia indiscutido e indiscutível em todas as situações que ocorrem normalmente dentro de seu mundo social" (SCHUTZ, 2003, p. 98). Trata-se, segundo o autor, de um conhecimento digno de confiança para interpretar o mundo social e lidar com as coisas deste mundo social, buscando obter melhores resultados em cada situação sem muito esforço e evitando consequências indesejáveis.

Com isto, o que Schutz (2003) esclarece é que alguém como Joaquim, que rompe com seus laços de origem e vai em busca de outro "mundo" para seguir sua trajetória terá como ônus, no mínimo, este esforço de tentar se adequar a todo o momento aos hábitos e regras deste novo "universo". Joaquim está agora em um processo de busca. Ainda não se estabeleceu de fato neste novo mundo ao qual manifesta em sua narrativa querer pertencer: à classe média. Joaquim deixa claro que os parentes são bastante pobres, vivem em uma vila e não pensam para a frente. Ter uma vida normal, para ele, significa conquistar um padrão que ele julga ser de classe média, que já encontrou no abrigo onde viveu e que agora desfruta na casa do padrinho social, onde morava até a última entrevista.

A divisão entre classes sociais típica da nossa sociedade capitalista, envolve poder, prestígio e riqueza e "é entrecortada por outras tantas fronteiras que relativizam essa divisão e pesam decisivamente na definição dos indivíduos como sujeitos sociais" (SARTI, 2007, p. 113). Por definição, identidades sociais são, segundo Sarti (2007) identidades em movimento, definidas e redefinidas por contraste.

Apesar do biografado ter crescido no abrigo, ao lado do irmão, pouco fala a respeito dele. Nos episódios em que narra, está sempre sozinho. Também não faz qualquer menção espontânea à irmã. Fala dela apenas quando conta que a mãe morreu ao dar a luz à menina.

Quanto ao irmão existe uma questão bastante peculiar. Joaquim evita se aprofundar na história, pois Ricardo cumpria medida socioeducativa na Fase. Esta é uma informação do abrigo que indicou Joaquim para fazer parte deste trabalho. No entanto, este fato não aparece nem espontaneamente nem quando Joaquim é questionado diretamente sobre o assunto. Esconder é uma opção, possivelmente por trazer uma mancha ainda maior para a sua biografia. Joaquim insiste que o adolescente ainda vive no abrigo.

Quando Joaquim descreve Ricardo, diz que é alguém frio, guarda mágoa e que acha que não tem ninguém para contar no mundo. Reforça que eles vivem bem separados um do outro. Uma das hipóteses para este discurso é a de que Joaquim busque romper totalmente com a família de origem. No entanto, com Ricardo ainda parece ser o elo mais forte de

Joaquim com a família. Em outros trechos, Joaquim comenta que pertence a uma irmandade, da qual Ricardo faz parte. O objetivo é que todos se ajudem e possam se apoiar mutuamente quando um estiver pior que o outro. É possível que não queira entrar em detalhes sobre a vida do irmão apenas para evitar falar sobre as atitudes infracionais e demarcar para a entrevistadora que não compactua com Ricardo.

Sobre a irmandade, grupo de amigos no qual se apoia, Joaquim mostra o quanto é importante criar vínculos, bem como mostrou Neto (2001). O autor diz que "a amizade ajuda a estabelecer limites, prende as pessoas ao grupo, faz com que criem uma identidade, um ponto de referência, vínculos" (NETO, 2001, p. 164). Todas estas questões muito importantes de serem adquiridas por alguém que carrega consigo o sentimento de abandono.

Fonseca (2009) avalia que a vida em Casa Lar, modalidade similar a que viveu Joaquim, pode ser "o que mais convém a certos jovens que, assim, conseguem se criar junto com seus irmãos e eventualmente manter contato com outros de seus parentes consanguíneos" (FONSECA, 2009, p. 291). Foi exatamente o que fez Joaquim. Ele guarda um tom vitorioso por ter tido destino diferente dos parentes.

A literatura mostra um rompimento identitário de quem vive em abrigo. A recusa de falar e o distanciamento com a família de origem também podem ser explicado por este viés.

Neto (2001) sinaliza que o abrigo é um espaço onde o interno pode fazer a travessia entre o mal estar para o bem estar social, tendo em vista que o sujeito tem mecanismos para incluir o que é prazeroso e desprezar o que é ameaçador, isolando-se do que não é agradável (NETO, 2001, p. 125). O argumento nos dá uma pista para a hipótese de que, ao ser retirado da realidade da família e convivido com outras possibilidades, Joaquim julga como danoso o modo como os parentes vivem e toma uma decisão. Para conseguir evoluir e seguir em frente com os seus projetos, precisa se distanciar cada vez mais dos seus laços de origem. Aos 16 anos, quando saiu do abrigo em uma tentativa de reaproximação familiar, arrependeu-se de ter entrado no ritmo dos primos e vizinhos, largado os estudos e se dedicado apenas a festas e diversão. Por ter provado disto na adolescência, sabe o quanto pode ser contaminado pelo modo de vida dos familiares.

Ressalta o tempo inteiro o quanto teve luxo e o quanto isto o manteve afastado socialmente da vida que levam os tios e primos. "Uma pessoa bem de vida teria o que tem lá dentro", disse.

Mas não foi só a vontade de ter uma vida diferente daquela miserável levada pelos parentes que deram força para a quebra identitária de Joaquim. Além de não saber quem é o

pai, ter raiva do padrasto e ter tido a mãe assassinada pelo companheiro, Joaquim ainda cresceu separado da irmã mais nova. Todas estas questões, somadas ao fracasso nas tentativas de reaproximação com os tios, geraram no adolescente um desapego aos aspectos de convivência familiar.

Ter tido acesso ao que ele caracteriza como luxo e a bens materiais que a família de origem não teve é outro demarcador da fronteira que Joaquim atravessou. No sistema de relevância de Joaquim fica claro que os bens materiais vêm antes de afeto e carinho. Uma das hipóteses também é de que use isto como um trunfo contra os parentes que viraram as costas para ele.

Conforme comentado anteriormente, a ausência de uma figura paterna também versa na vida de Joaquim. É curioso observar, no entanto, a dualidade que a busca por saber quem é o pai e a aversão por descobrir a identidade do progenitor exerce na vida do entrevistado. Ele até conserva um desejo de conhecer o pai biológico, mas ao dizer que isto poderia trazer mais problemas a ele do que soluções demonstra o quanto estas quebras identitárias com o passado estão bem estabelecidas.

Assim, foi se aproximando cada vez mais dos padrinhos que conheceu em uma festa da instituição no programa de apadrinhamento afetivo, quando tinha cerca de oito anos. É deles que recebe e retribui carinho, são pessoas que fazem parte deste novo universo construído por Joaquim.

Mergulhar na história de Joaquim é um desconstruir de conceitos. Quando se espera que ele tenha um sentimento de vingança com relação ao padrasto, pondera que não valeria a pena "mexer" com alguém que está pior do que ele. Quando se espera que ele sinta rancor pela tia que o colocou no abrigo, expressa gratidão e, pela morte da mãe, quando se espera que seja o tema central de sua trajetória, coloca os abrigos como fio condutor.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de percorrer todos os passos da análise e finalizar a reconstrução da biografia de Joaquim, foi possível conhecer uma das tantas formas existentes de se lidar com a orfandade em um contexto de violência doméstica. Na biografia analisada, para surpresa da pesquisadora, as circunstâncias da morte da mãe, Maria, e o cenário violento em que o entrevistado estava inserido antes do óbito dela não se apresentam como tema central da narrativa dele. Em vez disto, Joaquim demonstra pouco envolvimento emocional com a morte de Maria e também com o fato de não ter crescido com ela por perto.

É o estigma de ter vivido em abrigos, de ser visto pela sociedade como alguém que "não tem pai nem mãe", que norteia a vida vivenciada do biografado. O interesse de apresentação de Joaquim durante as entrevistas com a pesquisadora esteve sempre voltado para a condição de alguém ciente de uma ideia pré-concebida por parte daqueles que o cercam: de um menino que cresceu no abrigo, que mora em uma vila, que é pobre e não foi criado pelos pais. Os motivos que levaram a este cenário parecem ser secundários na biografia dele. Joaquim recusa, no sentido manifesto da sua narrativa, que a morte tenha ocorrido por alguma investida violenta por parte do padrasto — o que aparece apenas em seu conteúdo latente —, e se concentra nas estratégias de se livrar do estigma da orfandade. É com relação a este último tema que Joaquim busca recursos para sobreviver e ser aceito na sociedade.

A mescla entre as repercussões pessoais e sociais foi justamente o foco do nosso trabalho. Dentro do propósito da abordagem metodológica de narrativas biográficas desenvolvida por Gabriele Rosenthal, portanto, cumprimos com nossa ambição: investigar o desconhecido, apreender o sentido subjetivamente visado, reconstruir o sentido latente, reconstruir a complexidade de estruturas de ação a partir do caso particular, descrever o meio social e o agir, desenvolver teorias e hipóteses empiricamente fundadas e verificá-las a partir de um caso particular.

Destaca-se que um dos primeiros recursos encontrados pelo biografado nesta ação foi um rompimento identitário com a família de origem "que não pensa para a frente", como ele mesmo diz. Por meio do trabalho de carteira assinada e impulsionado pela ânsia de abandonar a vida pobre e sem perspectivas é que tem executado este afastamento da família de origem. O biografado persegue uma vida "normal" que, para ele, tem uma conotação de classe média. Esta questão também está interligada ao discurso pretérito de Joaquim, quando relaciona falta de dinheiro às coisas ruins que aconteceram a ele. Ao mesmo tempo, eleva o "luxo" dos abrigos onde ele cresceu ao patamar de salvação. Parece ser no dinheiro e no status que as

melhores condições financeiras carregam consigo que Joaquim busca uma nova vida, neste rompimento identitário, ultrapassando a fronteira invisível colocada pelo estigma de "não ter pai nem mãe".

A irmã Beatriz, cinco anos mais nova, parece ser o familiar com quem menos tem contato. Em sua narrativa, Joaquim deixa transparecer de forma latente um distanciamento e até mesmo um certo rancor. A caçula, recém-nascida, teria sido entregue para uma tia, logo após a morte da mãe. Foi criada longe de Ricardo, o irmão dois anos mais novo, e Joaquim.

A fantasia também integra o repertório do biografado para suavizar a sua realidade. Um dos fatores que podem ter estimulado este recurso pode estar ligado a uma possível negação veemente de que a mãe foi assassinada. Pode também ter se iniciado antes disto, quando Joaquim presenciava as cenas de violência dentro de casa, como descreveu, dizendo que só chorava porque era muito pequeno e quanto às surras que a mãe recebia não poderia fazer nada.

Esta fantasia pode ser um recurso para não ter de encarar o passado, prestar contas com o padrasto ou com a família por ter-lhe sonogado a verdade. Mas não é só isto. Ele também tem a necessidade de demonstrar o quanto a sua vida é interessante, possivelmente, uma das artimanhas desenvolvidas para afugentar o estigma de quem "não tem pai nem mãe" e cresceu em um abrigo. É preciso pontuar aqui que esta fantasia é tão importante quanto a verdade em si, pois é a forma como o sujeito se relaciona com a vida, com o seu presente e o seu passado que ditará as suas motivações no agir, conforme mostrado nos capítulos anteriores embasado por autores como Weber, Schutz e Berger e Luckmann.

Ou seja, mais importa a forma como Joaquim introjetou tudo o que aconteceu, neste contexto de violência doméstica, do que os detalhes factuais da morte e outros aspectos marcantes de sua vida. É neste ponto que a diferenciação aplicada por Rosenthal entre fato e vivência aparece. Como cientistas sociais não estamos interessados na reconstituição da cena do crime ou dos dias que sucederam e antecederam a morte de Maria. Estamos, sim, em busca da reconstrução do sentido subjetivamente visado pelo biografado, a maneira como os fatos foram experienciados por ele e depois ganharam um novo significado para compor o discurso da presente narrativa. Dentro do conceito de Alfred Schutz, um passado movediço e em constante transformação.

No caso de Joaquim, a morte da mãe é tomada por uma série de incertezas. Mais pesquisas precisam ser realizadas neste sentido, mas uma hipótese bastante plausível é a de que a mesma incerteza vivida por Joaquim possa se repetir em outros casos. A hipótese ganha

força devido a diversos fatores. Um deles é a pouca idade de Joaquim. Ele tinha apenas cinco anos quando a mãe morreu, grávida, em contexto de violência doméstica. Provavelmente, a causa da morte de Maria não foi contada em riqueza de detalhes para os filhos. E como a morte em si representa um tabu para a sociedade ocidental, como visto nos capítulos anteriores, a família pode ter se fechado em torno deste assunto, encerrando qualquer questionamento.

Ainda que o menino tenha presenciado as agressões de Altair, o padrasto, contra Maria, e deduzido que esta tenha sido a causa da morte da mãe, o fato de não ter o assunto estimulado e debatido na família, deixa margem para a subjetividade de Joaquim criar para si um desfecho mais apazível. Mesmo que, em diversos momentos, mencione a incerteza de que a mãe morreu no parto, que esta foi a versão que a família contou a ele e que quanto a isto não pode afirmar se foi verdade ou não. A desconfiança dos vizinhos de que Maria tenha sido assassinada por Altair também vem à tona na narrativa, mas é a versão da morte no hospital, ao dar à luz, que Joaquim sustenta com maior desenvoltura. Dito isto, é possível afirmar que uma das formas de viver a orfandade por violência doméstica seja negar ou minimizar que ela tenha existido nestas condições.

Não é objeto desta pesquisa as formas institucionais de intervenções nestes casos de orfandade por violência doméstica, mas uma questão poderia ser problematizada em trabalhos posteriores: se a morte é um assunto evitado até pela família, não seria este um dos fatores que deixam estas crianças sem assistência depois do assassinato da mãe? O certo é que este é um vasto campo, ainda pouco explorado, e que propõe grandes desafios. É preciso que a Sociologia e outras ciências se encarreguem de investigar, não só a orfandade em um contexto de violência doméstica, mas também os efeitos para a criança e o adolescente em presenciar estas agressões, que podem culminar em homicídio ou serem perpetradas ao longo da vida da vida familiar, tendo os filhos como testemunhas constantes.

Ainda que também não seja o nosso foco dissertar sobre o método de narrativa biográfica é importante frisar a relevância que a abordagem trouxe para este estudo, uma vez que estamos lidando com um instrumento de pesquisa consolidado na Alemanha, mas, de certa forma, inovador nas Ciências Sociais no Brasil.

Mesmo que o método pressuponha uma isenção do pesquisador diante do entrevistado, fica clara a influência que as características pessoais do autor se misturam com o entrevistado. Esta influência foi decantada em um dos passos da análise, mas, apesar de minimizar os impactos, na medida em que a torna manifesta, não é garantia de total isenção. Assim, a

biografia de Joaquim foi analisada do ponto de vista de uma pesquisadora de classe média e pós-graduanda e só isto já seria o bastante para que exercesse interferências na forma de Joaquim contar a sua história.

A entrevista biográfica e a análise criteriosa do material foram de suma importância, principalmente por estarmos tratando de um assunto sobre o qual é escassa a possibilidade de literatura. Esta oportunidade em gerar teoria a partir do caso empírico estudado tem como base a *Grounded Theory*. Assim, mais do que colocar o objeto a favor ou contra teorias já existentes, a intenção desta pesquisa está na geração de teorias. A principal delas, como já mencionado no início deste capítulo é a forma fantasiosa como Joaquim lida com diversas passagens de sua vida e também as estratégias que utiliza para se livrar do estigma da orfandade, sem necessariamente, estar manifestadamente ligada à violência doméstica.

Por não haver disponível uma variedade de literatura sociológica no Brasil que aborde especificamente a orfandade, foram basicamente os achados dos pesquisadores que estudam abrigos que nos serviram neste trabalho, assim como estudos envolvendo família e violência doméstica. Apesar de ser um tema tão antigo, pouco se sabe sobre ele, já que os estudos feministas se ocuparam de investigar a mulher que apanha, o homem que bate, mas raros foram adiante quanto ao efeito colateral desta guerra nos lares: os órfãos da violência doméstica.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Henrique; CARVALHO, Inaiá Maria Moreira. **Família e proteção social.** São Paulo em perspectiva, 17(2): 109-122, 2003.
- ARENDT, Hannah. **Da violência.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985. Data Publicação Original: 1969/1970 Data da Digitalização: 2004.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- BARCINSKI, Mariana, et al. **O Marianismo e a vitimização de mulheres encarceradas: formas alternativas de exercício do poder feminino.** Ex Aequo (Oeiras), v. 01, 2013, p. 87-100.
- BARROS, Ana Cláudia Mamede Wiering de; BASTOS, Olga Maria; PONE, Marcos Vinicius da Silva and DESLANDES, Suely Ferreira. **A violência intrafamiliar e o adolescente que vive com HIV/AIDS por transmissão vertical: análise dos fatores de proteção e de vulnerabilidade.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 18, n. 5, Mai, 2013.
- BATISTA, Tomás A. da Costa. **Alfred Schütz e o mundo social interpretado.** Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- BENCZIK, Edyleine Belline Peroni. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. **Rev. Psicopedagogia**, p. 67-75, 2011.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomaz. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERTAUX, Daniel. **A vingança do curso de ação contra a ilusão científicista.** Civitas: Porto Alegre, v.14, n.2, p. 250-271, maio-ago, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. Tradução Maria Helena Kühner. **A dominação masculina.** 11.ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- \_\_\_\_\_, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra.** In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983, p. 151-162.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. **Participando do debate sobre mulher e violência.** In: Várias autoras, Perspectivas antropológicas da Mulher, nº4, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985, p. 25-62.
- CRUZ, Rúbia Abs. **Constitucionalidade da Lei Maria da Penha.** In: Relatório Lilás 2012-2013. Porto Alegre: Assembleia Legislativa, 2013.
- DREHER, Jochen. **The Wiley-Blackwell companion to major social theorists /** edited by George Ritzer and Jeffrey Stepnisky. Volume I. Alfred Schutz. (p. 489-507).
- ESPINOZA H., CAMACHO A.V.. Maternal death due to domestic violence: an unrecognized critical component of maternal mortality. **Rev Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health.** 2005;17(2): 123-29.

FANTON, Marcos. **Sujeito, sociedade e linguagem**: uma reflexão sobre as bases teóricas da pesquisa com narrativas biográficas. set.-dez. In: Civitas. v.11 n.2 2011: Porto Alegre, p. 529-543.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Margens da política, fronteiras da violência**: uma ação coletiva das periferias de São Paulo. Lua Nova, São Paulo, 79: 201-233, 2010.

FERRAR A, Andrea Paula. **Orfandade e estigma**: vivências de jovens órfãos em decorrência da Aids. 2009. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2009.

FISCHER-ROSENTHAL, Wolfram. **The Problem With Identity**: Biography as Solution to Some (Post)-Modernist Dilemmas, 1995. In: MILLER, Robert (Org). Biographical Research Methods. Sage Publications: London, 2005, v. II, p. 212-227.

FONSECA, Claudia. **Caminhos da adoção**. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Aventuras familiares**: do acolhimento à adoção. In: Políticas de proteção à infância: um olhar antropológico. Org. FONSECA, Claudia, e SCHUCH, Patrice. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

FRANCO, Maria Helena Pereira e TINOCO, Valéria Tinoco. O luto em instituições de abrigo de crianças. Campinhas: Estudos psicológicos. vol.28 no.4 Campinas, Out./Dez. 2011.

FREIRE, Milena C. B. **O som do silêncio**: isolamento e sociabilidade o trabalho de luto. Natal: Editora da UFRN, 2006.

GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e queixas**: mulheres e relações violentas. Novos Estudos CEBRAP, Nº 23, 1989, 163-175.

GROSSI, Patrícia Krieger. Nem com uma flor: reflexões sobre abordagens com grupos de homens agressores. In: Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da emoção**: o Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis: Vozes, 2003.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco**: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. São Paulo: Editora 34, 2009.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: Disposições e Variações Individuais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

- LEIS, Héctor Ricardo. **A sociedade dos vivos**. Porto Alegre: Sociologias, ano 5, nº9, jan/jun, 2003, p. 340-353.
- MACRAE, Edward. e SIMÕES, Júlio Assis. **Roda de fumo: o uso da maconha entre camadas médias urbanas**. Salvador: EDUFBA, 2000.
- MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea**. Brasília: Série Antropologia, nº 290, 2001.
- MENEGHEL, Stela Nazareth et al. **Narrativas de crimes de Gênero: Femicídios**. Interface (Botucatu) 17, Botucatu, v, n.. 46, setembro de 2013.
- MENEZES, Telma Cursino et al. **Violência Física Doméstica e Gestação: resultados de um Inquérito no Puerpério**. RBGO - v. 25, nº 5, 2003.
- MERTON, Robert. M. **A ambivalência Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MILANI, Rute Grossi. **Violência doméstica: recursos e adversidades de crianças e famílias pós ações do Conselho Tutelar**. Ribeirão Preto: USP, 2006.
- MORATILLA-OIVERA, M. I. & TARACENA-RUIZ, B. E. (2012). Vulnerabilidad social y orfandad: trayectoria vital de una adolescente. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 10 (2), p. 841-854.
- MOTTA, João Ricardo Santos. **Impacto da desvalorização do Real nos últimos 48 meses na economia popular**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2000.
- NATANSON, Maurice. Introducción, In: SCHUTZ, Alfred, **El problema de la realidad social**, Escritos I. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 2008.
- NETO, João Clemente de Souza. **Crianças e adolescentes abandonados: estratégias de sobrevivência**. São Paulo: Arte impressa, 2001.
- PEREIRA, José Carlos. **Procedimentos para lidar com o tabu da morte**. Ciência e saúde coletiva, 18 (9), 2013, p 2699-2709.
- PEREIRA, Lígia M. L. **Relatos orais em ciências sociais: limites e potencial**. Revista Anál.& Conj., Belo Horizonte, v. 6, n. 3, p. 109-127, 1991.
- PEREIRA, Stella Maris de Casto Pipinis e JUSTO, José Sterza. A criança abrigada: considerações acerca do sentido de filiação. Maringá: Psicologia em Estudo, p. 175-180, mai./ago. 2005.
- PINCUS, Lily. A família e a morte: como enfrentar o luto. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- ROSAS, Fabiane Klazura; CIONEK, Maria Inês Gonçalves Dias. **O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem**. Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 2, n. 1, p. 10-15, jan./jun. 2006.

ROSENTHAL, Gabriele. **Reconstruction of life stories**. In: JOSSELSO, Ruthellen; LIEBLICH, Amia (Orgs.) *The narrative studies of lives - vol I*. Sage Publications: London, 1993, p. 59-91.

\_\_\_\_\_. **Biographical research**. SEALE, C.; GOBO, G.; GUBRIUM, J. F.; SILVERMAN, D. (Eds.) *Qualitative research practice*. London: Sage, 2004.

\_\_\_\_\_. **The Narrated Life Story: On the Interrelation Between Experience, Memory and Narration**. In: MILNES, Kate; HORROCKS, Christine; KELLY, Nancy; ROBERTS, Brian; ROBINSON, David (orgs.). *Narrative, Memory Knowledge: Representations, Aesthetics, Contexts*. University of Huddersfield : Huddersfield, 2006, p. 1-16.

\_\_\_\_\_. **História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar**. In: *Dossiê Narrativas*. Porto Alegre: Civitas v. 14 n. 2 p. 227-249, maio-ago. 2014a.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa social interpretativa: uma introdução**. Porto Alegre, EdPUCRS, 2014b.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho**. São Paulo: Ed. Moderna. 1987.

\_\_\_\_\_. **Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade**. *Lutas Sociais*, nº 2, PUC/SP, 1997, p. 59-79

\_\_\_\_\_. **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. São Paulo em perspectiva, São Paulo: v. 13, n. 4, dez. 1999.

\_\_\_\_\_. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. *Cad. Pagu*, Campinas: n. 16, 2001 .

SANTOS, Celícia Macdowell e IZUMINO, Wânia Pasinato. **Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil**. E.I.A.L. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe*, da Universidade de Tel Aviv. Vol. 16, n.1, 2005.

SANTOS, Hermílio, OLIVEIRA, Patrícia e SUSIN, Priscila. **Narrativas e pesquisa biográfica na sociedade brasileira: revisão e perspectivas**. In: *Dossiê: narrativas - teorias e métodos*. Porto Alegre: Civitas, 359-382, 2014.

SANTOS, Hermílio; OLIVEIRA, Patrícia; FONTELLA, Odil Matheus. **Mulheres adolescentes, violência e narrativa biográfica**. Águas de Lindóia: 37º Encontro Anual da ANPOCS, 2013.

SANTOS, Hermílio. **Ação e relevância em narrativas de adolescentes autoras de atos infracionais**. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v2, n2, jul-dez 2012, p. 489-512.

\_\_\_\_\_. **Ação, relevância e interpretação subjetiva.** In: 35 Encontro Anual da ANPOCS, 2011, Caxambu. Anais do 35º Encontro Anual da ANPOCS. São Paulo: ANPOCS, 2011.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.** São Paulo: Cortez, 2007.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. **Hermenêutica: arte e técnica da interpretação.** Trad Celso Reni Braida. 5 ed. Bragança paulista: editora Universitária São Francisco, 2006.

SCHUCH, Patrice e FONSECA, Claudia. **Diversidade, desigualdade: "os direitos da criança" na prática: o sistema de abrigamento de crianças e adolescentes em Porto Alegre.** In: Políticas de proteção à infância: um olhar antropológico. Org. FONSECA, Claudia, e SCHUCH, Patrice. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SCHUTZ, Alfred. **Dom Quijote y el problema de la realidad**, Dianoia, vol. 1, nº1, 1955.

\_\_\_\_\_. **The phenomenology of the social world.** 1972: London Heinemann Educational Books.

\_\_\_\_\_. **El forastero.** Ensayo de Psicología Social. In: SCHUTZ, Alfred. Estudios sobre teoría social. Escritos II. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

\_\_\_\_\_. **El problema de la realidad social**, Escritos I. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 2008.

\_\_\_\_\_. **Sobre fenomenologia e relações sociais.** Edição e organização Helmut T. R. Wagner; \_ Petrópolis, RJ : Vozes; 2012 \_ (Coleção Sociologia).

SCHUTZ, Alfred ; LUCKMANN, Thomas. Traduzido por ZANER, Richard. M; ENGELHARDT, H. Tristram, Jr. **The structures of the life-world.** Northwestern University Press, 1973.

SCHÜTZE, Fritz. **"Pesquisa biográfica e entrevista narrativa"**, in: WELLER, Vivian; PAFAFF, Nicolle (org.), *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação - Teoria e prática.* Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Análise sociológica e linguística de narrativas.** In: *Dossiê Narrativas.* Civitas, Porto Alegre, v. 14, nº 2, p. e11-e52, maio-ago, 2014.

SILVA, Barbara. **A violência conjugal contra mulheres das classes médias do município de São Paulo.** São Paulo: USP, 2007.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUSA, Tânia Sofia. **Os filhos do silêncio: crianças e jovens expostos à violência conjugal - um estudo de casos.** Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2013.

SRUBAR, Ilja. **On the origin of “phenomenological” sociology**, Human Studies, 7: 163-189, 1984.

SUSIN, Priscila. **Construções familiares e experiências de violência**: pesquisa biográfica em uma favela carioca. 2014: Porto Alegre, PUCRS.

TEIXEIRA, N. Z. F. ; VIANNA LAC; PEREIRA, W. R.; DINIZ CSG . **Gênero e mortalidade materna**: razões para uma intersecção. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, 2008. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8. Florianópolis: editora da UFSC, 2008.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012**: atualização homicídio de mulheres no Brasil. Flacso Brasil, 2012. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.net.br/pdf2012/MapaViolencia2012\\_atual\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.net.br/pdf2012/MapaViolencia2012_atual_mulheres.pdf)>. Acesso em 19 nov. 2014).

WALKER, Lenore E. **Battered woman**. HarperCollins e-Books, 2009

WEBER, Max. **A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais**/Max Weber; tradução Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2006

\_\_\_\_\_. **Conceitos básicos de sociologia**/Max Weber; tradutores Rubens Eduardo Ferreira Frias, Gerard Georges Delaunay. São Paulo: Centauro, 2002.

\_\_\_\_\_. **Economia e Sociedade** - Fundamentos da Sociologia compreensiva I. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia. Revista Estudos Feministas 2001; 2:460-82.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolução**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.